

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes - Campus São Paulo

GLÓRIA MARIA DOS SANTOS

[ou, caderninho 0]

São Paulo

2023

GLÓRIA MARIA DOS SANTOS

[ou, caderninho 0]

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista
(UNESP) como requisito parcial para a obtenção do
diploma de Bacharelado e Licenciatura em Artes
Visuais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rejane Galvão Coutinho
Coorientador: Me. Luciana Martins Tavares de Lima

São Paulo

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S237c Santos, Glória Maria dos, 2000-

(Ou, caderninho 0) / Glória Maria dos Santos. -- São Paulo, 2023.

184 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho.

Coorientadora: Me. Luciana Martins Tavares de Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Artistas - Narrativas pessoais. 2. Livros de artistas. 3. Ficção autobiográfica. I.
Coutinho, Rejane Galvão. II. Lima, Luciana Martins Tavares de, 1991-. III.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 702.81

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

GLÓRIA MARIA DOS SANTOS

[ou, caderninho 0]

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) como requisito parcial para a obtenção do diploma de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais

Orientadora: Profª. Drª. Rejane Galvão Coutinho
Coorientador: Me. Luciana Martins Tavares de Lima

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: 27/11/2023

Banca Examinadora

Profª. Drª. Rejane Galvão Coutinho

Me. Luciana Martins Tavares de Lima

Me. Rodrigo Lopes Costa

Me. Marco Antonio Baena Fernandes Filho

Agradecimentos¹

Ângela, Caio, Camilla, Crislayne, Davi, Djalma, Gabrielle, Isa, Jessé, Júlia, Lu, Luís, Marcia, Mari, Mel, Nicole, Patrícia, Raquel, Raian, Ray, Rejane, Rita, Vica, Victória e Vó Lourdes...

Há uma série de nomes, uma série de pessoas, na verdade, as quais sou grata, pela companhia, pelo apoio, por acreditar e por outras mil e uma formas nas quais fizeram minha experiência possível. Sem estas pessoas, não haveria vida que pudesse ocupar qualquer espaço ou memória com meu nome e olhar.

¹ ou, Possível relato sobre o amor

a gente trabalha com o que tem: a vida inteira

RESUMO²

A partir de uma série de nove caderninhos iniciada em julho de 2022, o presente trabalho tem como objetivo explorar minha relação com os registros, uma expressão inevitável que se estrutura e deságua há muito tempo em cadernos como forma de ocupação e busca por espaço. Iniciados descompromissadamente, os caderninhos formaram com rapidez uma espécie de arquivo acidental de minha história de vida, cultivando em seu território de pesquisa diversas inquietações sobre sua elaboração e compartilhamento. Dispostos aqui em uma estrutura modular, cuja organização inicial intercala momentos de escrita e ensaios visuais, proponho então o rastejo entre uma série de ficções que atravessam da construção de mundo em memórias remotas e muitas anotações a minha formação como artista e arte-educadora.

Palavras-chave: caderno; espaço; registro; histórias de vida; processos de criação.

² ou, Tem coisas que eu quero te contar

ABSTRACT³

Based on a series of nine little notebooks started in July 2022, the present paper aims to explore my relationship with records, an inevitable expression that has long been structured and flowed into notebooks as a form of occupation and search for space. Started with no concrete plans, the notebooks quickly formed some kind of archive of my life story, cultivating in their territory various concerns about its elaboration and sharing. Arranged here in a modular structure, whose initial organization intersperses moments of writing with visual essays, I then propose a sort of crawling between fictions that go through the worldbuilding in memories and many notes to my training as an artist and art educator.

Keywords: notebook; space; record; life stories; creative processes.

³ or, There are things I wish to tell you

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - transcrição	015
Figura 02 -	018
Figura 03 - <i>Room in New York</i> , Edward Hopper	020
Figura 04 - Caderno de Edward Hopper	021
Figura 05 - Deixe-me ir	022
Figura 06 - Stories	023
Figura 07 - Página solta de um caderno de receitas	024
Figura 08 - Página de um caderno do meu pai	025
Figura 09 - <i>La Boîte-en-valise</i> (Caixa em uma valise), de Marcel Duchamp	029
Figura 10 - Maquete de <i>Poemóbiles</i> , Augusto de Campo e Júlio Plaza	030
Figura 11 - <i>I Went</i> , On Kawara	031
Figura 12 - <i>O Mapa da Casa Infinita</i> , Kátia Fiera	032
Figura 13 - [ou c1.39] - ampliada	041
Figura 14 - [ou c1.40] - ampliada	042
Figura 15 - [ou c1.50] - ampliada	043
Figura 16 - [ou c1.51] - ampliada	044
Figura 17 - [ou c1.52] - ampliada	044
Figura 18 - [ou c1.53] - ampliada	045
Figura 19 - [ou c1.54] - ampliada	045
Figura 20 - [ou c1.55] - ampliada	046
Figura 21 - [ou c1.56] - ampliada	046
Figura 22 - [ou c1.57] - ampliada	047
Figura 23 - [ou c1.58] - ampliada	048
Figura 24 - [ou c1.59] - ampliada	048
Figura 25 - [ou c1.60] - ampliada	049

Figura 26 - Grupo dos educadores no Whatsapp	050
Figura 27 - [ou c1.66] - ampliada	051
Figura 28 - [ou c1.67] - ampliada	053
Figura 29 - [ou c1.68] - ampliada	053
Figura 30 - [ou c1.70] - ampliada	054
Figura 31 - [ou c1.71] - ampliada	054
Figura 32 - [ou c1.72] - ampliada	055
Figura 33 - [ou c1.73] - ampliada	055
Figura 34 - [ou c1.74] - ampliada	056
Figura 35 - [ou c1.77] - ampliada	056
Figura 36 - [ou c2.09] - ampliada	057
Figura 37 - [ou c2.08] - ampliada	058
Figura 38 - [ou c210] - ampliada	059
Figura 39 - [ou c2.11] - ampliada	059
Figura 40 - [ou c2.13] - ampliada	060
Figura 41 - [ou c2.14] - ampliada	060
Figura 42 - [ou c2.16] - ampliada	061
Figura 43 - [ou c2.19] - ampliada	061
Figura 44 - [ou c2.24] - ampliada	062
Figura 45 - [ou c2.25] - ampliada	062
Figura 46 - [ou c2.26] - ampliada	063
Figura 47 - [ou c2.29] - ampliada	063
Figura 48 - [ou c2.32] - ampliada	064
Figura 49 - Minha primeira visita	065
Figura 50 - Minha primeira visita	066
Figura 51 - [ou c2.36] - ampliada	067
Figura 52 - [ou c2.39] - ampliada	067

Figura 53 - [ou c2.40] - ampliada	068
Figura 54 - [ou c2.41] - ampliada	068
Figura 55 - [ou c2.50] - ampliada	069
Figura 56 - [ou c2.51] - ampliada	069
Figura 57 - [ou c2.52] - ampliada	070
Figura 58 - [ou c2.53] - ampliada	070
Figura 59 - [ou c2.54] - ampliada	071
Figura 60 - [ou c2.59] - ampliada	071
Figura 61 - [ou c2.68] - ampliada	072
Figura 62 - [ou c2.69] - ampliada	072
Figura 63 - [ou c2.70] - ampliada	073
Figura 64 - [ou c2.72] - ampliada	073
Figura 65 - [ou c2.80] - ampliada	074
Figura 66 - [ou c3.05] - ampliada	075
Figura 67 - [ou c3.06] - ampliada	075
Figura 68 - [ou c3.08] - ampliada	076
Figura 69 - [ou c3.29] - ampliada	077
Figura 70 - [ou c3.33] - ampliada	077
Figura 71 - [ou c3.34] - ampliada	078
Figura 72 - [ou c3.39] - ampliada	078
Figura 73 - [ou c3.52] - ampliada	079
Figura 74 - [ou c3.85] - ampliada	079
Figura 75 - [ou c4.42] - ampliada	080
Figura 76 - [ou c4.44] - ampliada	081
Figura 77 - [ou c4.45] - ampliada	081
Figura 78 - [ou c4.52] - ampliada	082
Figura 79 - [ou c4.57] - ampliada	084

Figura 80 - [ou c4.73] - ampliada	084
Figura 81 - [ou c4.78] - ampliada	086
Figura 82 - [ou c5.03] - ampliada	089
Figura 83 - [ou c5.05] - ampliada	089
Figura 84 - [ou c5.07] - ampliada	090
Figura 85 - [ou c5.08] - ampliada	090
Figura 86 - [ou c5.09] - ampliada	091
Figura 87 - [ou c5.24] - ampliada	091
Figura 88 - [ou c5.28] - ampliada	092
Figura 89 - [ou c5.30] - ampliada	092
Figura 90 - [ou c5.32] - ampliada	093
Figura 91 - [ou c5.78] - ampliada	093
Figura 92 - [ou c5.79] - ampliada	094
Figura 93 - [ou c5.80] - ampliada	094
Figura 94 - [ou c5.86] - ampliada	095
Figura 95 - [ou c5.87] - ampliada	095
Figura 96 - Publicação de despedida	096

SUMÁRIO

1. Adivinhações e retornos [introdução].....	012
2. Construção de Mundo.....	015
2.1 Querido caderno, preciso que me acompanhe.....	015
2.2 para fazer sentido, seremos uma bagunça.....	017
3. bom registro e boa imagem.....	019
3.1 expressão inevitável.....	019
3.2 bom registro,	021
3.3 boa imagem.....	026
3.4 Preenchido assim parece um livro.....	027
3.4.1 Pensando no tempo.....	027
4. arte e vida.....	033
4.1 O observador e o observado.....	033
4.2 É só escrever sobre a gente mesmo.....	034
5. Procedimento e Formação.....	036
5.1 Procedimento.....	036
5.2 Alcançar instituições.....	038
5.3 Formação.....	040
6. Quando esse caderninho acabar o que será de mim? [conclusão].....	097
Referências.....	098
APÊNDICES.....	101
A. As coisas vão virando coisas.....	102
B. fico vendo se você me vê.....	166
C. Brochurão.....	174

1 Adivinhações e retornos

Este trabalho nasce e, de certa maneira, se justifica, a partir da minha relação íntima com os cadernos. Desde o início do meu processo escolar o caderno sempre foi uma ferramenta presente, suporte no aprendizado da leitura, no exercício da escrita e em outras propostas múltiplas, desenvolvidas dentro e fora da sala de aula nos últimos 17 anos, se não mais.

A partir de sua estrutura geral, com folhas unidas por costura ou uma espiral, o caderno se desdobrou continuamente como espaço, termo que ao longo do trabalho será relativo às possibilidades do suporte de registrar ou administrar registros em minha história de vida, despontando organizações que acolhem e acomodam desde então as inquietações, desabafos, desejos, processos, enfim, todo tipo de pensamento solto e/ou estruturado.

Da conversa com a ferramenta, hoje noto raízes e ramos ainda mais profundos e espalhados, me deparando assim com o registro. Essa pesquisa nasce da relação com os cadernos, mas sua gênese está no ato de registrar.

Entretanto, o registro por si só me pareceu grande, profundo e impalpável demais para esta escrita, estabeleço então uma ficção, ou uma série de ensaios fictícios, pensados a partir de uma amostra, que será exposta e analisada ao longo do trabalho como linha guia das relações propostas, tencionando a partir das histórias de vida essa tal relação com o registro e outras inquietações poéticas e pessoais que constituem minha pesquisa e formação como artista e arte-educadora.⁴

A fim de organizar esse processo, uma disposição modular será estabelecida a partir de 7 partes, sendo 3 delas ensaios visuais que em sua disposição inicial intercalam módulos de escrita. Além disso, a diagramação de todo o trabalho terá alterações, constituindo 3 formas com intenções diferentes: o repositório acadêmico, a apresentação como obra acessada digitalmente e a versão impressa, de acervo pessoal. O que se mantém, em todos os casos, é a apresentação de outros registros além da amostra selecionada, sempre de acordo com as discussões levantadas em cada ensaio.

⁴ Glória Maria é artista e arte-educadora, além de sommelier de sorvete de mercadinho, que nasceu em Jundiaí, se mudou para Campo Limpo Paulista e, desde 2018, ano em que ingressou no curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP, transita entre o centro e um lugar um pouco mais distante.

Para desenhar essa estrutura, o primeiro módulo apresentado é guiado pela ideia de **construção de mundo**, processo comum na escrita de ficções e de RPGs⁵ que consiste justamente no ato de delimitar, pela escrita e/ou desenho, o mundo e as dinâmicas na qual a história proposta acontece. Aqui, intenciono abordar minha relação com os cadernos e introduzir os caderninhos, uma série de 9 volumes que têm sido preenchidos desde julho de 2022 e que uso como amostra para as discussões do trabalho.

Essa construção culmina em **as coisas vão virando coisas**, um ensaio visual com imagens de todas as páginas já preenchidas, além de informações base sobre o período de preenchimento, quantas imagens foram realizadas e pequenas notações-títulos usadas como identificação nesta pesquisa.

No terceiro módulo, **bom registro e boa imagem**, parto para a relação pessoal com o registro e as preocupações estéticas que foram surgindo tanto ao preencher os caderninhos quanto quando comecei a compartilhá-los, além de alguns pensamentos sobre a proximidade e possível definição dos caderninhos como livros de artista.

O quarto módulo consiste em um livro de artista feito de páginas transparentes (acetatos), no qual uma folha solta pode ser manipulada transportando a mensagem **‘fico vendo se você me vê’** entre os níveis de opacidade que a transparência consegue oferecer. Para a diagramação do repositório e virtual, a imagem da mensagem ficará no final do livro, possibilitando um vislumbrar de todas as camadas antes da leitura com maior clareza.

Atravessado pelo livro, o quinto módulo, **arte e vida**, fala de ver, mais especificamente do visto, lembrando algumas relações da escola com a validação do caderno e consequente validação da pesquisa, apurando a partir destas como as pesquisas e escritas autocentradas (escrivência (EVARISTO, 2020), histórias de vida (COUTINHO, 2004), autoetnografia (MIRANDA, 2022) e escrita de si (FOUCAULT, 2002)) podem nos lembrar das negociações e disputas de poder que acontecem quando tratamos conhecimento como antônimo de experiência.

Ainda pensando na visão, o último ensaio visual, e sexto módulo, é feito das folhas mais opacas e vazias que formam um caderno **brochurão**, estrutura comum nos meus primeiros anos escolares e que é retomada quase como uma repetição, a partir do registro e apresentação de páginas que só parecem as mesmas por não terem sido ocupadas, um caderno vazio cheio de linhas.

⁵ Role Playing Game, ou jogo de interpretação, em tradução espontânea, é um tipo de jogo no qual os participantes interpretam personagens dentro de uma dinâmica previamente estabelecida, construindo coletivamente uma narrativa.

O sétimo e último módulo resgata o **procedimento** reforçado nos contatos com os cadernos mediados em sala de aula. Além disso, a partir dos trajetos que levei para alcançar instituições de ensino, cultura e trabalho, minha **formação** também é lembrada, palavra que inclusive foi nome do encontro semanal da equipe de educadores que integrei no Museu da Escultura e da Ecologia (MuBE), meses que constituem o último recorte deste capítulo, resgatando com mais espaço páginas selecionadas de 5 caderninhos e intercalando-as com memórias escritas e reflexões dispostas de maneira cronológica, na maioria das vezes.

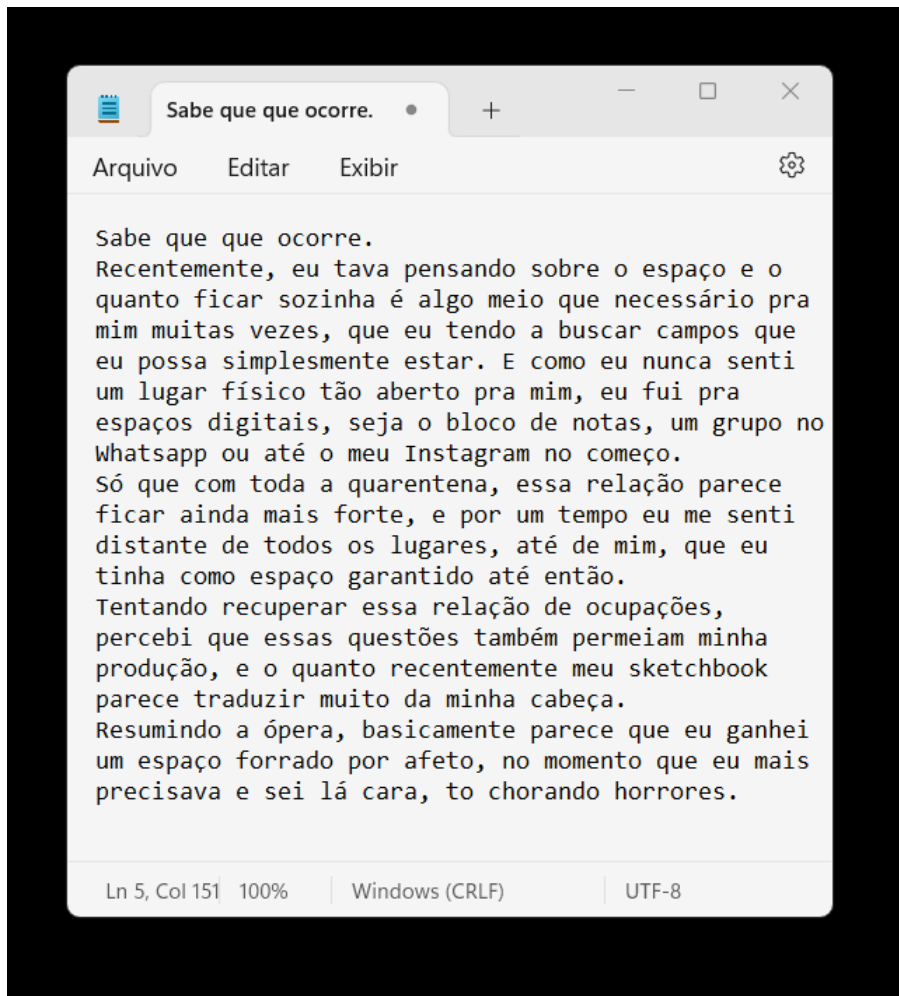
Por fim, uma pergunta ao invés de um módulo: **Quando esse caderninho acabar, o que será de mim?** Onde apresento minhas últimas notas sobre acabar (a graduação, esta pesquisa, os caderninhos...) e, principalmente, os desejos que ficam para as próximas páginas.

Aproveito então para pontuar que a versão que você lê neste momento é a primeira, voltada ao repositório, e que por esta razão, a disposição dos módulos foi deslocada de sua organização intercalada entre ensaios escritos e visuais para dois momentos separados, apresentando em junção as escritas e, depois, os ensaios visuais, deslocados a seção de apêndices para não modificar ainda mais sua diagramação. Desejo que todos os caminhos levem a uma boa leitura.

2 Construção de Mundo

2.1 Querido caderno, preciso que me acompanhe

Figura 01 - transcrição



fonte: acervo pessoal

O trecho acima é a transcrição de uma mensagem que enviei a duas amigas, Lu Martins^{6,7} e Alice Bombardi⁸, em julho de 2021, como agradecimento após receber em minha casa um novo caderno de presente de aniversário, acompanhado pela dedicatória “De uma folha à outra a tempestade se aproxima...”. Vi na chegada deste caderno a volta de muitas ondas passadas, dentre elas, o anseio pelo espaço privado, que tremulava com a novidade de capa turquesa.

Venho de uma família com 5 irmãos, convivi com 3 e morei com 2, nunca tive um espaço que fosse só meu, já tive momentos meus em espaços vazios, mas nunca um lugar que me garantisse privacidade dentro das construções. Em áreas e idades menores, já tentei me colocar em diários, movimento sempre atravessado pelo medo do olhar alheio justamente nas palavras mais íntimas e incertas que gostaria de expressar, e se tentassem me descobrir? Não cabe a mim questionar aqui a confiança nas pessoas ou nos meus pensamentos, mas é necessário o comentário para que se entenda como, em plena pandemia, já apanhava as expansões em minha relação com os cadernos e anotações. Um espelhamento que transitava entre intuição e consciência, o espaço perfeito para que o acaso se tornasse e abrigasse processos.

Reconheço aqui que seria tolo equiparar o despontar do caderno-presente, ou isolar um momento específico de qualquer outro caderno, como único responsável pelas soluções encontradas e comentadas neste trabalho. Ainda assim, é da lembrança desse presente, e também de outras memórias que ainda não apareceram no tempo da escrita, mas que certamente serão suscitadas, que destaco a resolução de que *aqui o caderno será sempre*

⁶ Nascida no interior paulista, Lu Martins desenvolve sua pesquisa em pintura que expande pelo espaço, alterando-o e por ele sendo alterado, em um constante embate com o tempo. Procura por ecos na literatura, sobretudo latinoamericana, ativando sua existência enquanto caipira. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), graduanda em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela mesma instituição e licenciada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (USP), atua na Residência L.O.T.E em Arte e defendeu a dissertação *Hipérbole do vermelho: Guimarães por Djanira e vivências de luto|solidão|memória* juntamente a sua primeira individual *Hipérbole do vermelho* na Galeria Alcindo Moreira Filho.

⁷ As minibiografias apresentadas neste trabalho foram fornecidas diretamente por seus correspondentes. Em casos excepcionais, quando extraídas de sites pessoais, redes sociais e currículos, ou até escritas por mim a partir de informações compartilhadas nesses meios e vivência, fontes, data de acesso e outras anotações coerentes acompanharão a nota.

⁸ Licenciada em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP, campus São Paulo (2023). Tem diversas experiências desde mediação cultural nos espaços expositivos, elaboração de oficinas, assistências artísticas e de ateliê, pesquisa e criação de conteúdos sobre artes nas redes sociais até planejamento de aulas no ensino formal. Multiartista que trabalha com diversas técnicas e materialidades como desenho, pintura, técnicas de reprodução (gravura, serigrafia, fotografia), colagem, tricô, cerâmica etc. Atualmente desenvolve pesquisa em cerâmica. Compartilha um pouco da sua trajetória por meio de imagens no seu perfil do Instagram @alice.bombardi e @gabinetedeimagens. [...]. Disponível em: Alice Roger Bombardi | LinkedIn. Acesso em: 08 de nov. de 2023

entendido como um espaço de ocupação, o registro como um movimento de ocupação, e a análise como leitura de ocupação.

2.2 para fazer sentido, seremos uma bagunça

Um ano depois, um conjunto de 3 cadernos pequenos chegava a mim pelas mãos de outra amiga, Mariana Tescarollo⁹. Dessa vez não se tratava de um presente, mas sim de um compra conjunta desenrolada pela combinação de um bom preço¹⁰, aproximadamente R\$06,00 por caderninho, e a possibilidade de frete grátis caso o pedido ultrapassasse o valor de R\$39,00.

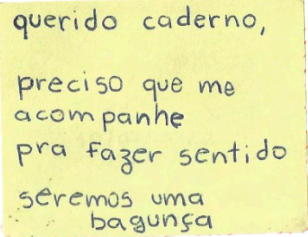
Além do contexto, esses novos cadernos tinham muitas diferenças se comparados ao presente do ano anterior: eram bem menores, não tinham dedicatória nem eram artesanais, suas bordas são arredondadas, capas brilhantes com toque um pouco emborrachado, ao invés do tecido turquesa. Também são fechados com um elástico, tem uma fita marca-páginas e a gramatura do papel é menor, fina como as folhas de cadernos escolares, porém sem pauta e levemente amareladas.

Já que surgiram mais pela possibilidade de compra do que pelo desejo de ocupar, não havia planos para sua chegada. Mariana já intencionava usá-los como um caderninho de bolso, que seria acompanhado de um pequeno estojo, para que a miudeza dos cadernos fosse combinada a de uma aquarela, uma caneta tinteiro e outra com reservatório para água. Lu, o terceiro nome nessa compra, não parecia ter planos, assim como eu... A questão é que, mesmo sem planos, em pouco tempo de uso (apenas uma página), um tratado foi estabelecido entre mim e o primeiro caderninho:

⁹ Mariana Tescarollo. Artista, professora e pesquisadora, graduada em Artes Visuais pela UNESP. Por meio de sua produção plástica, investiga a materialidade e imaterialidade da translucidez na construção de imaginários, se valendo de figuras estilizadas de coelhos.

¹⁰ Como nota em consideração ao tempo, a transformação e a diversidade dos contextos, deixo aqui o preço de outras coisas, geralmente mais cotidianas que um caderninho na vida urbana. Em julho de 2022, as tarifas de metrô, trens e ônibus municipais de São Paulo custam R\$04,40, o salário mínimo nacional (LEI N° 14.358) é de R\$1212,00 por mês (R\$40,40 por dia ou R\$05,51 por hora). Um caderninho equivale então a mais de uma hora trabalhada seguindo a remuneração mínima vigente na época da compra.

Figura 02



querido caderno,
preciso que me
acompanhe
pra fazer sentido
seremos uma
bagunça

fonte: acervo pessoal

E é deste tratado que surge uma série de caderninhos usada como amostra ao longo da pesquisa.

3 bom registro e boa imagem

3.1 expressão inevitável

Na companhia dos caderninhos, pude me lembrar de duas falas feitas em aulas de desenho, pelo professor José Spaniol¹¹, no primeiro ano da graduação. Não consigo citá-las como numa transcrição, o tempo faz isso com as palavras que eu não gravo, mas acredito que sua essência permanece suficientemente compreendida para ser transmitida com os devidos créditos, e principalmente, que é dessa essência compreendida que minha análise e trabalho consegue beber.

Comentando a maturidade dos estudantes do curso, o professor mencionou a disputa enfrentada por muitos alunos de artes visuais para permanecer na área. De acordo com ele, provavelmente seria muito mais fácil, ou talvez comum, seguir o desejo da maioria das famílias e buscar uma carreira com mais estabilidade financeira e oportunidades de emprego, entretanto, para alguns, fazer essa troca era impossível, por isso a presença no curso muitas vezes implicava diversas batalhas anteriores, que confirmavam o quão inevitável era o fazer artístico em nossas vidas.

Junto à primeira fala, compartilho uma memória: no final de 2022, durante um encontro, fui desenhada contando essa história. Próximo ao meu rosto, foi transcrita uma frase que usei contando o caso: “expressão inevitável”. Nunca sei se credito esse termo ao professor, ao encontro ou a mim mesma, mas ele ecoa em minha mente e em minha prática há um bom tempo.

Em outro momento, comentando o trabalho de um artista (acredito que Edward Hopper, pela lembrança de imagens de suas pinturas¹² e cadernos¹³ na televisão do ateliê) o

¹¹ José Spaniol é artista plástico e professor doutor do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Entre 1990 e 1993, estudou na Academia de Artes de Düsseldorf, Alemanha, como bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico. Em 1999, ganhou a Bolsa Virtuoso do Ministério da Cultura para cumprir período de residência no European Ceramics Work Center, na Holanda. A produção inicial do artista parte de referências a objetos cotidianos, como portões, balões ou cartazes de rua, e estabelece uma troca entre a função utilitária e a poética. Desde os anos 1990, explora a relação que suas obras estabelecem com a arquitetura e os locais expositivos. Disponível em: <https://www.jspaniol.com/>. Acesso em: 08 de nov. de 2023

¹² Edward Hopper foi um pintor, artista gráfico e ilustrador norte-americano conhecido por suas misteriosas pinturas de representações da solidão na contemporaneidade. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/edward-hopper/m0hc3t>. Acesso em: 08 de nov. de 2023. Tradução nossa

¹³ Depois que Edward Hopper completava uma pintura ou outro trabalho que pretendia vender, como uma aquarela ou uma gravura, ele fazia um pequeno esboço para seus registros, documentando suas composições em configurações precisamente renderizadas de traços ousados e hachuras intrincadas. Os esboços, mantidos em livros contábeis comuns das lojas Woolworth, narram uma vida inteira de trabalho. A esposa de Hopper,

professor disse “reparem como ele faz uma anotação...”. Nunca tinha visto o desenho referido como anotação, mas desde então tenho pensado anotações visuais, e então corporais, sonoras, múltiplas. Acredito que, ao olhar os cadernos, pelo menos em uma página, essa fala possa ser repetida, talvez eu queria que em sua leitura também repare em minhas anotações.

Figura 03 - *Room in New York*, Edward Hopper



Óleo sobre tela, 1932

Fonte: <https://sheldonartmuseum.org/news/edward-hopper>

Josephine (Jo) Nivison Hopper adicionou descrições animadas de cada obra, muitas vezes imaginando detalhes anedóticos que Hopper - um homem de poucas palavras - nunca discutiu. Os livros contábeis documentam o fim comercial do trabalho criativo de Hopper, à medida que Jo Hopper registrava a data de conclusão, a descrição, o preço de venda e o comprador de cada obra. Os livros também incluem listas de trabalhos expostos, referências a artigos e resenhas e detalhes sobre viagens e prêmios, tornando-os um recurso inestimável para historiadores de arte e acadêmicos. Disponível em: <https://whitney.org/collection/works/11017>. Acesso em: 08 de nov. de 2023. Tradução nossa.

Figura 04 - Caderno de Edward Hopper



Fotografia de Deborah Abrams Kaplan.

Obra exposta no Whitney Museum of American Art

Fonte: <https://jerseykids.net/2023/02/18/edward-hopper-at-the-whitney-with-kids/>

3.2 bom registro,

Continuando a nostalgia, quero adicionar uma terceira fala ao agregado de memórias que se forma nesse texto. As palavras escolhidas, novamente, não devem ser lidas como transcrição, mas sim como uma das lembranças deixadas pelo professor Agnus Valente¹⁴.

Durante uma conversa com o professor e diversos estudantes da turma, ele pontuou como achava interessante a forma que muitas questões já presentes nos primeiros trabalhos dos alunos despontavam nos anos finais da graduação como eixos centrais de suas pesquisas, agora de maneira mais consolidada.

Agnus era um professor que discorria muito sobre processos, por um momento, durante a pandemia, considerei sua orientação para um trabalho de conclusão de curso. Certamente, qualquer mudança do passado faria outra coisa desta escrita, mas as considerações são incessantes.

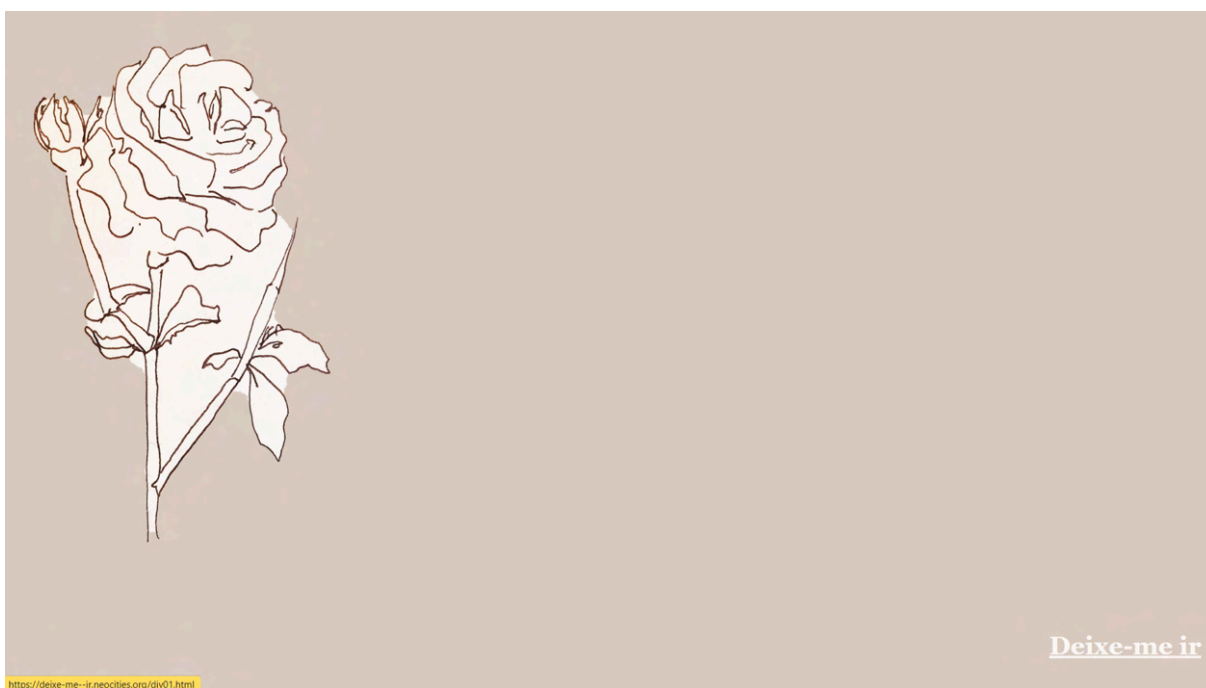
¹⁴ aGnuS VaLeNte, artista híbrido com pesquisa em Arte Híbrida. Atuou por anos no Instituto de Artes da UNESP, local em que o conheci, como professor, pesquisador, chefe de departamento, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes, presidente da Comissão de Moradia Estudantil e movimentando diversas iniciativas de extensão, como a residência L.O.T.E e a Feira Kraft. (Texto escrito *In memoriam*)

O registro é minha expressão inevitável, um tema tão antigo que já se consolidou como hábito, que me foi ensinado mas também acolhido, e que ecoa desde então, seja lá qual tempo for. Entretanto, o ‘bom registro’ é uma preocupação posterior, principalmente quando sua qualidade é tomada como qualquer resultado de uma escolha consciente, uma pesquisa estética de ação e compartilhamento que revisita as instâncias do hábito em si e as remodela.

Exemplos dessas tentativas de organização podem ser destacados em diversos trabalhos realizados na própria graduação. Fora das disciplinas (e até dos cadernos), os registros também foram meu tempo, caminho e imagens, esse trabalho poderia ser sobre meus *stories*¹⁵, por exemplo, os quais venho criando desde 2019 em estéticas diversas que sempre resultaram do espelhamento do meu processo de apreensão e criação.

Além disso, também começo a questionar se os registros não são uma herança. Quem me dera analisar os cadernos de meu pai, ou todas as receitas deixadas pela minha avó.

Figura 05 - Deixe-me ir



Obra desenvolvida por Glória Maria e Lu Martins como trabalho final da disciplina Mídia 7 - Arte em Rede, ministrada pela Profª Drª Rosangela da Silva Leote.
Disponível em: <https://deixe-me--ir.neocities.org/>

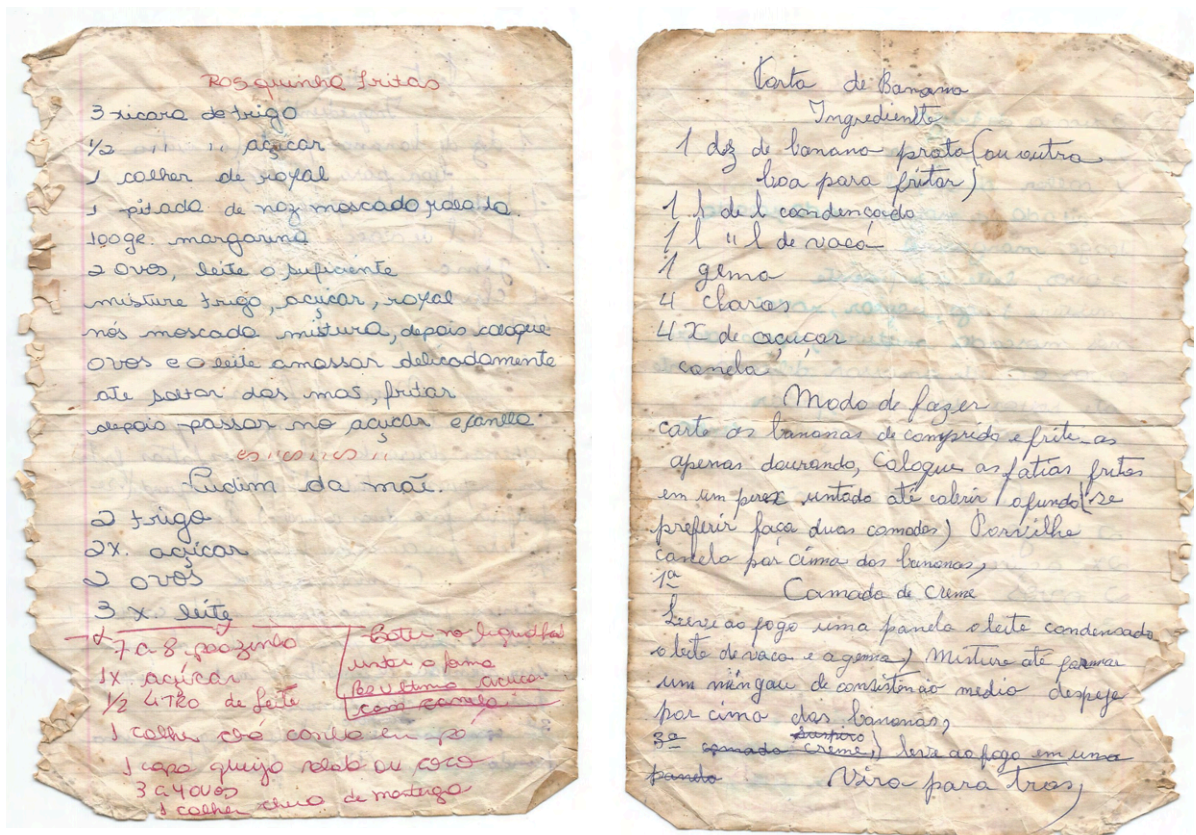
¹⁵ Ferramenta da rede social Instagram que possibilita o compartilhamento temporário (apenas 24 horas) de fotos e vídeos.

Figura 06 - Stories



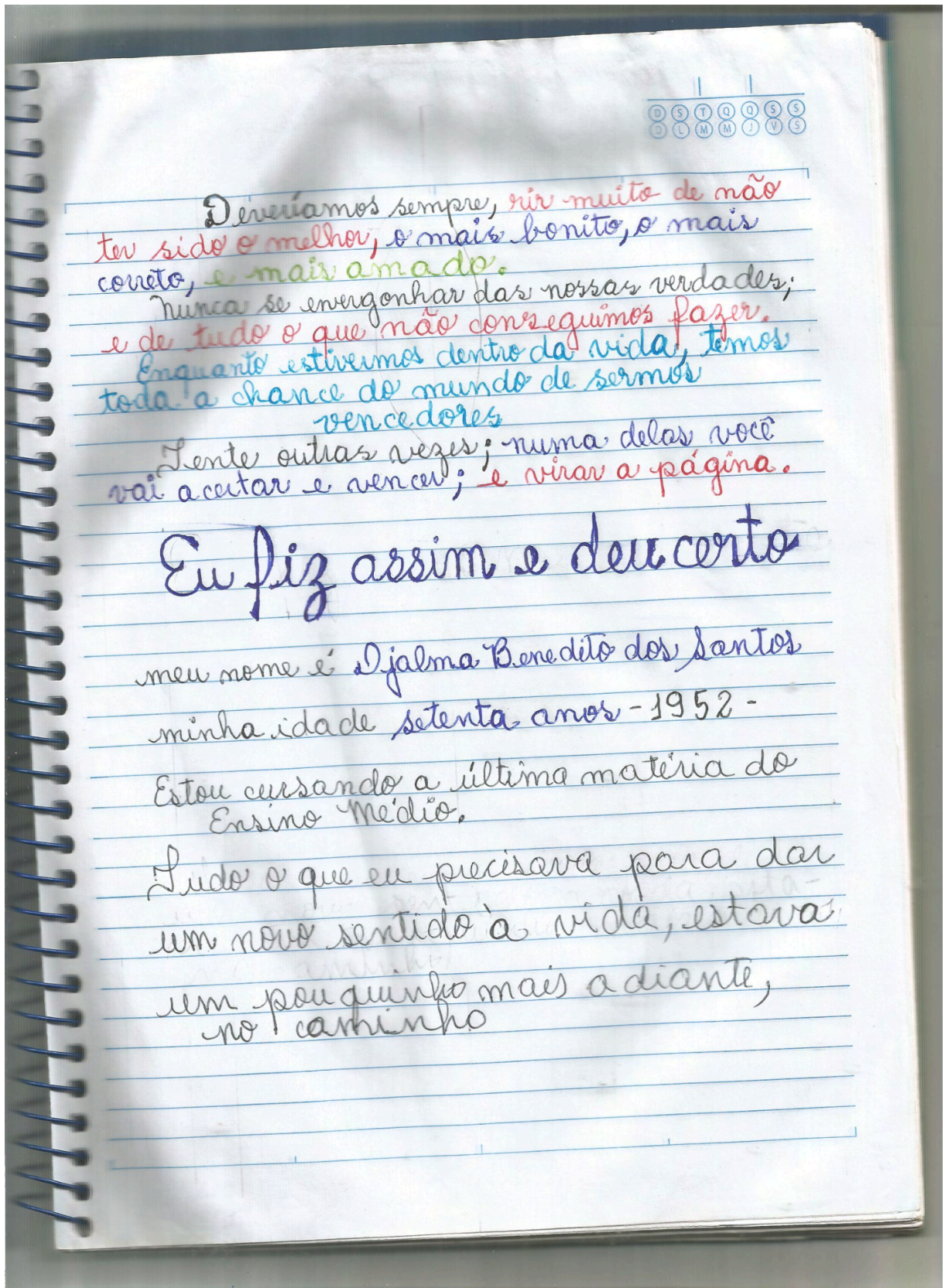
Compartilhados em 30/10/2023; 31/10/2023 e 02/11/2023 na conta de Instagram @m.ind.s
 Fonte: acervo pessoal

Figura 07 - Página solta de um caderno de receitas



Escrito por minha mãe, Márcia, e minha avó materna, Maria de Lourdes, respectivamente.
 Fonte: acervo pessoal

Figura 08 - Página de um caderno do meu pai



Ainda assim, é importante relembrar as relações nas quais se cria esse texto; aqui, em sua descrição mais ampla, o registro é movimento de ocupação, e não a experiência (LARROSA, 2022) registrada em si. Por mais exteriorizados e estruturados que os registros sejam, por mais que me exponham e acompanhem para além do meu corpo e consciência, os registros são registros, tão verídicos e mentirosos quanto quaisquer outros.

3.3 boa imagem

Ao longo dos caderninhos, novas formas de temporalidade e tridimensionalidade foram investigadas considerando a estrutura física fornecida pelo suporte. Folhas se desdobram ou são adicionadas para expandir o caderninho, páginas são puladas e depois retornadas, modificando os tempos de escrita, objetos são anexados ou guardados de alguma forma em seu miolo, as laterais carregam palavras, e nenhum desses movimentos se traduz com praticidade na imagem.

Chamo de imagem um segundo processo dos registros, que confirma a existência e encerramento do caderninho ao qual se refere e que, secundariamente, também arremata sua conversão/tradução em uma ocupação que finalmente pode ser lida em integridade, mas que não substitui a primeira ocupação, é outra por si só.

Nesses novos registros, totalmente virtuais, a única preocupação é o ajuste padronizado do scan, para que toda imagem tenha páginas, capa, contracapa e laterais igualmente posicionadas. Compartilhadas no Instagram, essas imagens acabaram em montantes de até 10, sempre enumeradas e, em sua maioria, acompanhadas de notações-título como legenda.

No caso deste trabalho, o ensaio é composto pelos scans originais das imagens, uma escolha justificada por dois motivos: sua forma, que é ainda mais despreocupada, revelando o que vem antes do ajuste (processo), e o formato retangular, mais adequado as três diagramações pensadas para esta escrita, uma pautada em sua possível inserção num repositório acadêmico, outra focada na disseminação da pesquisa como obra em ambiente virtual e, por fim, a versão impressa, de acervo pessoal.

3.4 Preenchido assim parece um livro

“Embora seu nome remeta ao livro, que aparece de forma mais definida no imaginário popular, o livro de artista **não precisa necessariamente ser um**. Podem ser cadernos de desenho, diários, uma coleção de bilhetes de metrô, uma maleta de ferramentas e até mesmo uma caixa, **sendo a forma uma escolha**.

Também **não precisa se limitar** a textos ou ilustrações. **Pode ser interativo**, ou seja, pensado para o contato com outras pessoas, **ou muito pessoal**, algo acessado só pelo artista ou grupos definidos por este. Muitos dos trabalhos que consideramos como livros de artistas foram feitos com intenção de registro pessoal, por exemplo.” (OLIVEIRA, 2022, p. 103)¹⁶

O ato de compartilhar amplia a leitura, surge então uma nova preocupação formal: poderiam os caderninhos, em qualquer momento, serem considerados livros?

3.4.1 Pensando no tempo

Em análises posteriores das vezes em que acompanhei leituras dos caderninhos, percebi que as folhas se passavam sempre dando mais atenção às figuras e às escritas curtas do que às escritas longas. Não posso confirmar os porquês, mas chego a possíveis conclusões de que, na maioria dos casos, o texto longo manuscrito é visto ou como algo pessoal, extremamente íntimo, logo pulado, ou pelo contrário, algo extremamente técnico e banal, por isso desinteressante ao conjunto da obra.

Ademais, uma conversa recente iluminou um terceiro caminho de leitura, que retoma e amplia pontos já colocados. Primeiro, lembra que os textos, independente de suas dimensões, também são imagem, e o tempo de leitura daquilo que é visto puramente como imagem se difere das padronizações simbólicas, em que a busca por correspondentes é mais certa, mesmo que somente num nível de declamação e decodificação.

Segundo, lembra que os registros não são comprovantes de uma experiência que não seja a de registrar, logo, sua intimidade é questionável, mesmo quando embebidos de sinceridade.

Por fim, essa interpretação também ilumina o tema principal do próprio questionamento, o tempo, afinal, as inquietações nunca começaram pela profundidade notada, vislumbrada ou atribuída na minha leitura da leitura alheia, mas sim pelo tempo despendido entre as folhas. Mesmo que conscientemente já tenha a certeza de que não há um tempo ideal,

¹⁶ Trecho de *O livro de quatro movimentos*, material elaborado por Glória Maria dos Santos e Mariana Tescarollo Kern de Oliveira como proposta de ocupação (trabalho final) para disciplina Didática Geral, ministrada pela Prof. Dr^a Rita Luciana Berti Bredariolli em 2021. Foi publicado e analisado em “ESPELHOS E REGISTROS: atravessamentos do caderno de artista na educação”, Trabalho de Conclusão de Curso de Mariana.

algo claro nas manipulações das imagens, muitas vezes montadas e postadas de forma ágil, concomitante ao próprio tempo das redes de compartilhamento¹⁷.

Tempo, leitura e livro são palavras que se entrelaçam pela experiência. Seria a leitura rápida dos textos longos nos caderninhos um indício, evidência ou até prova final de que estes não são livros? Mesmo se em outras produções, dadas e reconhecidas como livros, as imagens, quando em seu potencial de imagem “ilustrativa”, são passadas da mesma forma? Qual tempo faz da leitura algo de um livro? Qual o limite de um caderno? Quando um diário é revisado, reproduzido e publicado, por exemplo, o que acontece?

No geral, mais do que respostas e definições, esta pesquisa se preocupa com a elaboração e exibição dos processos que consolidaram a amostra apresentada e analisada. Uma nomenclatura tem um ‘peso’ que balançaria esse pêndulo livro-caderno/caderno-livro por caminhos ainda desconfigurados, por isso prefiro manter algumas dúvidas e ambiguidades como trajetos, não necessariamente meus, a serem percorridos.

“Então pode tudo?
Por que não poderia?”
(OLIVEIRA, 2022, p. 103)

¹⁷ “[...] a rede na qual Tulio publicou seu diário de viagem, é uma rede de compartilhamento, não de arquivamento. O objetivo do Facebook (do Instagram ou de outras redes) não é preservar a memória [...]” (VIANA, 2021, p. 383)

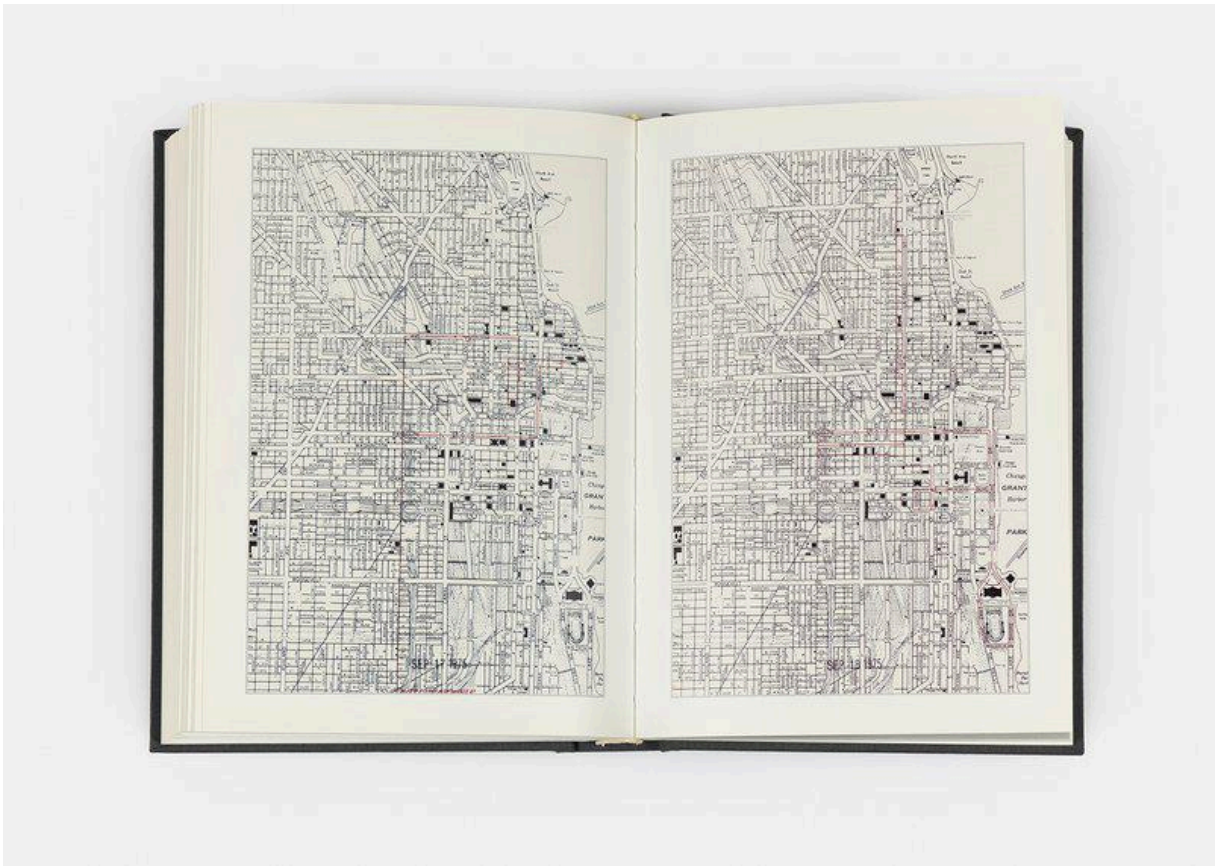
Figura 09 - *La Boîte-en-valise* (Caixa em uma valise), de Marcel Duchamp ¹⁸



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bo%C3%A0ete_en_valise_de_Marcel_Duchamp.jpg

¹⁸ Trabalho usado como exemplo no material didático *O livro de quatro movimentos*

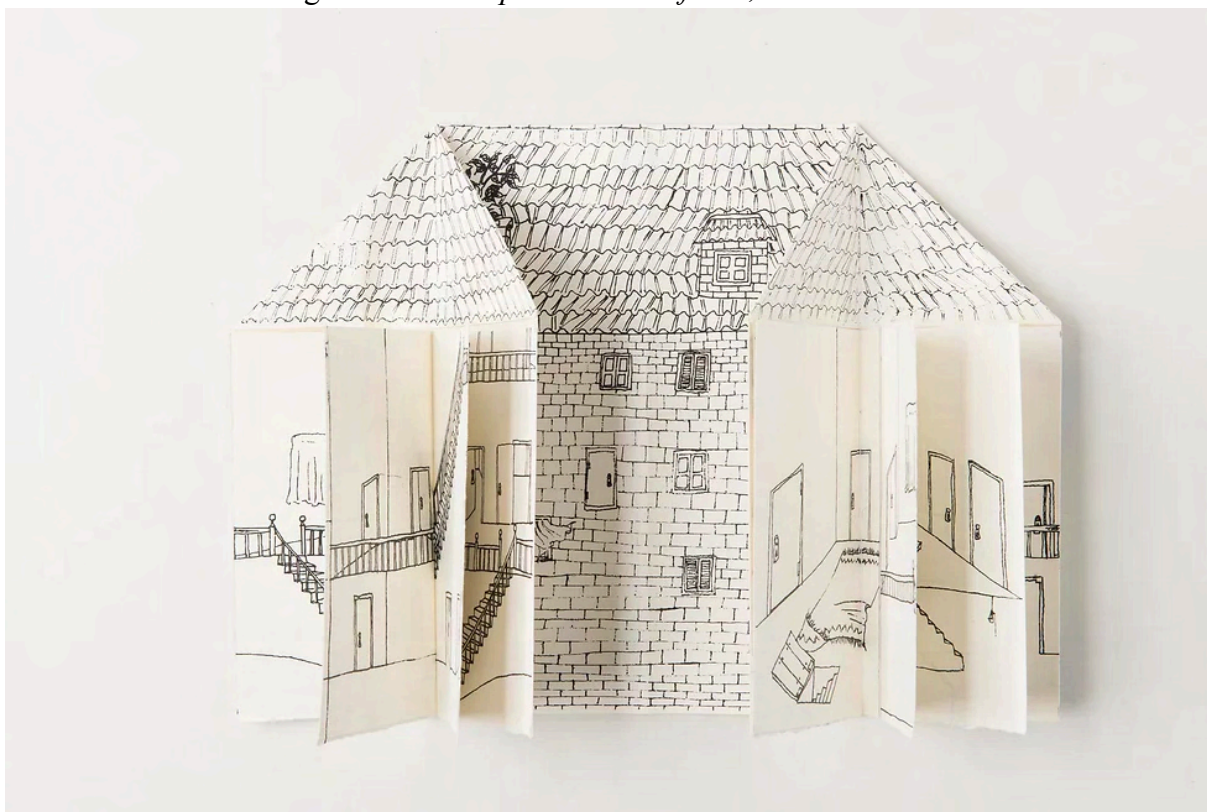
Figura 11 - *I Went*, On Kawara ²⁰



Fonte: https://www.artspace.com/on_kawara/i-went#

²⁰ *idem*

Figura 12 - *O Mapa da Casa Infinita*, Kátia Fiera²¹



Fonte: <https://www.katiafiera.com/product-page/o-mapa-da-casa-infinita>

²¹ *idem*

4 arte e vida

4.1 O observador e o observado

Onde eu estou eu sou, e onde eu sou eu estou²², com todo o peso do meu corpo delicado [...] ²³

Quando desenhei o material didático ‘O livro de quatro movimentos’ junto a uma amiga já mencionada nestes textos, Mariana Tescarollo, a imagem do espelho foi usada nas dobras “como lembrete e abertura que conecta todos os movimentos.” (OLIVEIRA, 2022, p. 102). Aqui, espero um caminho semelhante pelas transparências, de atravessamento entre o já dito e o já experienciado tanto pelo corpo que escreve quanto pelo que lê.

‘fico vendo se você me vê’ é uma angústia que notei no campo do amor, e depois em todo o meu redor; uma mágoa infantil que segue, mais lúcida ou opaca, pelos momentos que me tecem. Agora é também uma posição que adoto para retomar a minha experiência na escola, ambiente em que comecei a me aproximar e apropriar de cadernos. Das lembranças que trago até então, estas serão as menos específicas, opto lembrá-las em um compilado generalizado de memórias que imagino comuns para pessoas que passaram pelo sistema de ensino escolar em salas de 30 ou mais pessoas, simultaneamente compelidas a viver, explicar e entender uma gama de sensações e conteúdos.

Essa lembrança está no visto, assinatura que já acompanhou muitas folhas com transcrições, produções e resoluções minhas, na maioria das vezes realizado na escrita ágil de uma letra V em caneta ou em um carimbo com espaço para data. Foi ferramenta de comprovação, do olhar docente sobre as produções mais cotidianas, mas também já teve o ‘peso’ de presença, participação ou nota. Talvez se ligue a sensação de que um caderno válido nunca será visto só por mim, e ao medo dessa mesma instância num caderno íntimo.

Nos cadernos de arte, os vistos também corriam com o risco de ser uma decepção, que desconsiderasse ou até estragasse uma produção querida ao interferir na imagem de maneira tão rápida e metódica, tudo para que o acerto seja validado e sinalizado, indicando a

²² “Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou” Fala de Beatriz Nascimento em ORÌ, documentário de Raquel Gerber, lançado em 1989 que retrata os movimentos negros brasileiros entre 1977 e 1988. Beatriz é responsável pela pesquisa e narração na produção.

²³ Trecho de um trabalho autoral realizado para a exposição coletiva *Com todo o peso do meu corpo delicado*. O trabalho completo consiste num happening realizado no primeiro dia da exposição, no qual 21 folhas com o mesmo texto transcrito a mão, com desenhos de observação no verso, foram expostas em uma prensa em frente à galeria para que os visitantes as levassem consigo.

congruência entre a trajetória do estudante e o plano do docente, da instituição, do currículo (SILVA, 1999), do Estado, etc.

Nas vivências da graduação e nos caderninhos que compartilho aqui, o visto já ocupa concretamente um lugar de memória, mas as relações entre ver e validar seguem ecoando, amplificadas pelo não-lugar²⁴ facilmente dado a, ou encontrado por, corpos cotidianamente lidos não-centrais, não-padrões e/ou ambíguos. Aqui, por exemplo, foi encontrado por um corpo gordo, pardo e bissexual que vive distâncias entre as instituições que ocupa, as imagens mais consumidas e as categorias.

4.2 É só escrever sobre a gente mesmo

“[...] pois, se estamos falando de uma supremacia que exerce sua dominação sobre grupos/povos e, conseqüentemente, sobre o conhecimento, a narrativa e a verdade, o que significa qualquer coisa? Por quais parâmetros o bem escrito é avaliado? Como quantificar a criatividade? Qual é a função da autoetnografia se nem todos os relatos são considerados apropriados? Dessa forma, interessa-me demonstrar que as autoetnografias têm a possibilidade de interpelar os estereótipos e as narrativas hegemônicas, de criar espaços vastos de reflexão e de auxiliar no aperfeiçoamento das nossas incessantes negociações no campo do conhecimento.” (MIRANDA, 2022, p. 70)

Ao longo das páginas, a escrita nos caderninhos foi marcada por uma construção espiralada de letras bastão, compostas por linhas que repetem caminhos antes de serem concluídas, expandindo e integrando ao texto um fantasma tão próximo e semelhante que é quase inútil, já que não altera suficientemente os processos de decodificação e leitura. Nesse formato, palavras surgiram junto das linhas sem letras e formas, construindo possibilidades que se embaralham e modificam a espiral.

Seria impensado dividir texto e imagem, tudo se sobrepõe, todas essas formas, tensões múltiplas, integram uma produção constante de arte e vida, poéticas pessoais capazes de registros e denúncias de um corpo subjugado. Ainda assim, pode tudo isso ser validado como pesquisa? Como?

O que no corpo e na voz se repete é uma episteme.

(MARTINS, 2003, p.70.)

²⁴ Termo cunhado pelo etnólogo e antropólogo francês Marc Auré para se referir a espaços nos quais a presença humana é tão anônima, tão desincorporada da identidade de quem habita, que impede a classificação do espaço como lugar. Tornou-se também uma ideia recorrente em discussões do movimento negro, principalmente em pautas a respeito do pertencimento de pessoas negras de pele clara (pardas), dada a frequência de questionamentos e atribuições que atravessam esses corpos na tentativa de classificá-los, ressoando e ecoando a sua falta de lugar por serem lidos como claros demais para serem negros e escuros demais para serem brancos.

Aqui, a forma escolhida foi pensada entrelaçando quatro maneiras: escrevivência (EVARISTO, 2020), histórias de vida (COUTINHO, 2004), autoetnografia (MIRANDA, 2022) e escrita de si (FOUCAULT, 2002), todas metodologias que encontram em comum a identificação da vida como campo fértil de pesquisa e o registro como possibilidade de elaboração de si e dos seus, em recortes maiores e menores.

Dentro dos caderninhos, as aberturas aos seus e aos mundos estão em episódios, pequenos registros de experiência que permitem atrelar vivências próprias nas estruturas ocupadas pelo corpo-autor ao possível estado de algumas instituições, partindo da presença como corpo de trabalho em espaços de cultura, além de relances do corpo discente na graduação em Artes Visuais, experiência que se encaminha para conclusões com a escrita desta dissertação.

"A poesia é a virtude do inútil."
(SÓ Dez Por Cento É Mentira, 2010, 7m55s)

5 Procedimento e Formação

5.1 Procedimento

“[...] quais os comportamentos que esses objetos impõem a colecionadores?” (POMIAN, 1984, p. 85)

Como já citado nesta pesquisa, foi em ambiente escolar que comecei a me aproximar e apropriar de cadernos, dos mais antigos em minha memória, percebo uma estrutura A5, encadernada em brochura e com folhas pautadas, que ficava guardado no armário da sala e era usado apenas em algumas aulas, ou como agenda para comunicação entre pais e instituição. Em seguida, cadernos de caligrafia e cadernos pautados maiores começam a aparecer, junto a uma sensação de evolução paralela entre os espaços e ferramentas de ocupação e a complexidade do conteúdo abordado em sala.

De repente, o caderno sai dos armários e passa a ser um companheiro que deve estar na mochila escolar, ele agora tem espirais, pode ser usado com canetas e é gigante, alcançando 400 folhas pautadas que são organizadas em 20 seções de 20 folhas cada, chamadas de ‘matéria’ pelo aproveitamento que costuma ser dado a divisão proposta e a organização do espaço dedicado as transcrições, anotações e resolução sobre cada disciplina no ano escolar.

Em detalhes, se aproximavam mais ou menos do desejo de acordo com o momento econômico da família e as percepções das crianças. Às vezes sua chegada acontecia depois de um longo dia na casa da vó, quando os pais voltavam de São Paulo carregando sacolas grandes do Armarinhos Fernando²⁵, cheias de materiais correspondentes às listas de 3 filhos, ou então após uma visita com a família em lojas não tão grandes e nem tão distantes, quando as listas já faziam menos exigências ou havia surgido uma boa quantidade de serviço a mais, possibilitando escolhas. Por fim, também já vieram em sacolas, caixas ou mochilas fornecidas por sindicatos, pelo Estado, pela prefeitura ou pela própria escola, tanto em programas de apoio estabelecidos, quanto como recompensas ou resposta docente ao notar uma falta material.

Nas suas páginas, concepções de espaço se davam a partir dos procedimentos reforçados em sala, focados principalmente na escrita, na resolução de questões e na

²⁵ Rede de lojas de itens diversos, como artigos infantis, armarinhos, bazar, papelaria e utilitários, distribuída em 16 unidades na Grande São Paulo.

organização dos discentes. Aconteciam nas folhas sequencialmente ocupadas, nos cabeçalhos, nas linhas, que limitavam o tamanho das letras e frases, ou até mesmo o espaço separado para execução de um exercício, inicialmente indicado pela professora e marcado na transcrição ao se realizar um x no começo de cada linha deixada para o futuro.

Outros procedimentos de espaço na escrita estão na distância entre palavras e no parágrafo, marcados em meu período escolar pela medição de um ou dois dedos antes de escrever, algo que deixou de fazer sentido quando ultrapassei meu tamanho de criança. Mas essa é a história dos cadernos pautados, nos casos escolares sem pauta, usados principalmente nas aulas de artes dos 6 aos 15 anos, a estrutura nunca se alterou muito, eram sempre horizontais, com menos de 50 folhas em branco e capas flexíveis, com apenas uma exceção, de capa dura e folhas com margem milimetrada, escolhida como opção própria no Ensino Médio.

Outra diferença desses cadernos e de seu contexto, as aulas de artes, era a consideração do espaço para além das escritas e cálculos, os estímulos nessas folhas muitas vezes destacavam um aproveitamento consciente, principalmente em casos como o meu, que realizava majoritariamente desenhos pequenos, independente do tamanho da folha disponível. Ainda assim, também passavam pela organização e controle a partir das margens exigidas em algumas aulas ou a determinação de espaços dedicados para atividades.

Após anos de procedimento, chego em um ambiente e etapa de escolaridade com mais independência, a universidade. Agora, o caderno ou qualquer estrutura de registro e organização análoga deixa de ser uma obrigação, as cobranças também se atenuam e não há bilhetes ou reuniões para responsáveis. Por ser um curso de artes visuais, o papel ainda parece importante, sendo pedido para o exercício do desenho.

Um formato que já conhecia mas que ainda não havia usado nesse momento era o *sketchbook*, traduzido livremente para caderno de rascunhos, uma ferramenta comum entre artistas na elaboração de projetos e exercícios. Em 2018 tive o meu primeiro desses, algo semi-feito por mim, que escolhi um bloco de folhas com textura, gramatura, tonalidade e preço que me interessassem mais, e pela papelaria, que realizou sua encadernação com uma espiral e contracapa preta além da capa transparente.

Ao longo do curso o *sketchbook* foi o tipo de caderno que se manteve, era usado em sala, para anotações rápidas, desenhos, ideias e exercícios, mas principalmente fora dela, reunindo páginas de experiências e produção, até que, em 2020, tão integrado ao meu processo, a ferramenta despontava como tradução de grande parte do que pensava e planejava fazer.

“Quando entramos para escola primária, a professora nos convida a mantermos nós mesmos os nossos arquivos. Na segunda-feira de manhã, a redação trata do fim de semana que passou. Devemos dizer o que fizemos, o que vimos. Na quinta-feira a coisa recomeça, e devemos escrever aos alunos de uma outra escola, declinar nossa identidade, dizer do que gostamos, o que detestamos, fazer o nosso auto-retrato, passar na frente do espelho.” (ARTIERES, 1998, p.15)

Essa relação com o caderno veio da escola, mas o entrelace final só foi possível por um outro hábito, o de registro, que também foi estimulado pelo ambiente escolar mas floresceu, mesmo quando na infância, fora dele, em blocos majoritariamente virtuais, como os rascunhos de mensagem em celulares mais antigos ou o aplicativo de anotações conforme os telefones foram ganhando mais possibilidades.

O registro também teve seu procedimento pautado por espaços, na correlação com a escrita e no desenvolvimento de poesias principalmente. Mantinha limites de linha e estruturação das palavras em tudo, entretanto, seu hábito sorrateiramente abria portas para sons e imagens, capturados cada vez com mais frequência depois que iniciei uma conta totalmente pessoal e privada no Instagram, em agosto de 2019, na qual compartilhava fotos e vídeos que, no momento, só eu acessava.

Culminando nos caderninhos aqui compartilhados, exercitei por vezes a possibilidade de reestruturar essa relação com os cadernos e espaços, fazendo pedidos de companheirismo mas também impondo regras, meu próprio proceder, que nem sempre foi seguido à risca mas que possibilita novos limites e transgressões. A chance de usar ou colecionar apenas uma cor, de repetir a diagramação das escritas, de escolher quais citações seriam aspidas, de anexar coisas além de imagens ou de ocupar não-sequencialmente foram importantes para remodelar e atualizar ao meu contexto as habitações.

5.2 Alcançar instituições

“Quando nos preparamos para uma travessia, levamos nossas referências, a experiência de vida e a lembrança de quem nós somos. Isso não é um acúmulo que mora na cabeça somente, mas é o que compõe nossa forma de andar, de sentir, de performar, de falar, de escrever, de narrar. É aquilo tudo que transmite o tom do nosso deslocamento, a nossa visão de mundo. Como em toda travessia, existem as pedras que obstruem o nosso caminho, que solicitam negociação, estratégia, cuidado e, às vezes, até recusa. Muitas delas não são novas, só modificaram o nome para atravancar o presente em uma tentativa de nos interromper.” (MIRANDA, 2022, p.73)

Numa narrativa por espaços realizada como apresentação para a disciplina ‘Histórias de Vida com a Arte’, ministrada pela Prof. Dr. Rejane Galvão Coutinho em 2021, durante o meu 7º semestre da graduação, pontuei o corpo, a família, a escola, a igreja, as casas em que vivi, a casa da minha avó materna, o teatro municipal de minha cidade e a universidade como lugares participantes e de destaque em minha formação.

Foi ocupando esses locais, vivendo as experiências sentidas em cada um, que nasceu meu gosto e desgosto, que eu comecei a sentir a vida em sociedade e a responder aos coletivos que me cercavam e acolhiam. Neste trajeto, alcançar espaços institucionais como a escola, a universidade e os museus foi envolvido em permissões, desde as legais, compartilhadas em documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos ou o Estatuto da Criança e do Adolescente, até as mais diretas e palpáveis, exemplificadas na família, que me permitiu o acesso a moradia, alimentação e educação continuada, a qual consequentemente me levou a novos espaços de cultura e lazer, como cinemas, teatros, parques de diversões, zoológicos e museus, e também ao corpo de conhecimentos e vivências essencial para as provas de vestibulinho ou vestibulares, culminando na universidade (pública, assim como as escolas em que estudei), que tem me permitido a formação em bacharelado e licenciatura em artes visuais além de diversas ferramentas de permanência na instituição, como a moradia estudantil, auxílio alimentação, bolsas de monitoria, de pesquisa e até atendimento psicológico.

Ressalto o papel do Estado nesses processos, afinal, diversas políticas públicas atuaram para que eu alçasse o vôo que é pesquisar, algo que exerço e compartilho nesta escrita, mas também lembro que as negociações para entrar em muitos desses espaços são tortuosas, dificultadas por distâncias que são físicas só em primeiro nível. Das visitas com a escola que me permitiram descobrir o cinema ou o museu, uma lembrança me vem à mente, um aviso dado por uma professora durante um dos meus anos no ensino fundamental em algum momento antes de embarcar no ônibus que nos levaria, ou talvez antes de desembarcar no espaço a ser visitado: *“lembrem de agir que nem gente”*. O “comunicado” resumido em poucas palavras revelava uma questão maior, contrapunha o comportamento esperado ao comportamento cotidiano de uma turma de crianças e, proporcionalmente, contrapunha sua humanização como algo oposto ao observado em sala, uma habilidade que deveria ser conscientemente desenvolvida pelo menos nesse espaço importante ao qual iríamos, já que, aparentemente, ser gente não era inerente ao ser criança.

Junto a isso, uma outra memória que resgato, agora do ensino médio, é de uma professora de história me lembrando que sim, eu podia rir no Memorial da América Latina, palavras proferidas após eu me desculpar pela gargalhada que deixei escapar conversando com amigos próxima a ela.

Nestes contrapontos, lembro o desconforto de pensar e iniciar o acesso a museus e galerias nos primeiros momentos de graduação, desde a vergonha de mentir e afirmar que sim, assim como todos os meus colegas de sala eu também já havia ido ao MASP, afinal ‘como poderia um aluno de artes visuais não conhecer este local?!’, como deu a entender o professor em meu primeiro semestre, até o desconforto de ir pela primeira vez em uma galeria, talvez relacionado ao medo de realmente não ser gente nesse espaço, ecoando de maneira mais sonora ao conhecê-lo com companhia bem menor do que 30 crianças e a sensação bem maior de lacunas no meu repertório para entender ou comentar qualquer coisa que alcançasse meu olhar ali.

Foi a partir desses repertórios que iniciei minhas vivências na graduação, momentos que, após somarem 4 anos e meio de descobertas teóricas e práticas ao escopo, me permitiram a chegada a uma nova instituição, acrescentando ao meu corpo-território (MIRANDA, 2020) o lugar de corpo de trabalho como estagiária do Núcleo de Ação Educativa do Museu Brasileiro da Escultura e da Ecologia (MuBE).

Desde a entrevista presencial, última etapa a anteceder minha contratação, tenho registros da vista de espera, do primeiro dia e até das últimas reflexões com o espaço, todos marcados entre o primeiro e quinto caderninho. Resgato então essas memórias sob o nome de um encontro repetido semanalmente entre os membros e coordenadora da equipe educativa, a formação.

5.3 Formação

| 24 de agosto de 2022, 16h30

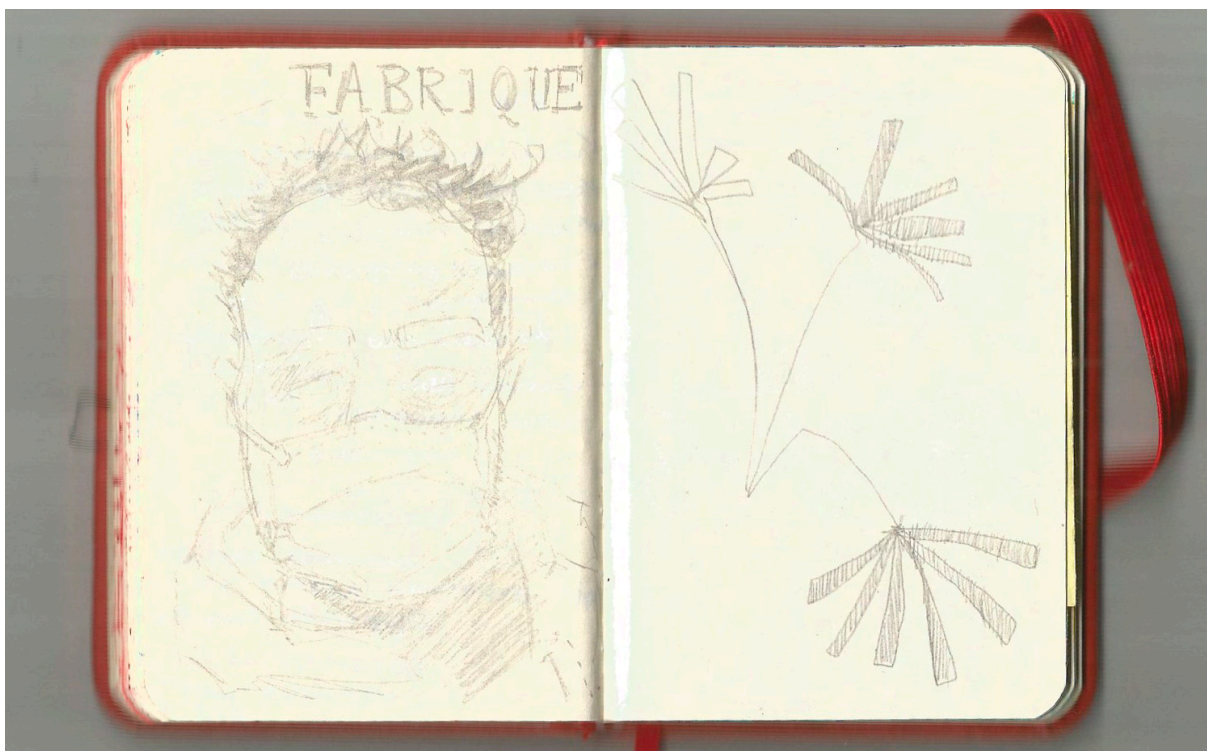
primeira entrevista, com a coordenadora do educativo, online

| 30 de agosto de 2022, 11h30

segunda entrevista, com a responsável pelo RH, presencial

Quando soube da aprovação para a segunda entrevista, pedi ajuda de um amigo, o Vica²⁶, para traçar o caminho até o museu, o qual nunca tinha visitado. Chegando lá, um tanto adiantada para o horário agendado, decidi enviar uma foto minha no jardim da instituição, em frente a algumas árvores, comentando e comprovando minha jornada bem sucedida. Em resposta, recebi a foto que posteriormente desenhei, feita por esse amigo em frente as árvores mais próximas do seu próprio trajeto voltando de uma padaria, com a piada de que ele também estaria no museu, já que o recorte escolhido para minha comemoração não tinha nenhum elemento distinto que comprovasse minha presença naquele espaço. Junto a essa imagem, recortes da vista da administração onde esperei completam meus primeiros registros do local que frequentaria pelos próximos 9 meses.

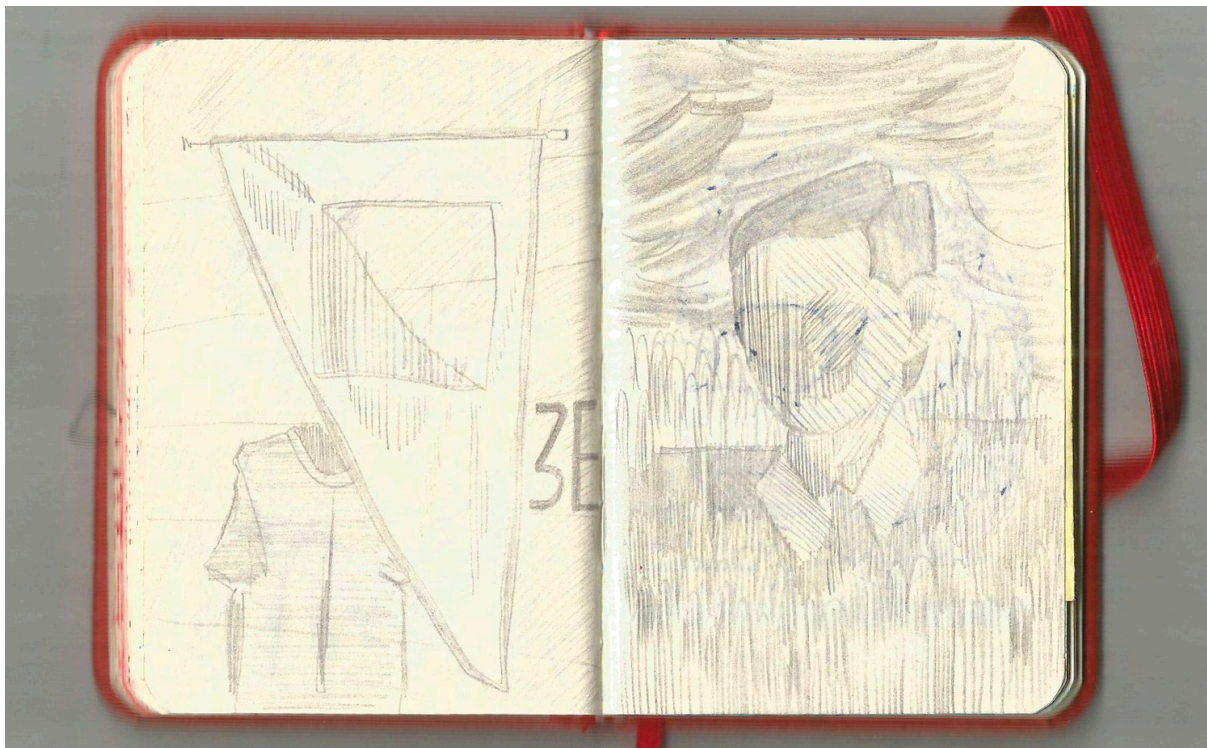
Figura 13 - [ou c1.39] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

²⁶ Artista educador, vive e trabalha em São Paulo. Mestre e Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP. Participou de diversas exposições coletivas no Brasil e exterior, sendo premiado em algumas delas. De 2019 a 2023, foi artista residente no projeto de extensão L.O.T.E. - IA/UNESP, no ateliê de gravura; e, de 2020 a 2023, atuou nos grupos de pesquisas "Pesquisas e projetos gráficos: entre livros de artista, gravuras e memórias" (Unicamp) e "L.O.T.E. Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço" (UNESP). Desde 2011, ministrou cursos livres de gravura, desenho, livro de artista e pintura para crianças, adolescentes, adultos e idosos em museus e instituições culturais. E, desde 2008, atua como arte educador e supervisor de equipes em museus e instituições culturais em São Paulo.

Figura 14 - [ou c1.40] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

| 08 de setembro de 2022, 10h00

primeiro dia como estagiária no MuBE

Cheguei ao museu com dúvidas se aquele seria de fato o meu primeiro dia, além de um medo de que fosse o último, dado experiências passadas com problemas de contratação que encerraram outros ‘primeiros estágios’ para mim pouco antes do começo suposto.

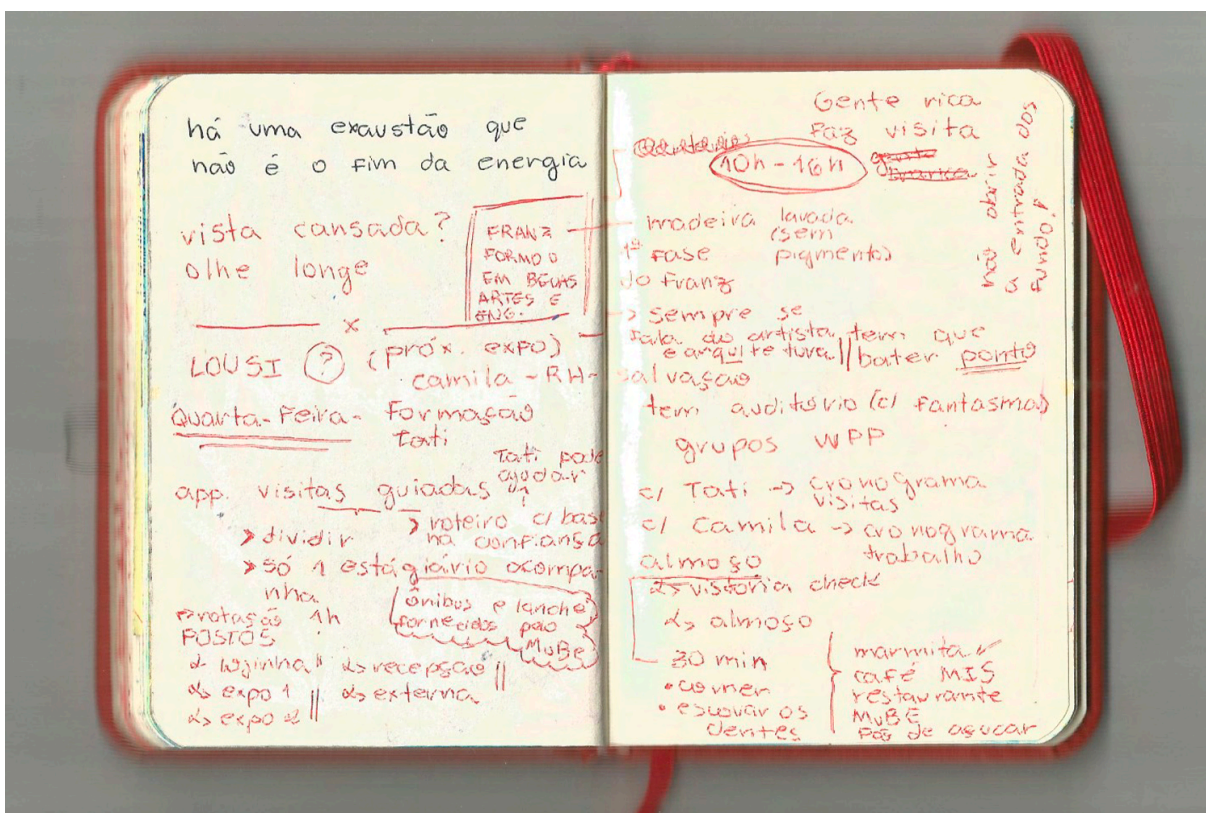
Fui recebida por Camila, responsável pelo RH que também havia me entrevistado na semana anterior, mas quem me apresentou mesmo o espaço e a equipe foi Gabrielle, então educadora do MuBE. Acompanhando Gabi descobri que, todos os dias, antes e depois do funcionamento do museu para o público geral, a equipe educativa deveria realizar uma vistoria das obras, que consistia em caminhar pelo espaço analisando trabalho a trabalho para confirmar, num documento a ser compartilhado com a direção, se havia alguma questão com as obras em exposição, como peças quebradas, movidas, sujas, etc. Também entendi que, no MuBE, os educadores tinham uma série de postos a serem ocupados, cuja rotação resultava de uma organização própria, a qual considerava desde o tempo até a disposição e vontade de permanência em cada posto.

Como os meus primeiros dias acompanharam os últimos de uma exposição, não passei muito tempo na primeira organização de postos que vivenciei, descrita em minhas notas como: Lojinha, Recepção, Expo 1, Expo 2 e Externa mas, num geral, a distribuição de equipe e função de cada posto permaneceu similar durante todo o meu estágio.

O posto de Recepção, como indicado em páginas futuras, envolvia contar o número de visitantes, atender e encaminhar ligações além de guardar objetos não permitidos no espaço expositivo, como mochilas grandes, garrafinhas e guarda-chuvas. Na Lojinha, a função era simples, realizar a venda dos catálogos e lembrancinhas do museu, já as áreas indicadas como Expo²⁷ e Externa eram de orientação de público, logo consistiam em permanecer nos espaços para responder possíveis dúvidas, conversas e salvaguarda das obras.

Junto das imagens dos caderninhos, outros registros também serão apresentados, sempre em relação a jornada de formação atuando como educadora da instituição.

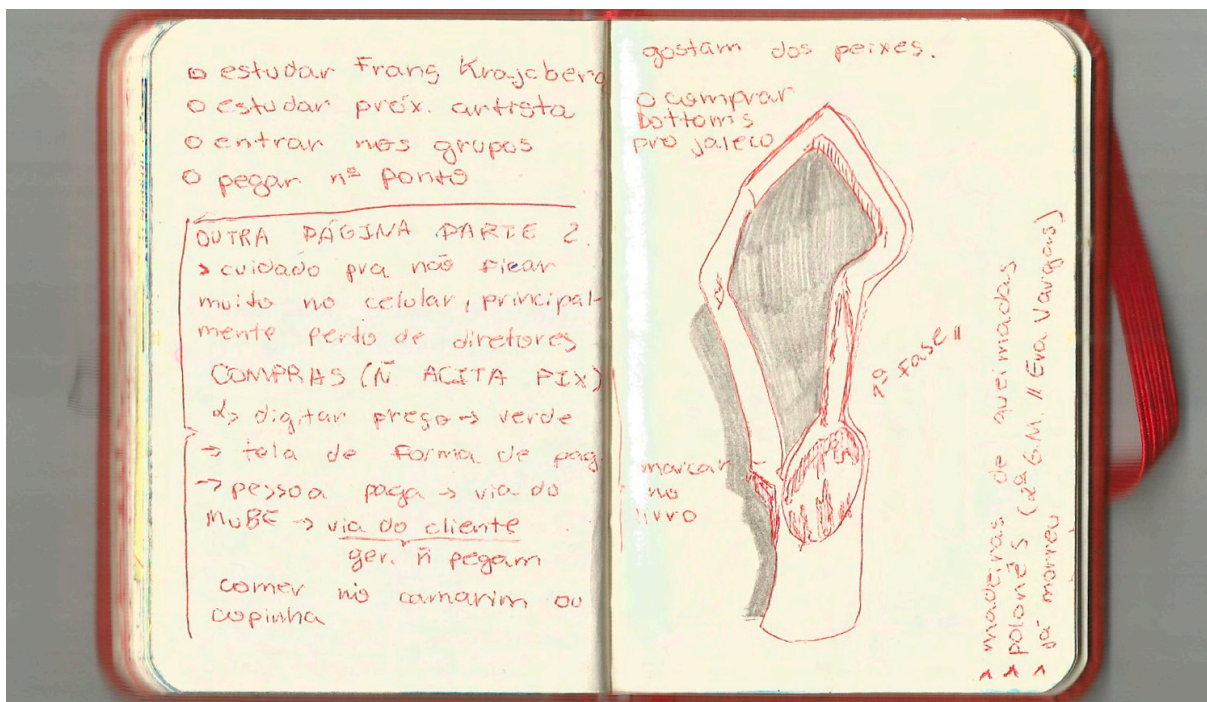
Figura 15 - [ou cl.50] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

²⁷ A numeração colocada nos registros aconteceu porque na primeira exposição que acompanhei haviam duas áreas fixas, marcadas com cadeiras, nas quais educadores deveriam ficar.

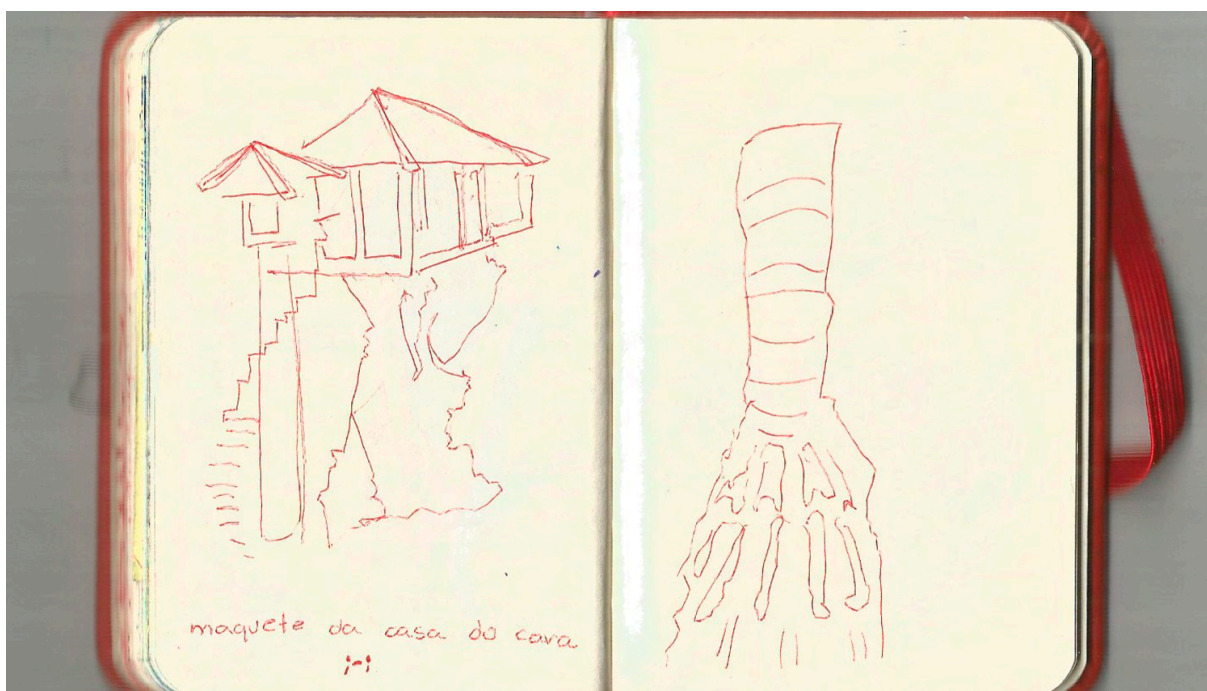
Figura 16 - [ou c1.51] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Com a vistoria feita e encaminhada, às 11h o museu era aberto e os educadores caminhavam para seus postos iniciais.

Figura 17 - [ou c1.52] - ampliada



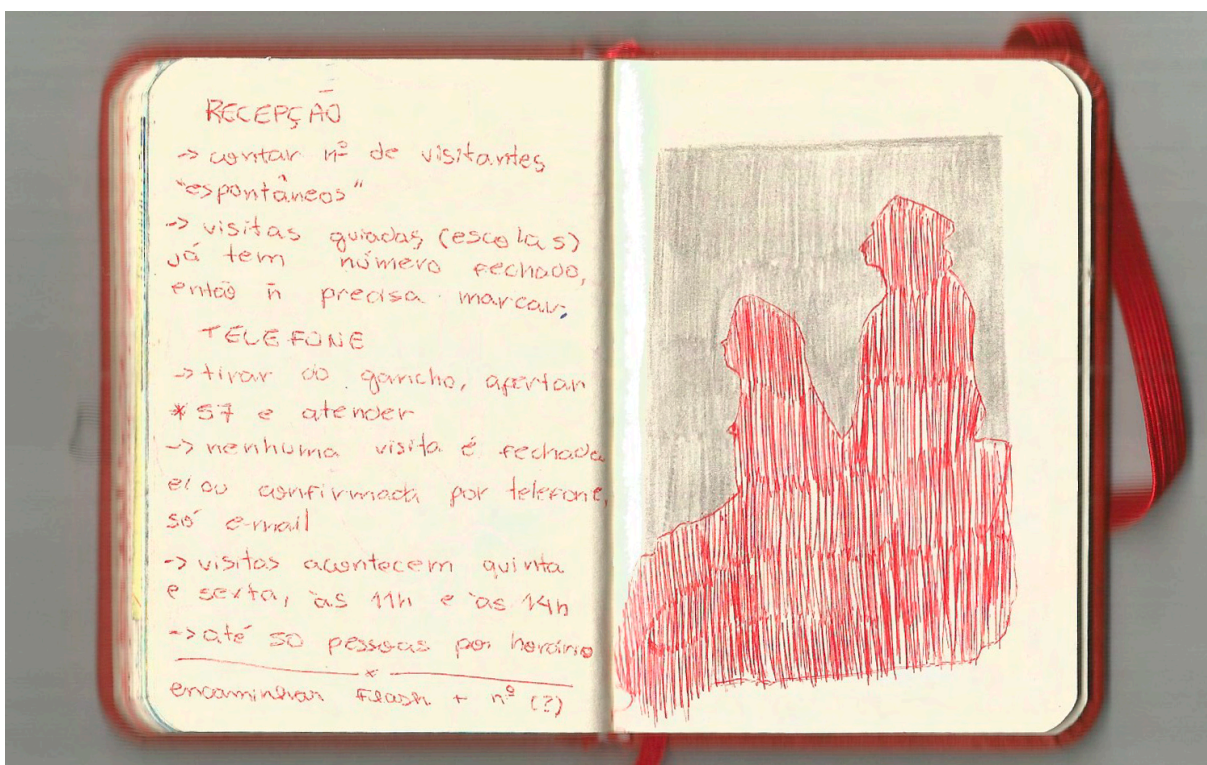
Fonte: acervo pessoal

Figura 18 - [ou c1.53] - ampliada



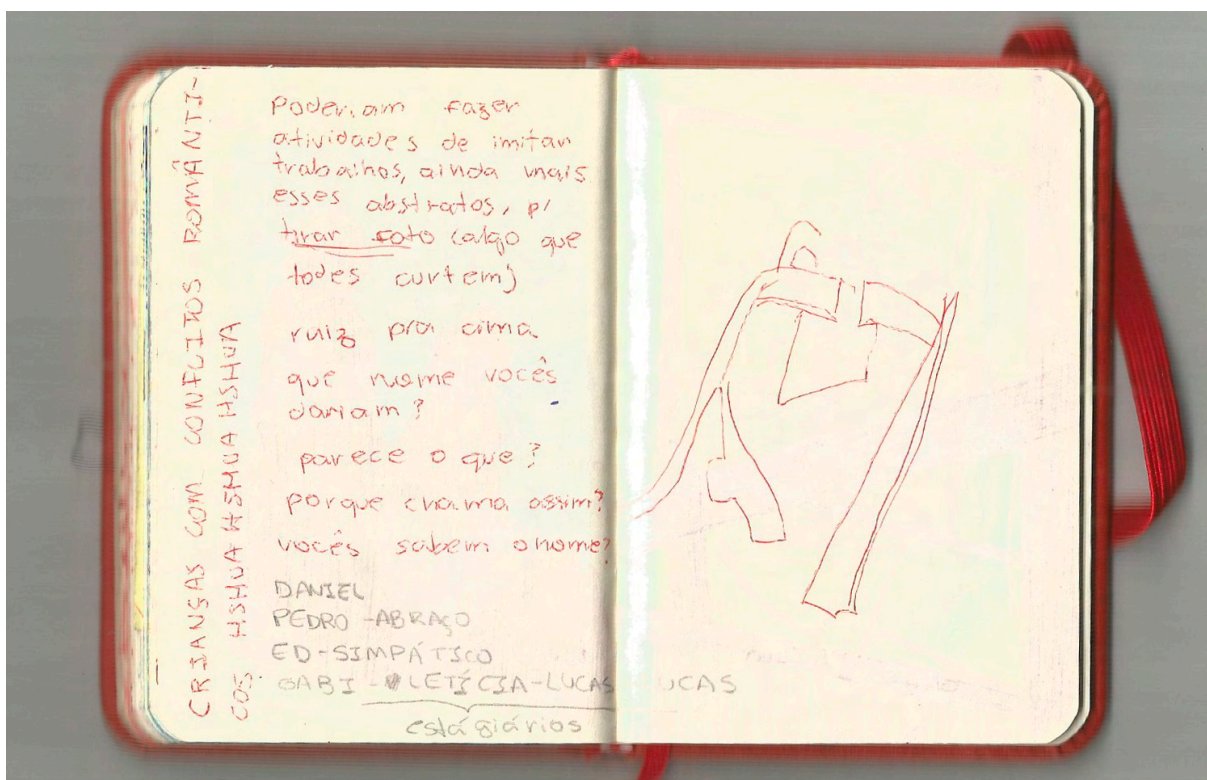
Fonte: acervo pessoal

Figura 19 - [ou c1.54] - ampliada



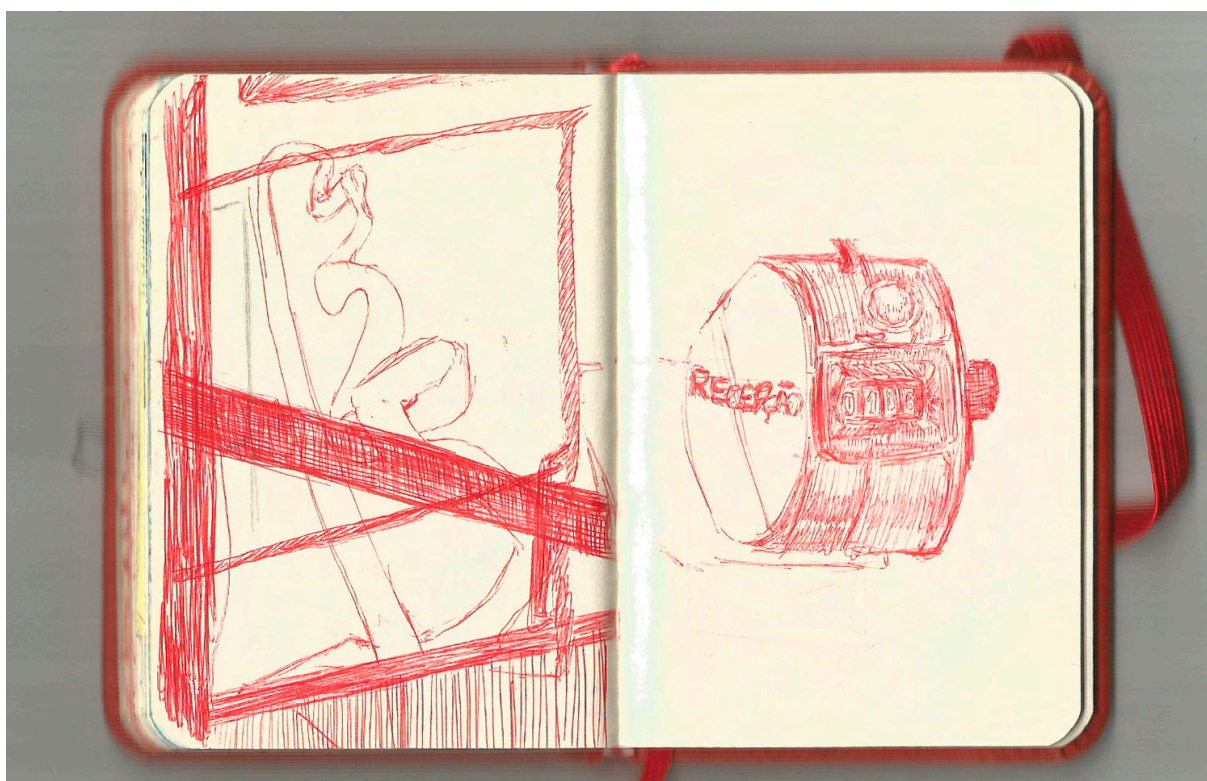
Fonte: acervo pessoal

Figura 20 - [ou c1.55] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 21 - [ou c1.56] - ampliada

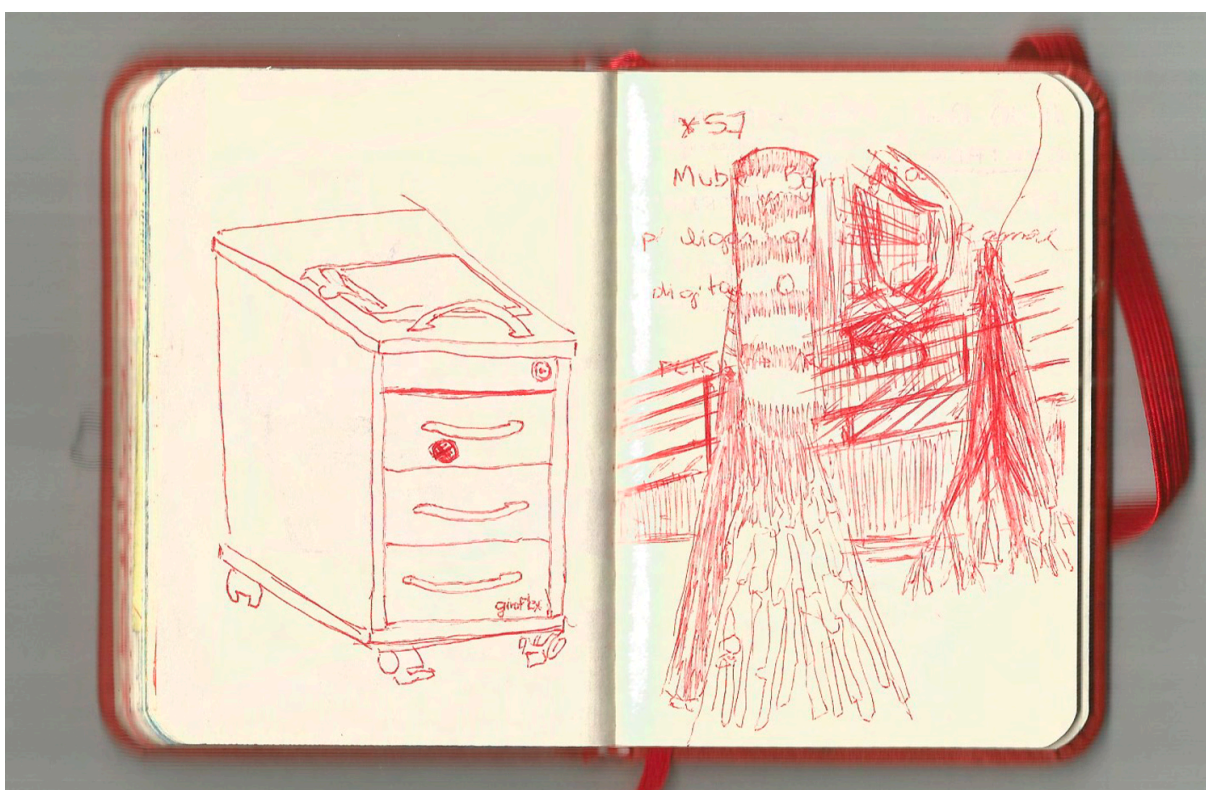


Fonte: acervo pessoal

Já posicionada, mais registros foram surgindo, desde a minha vista, até anotações sobre a exposição e artista, com informações obtidas ao entrevistar falas explicativas de outros educadores, ler os textos de parede do curador e pesquisar em sites diversos. Mesmo nos seus últimos dias, a exposição celebrando Krajcberg²⁸ teve alta procura de escolas, o que também me permitiu acompanhar e ‘espiar’ muitas visitas mediadas assim que cheguei.

Nestes cenários, o primeiro caderninho foi finalizado, e hoje percebo que a maioria de suas páginas remete a essa chegada.

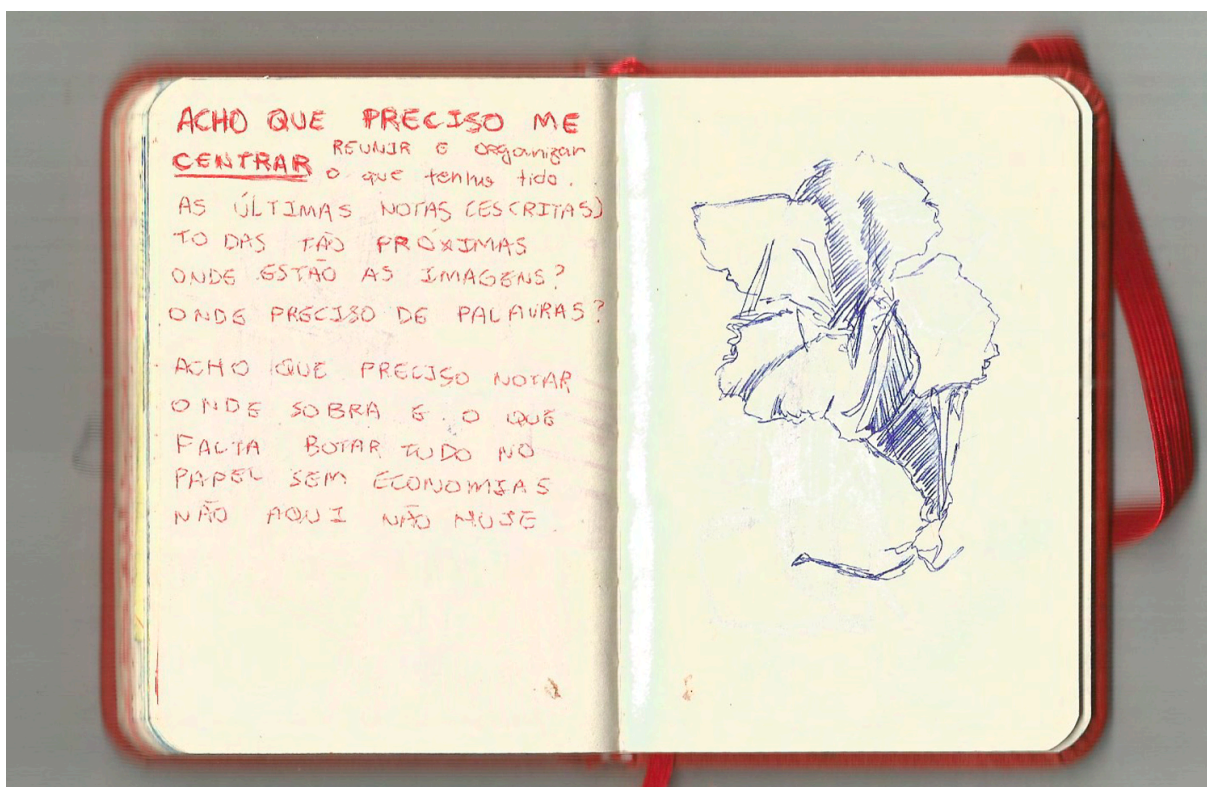
Figura 22 - [ou c1.57] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

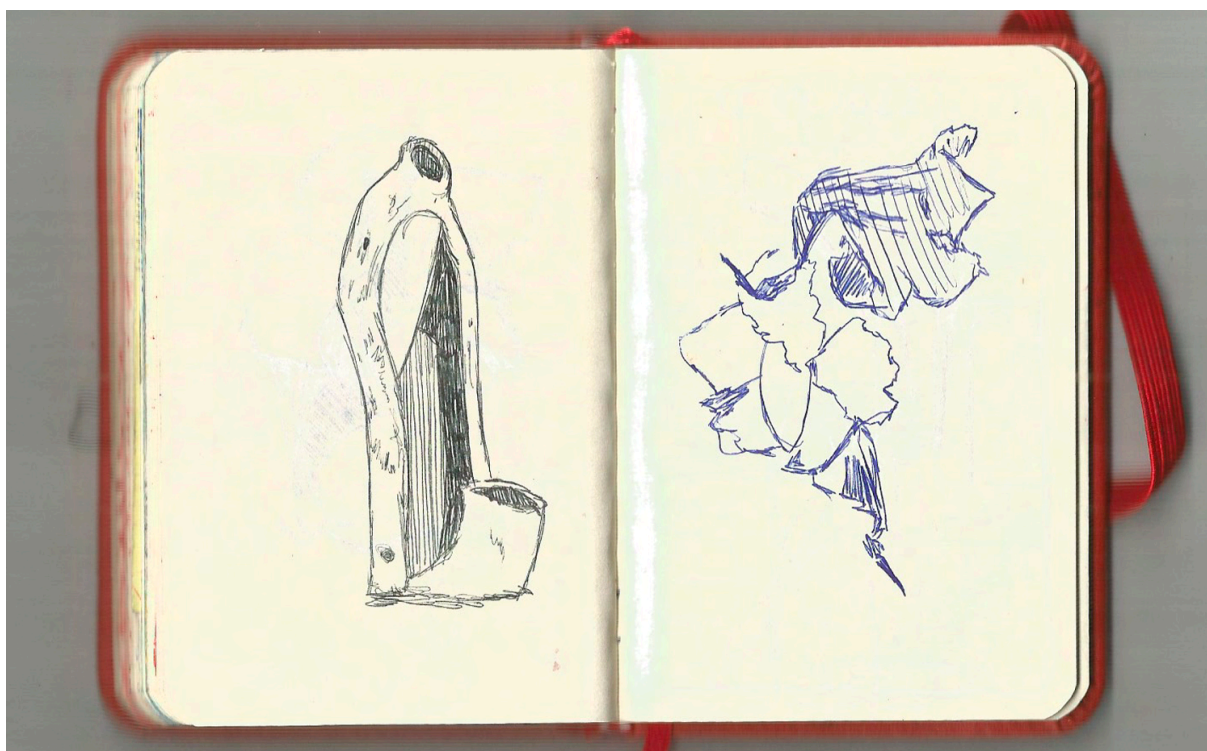
²⁸ Frans Krajcberg (Kozienice, Polônia, 1921 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017). Escultor, pintor, gravador e fotógrafo. Autor de obras que têm como característica a exploração de elementos da natureza, destaca-se pelo ativismo ecológico, que associa arte e defesa do meio ambiente. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg>. Acesso em: 09 de nov. de 2023.

Figura 23 - [ou c1.58] - ampliada



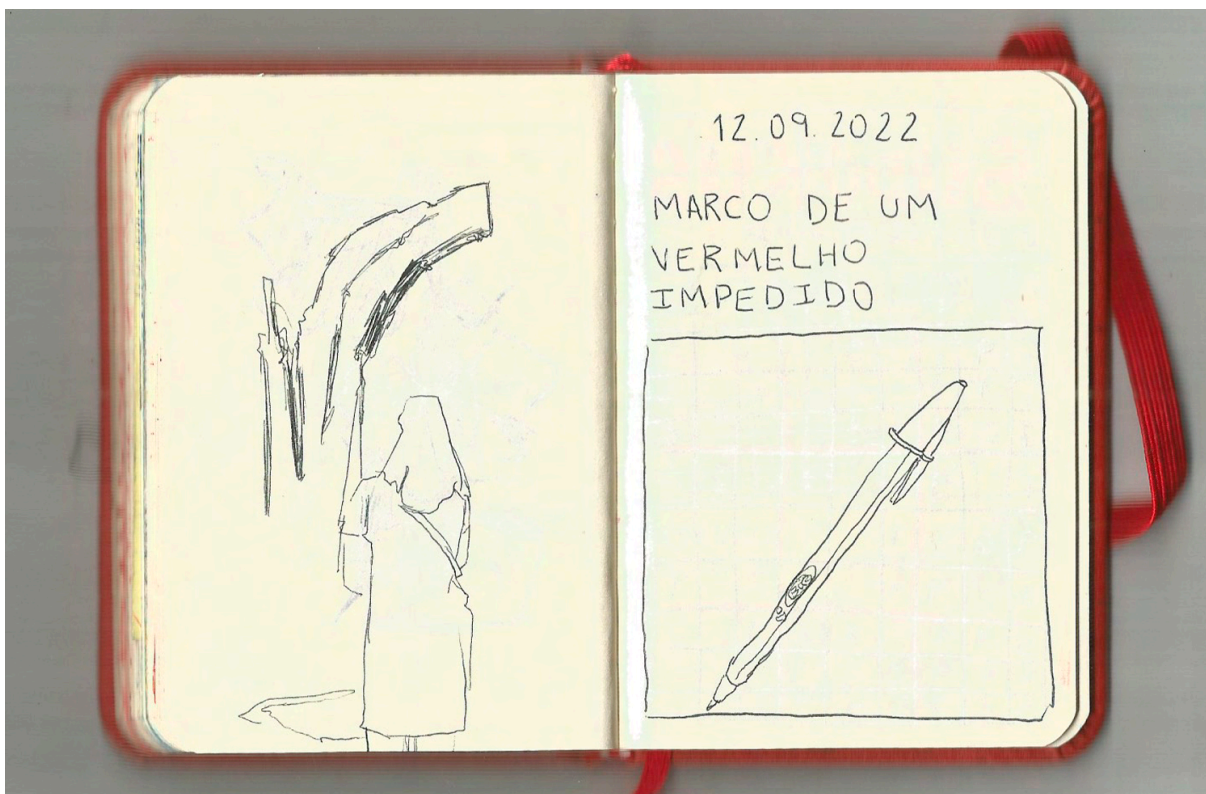
Fonte: acervo pessoal

Figura 24 - [ou c1.59] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 25 - [ou c1.60] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

| 11 de setembro de 2022

último dia da exposição Frans Krajcberg: por uma arquitetura da natureza

| 12 de setembro de 2022

primeiro dia de desmontagem da exposição Frans Krajcberg: por uma arquitetura da natureza

| 14 de setembro de 2022

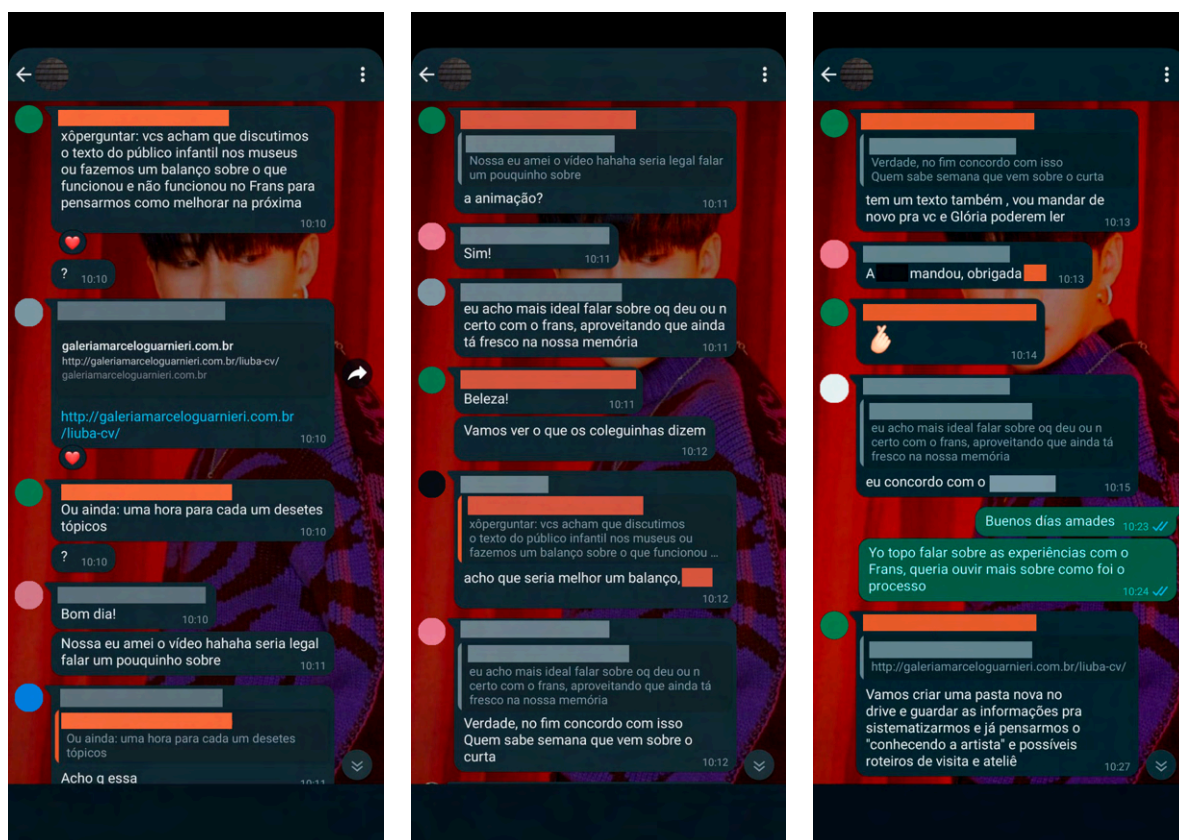
minha primeira formação no MuBE

Quarta-feira, 14h, dia de formação. Como já pontuado há alguns parágrafos, este era o momento de reunião semanal entre a coordenadora da equipe educativa e os educadores, dado que, geralmente, também era o único dia da semana em que ambos estavam simultaneamente presentes no espaço.

Como ocorre no horário de visitação do museu, e também não há sala própria da ação educativa na instituição, alguns ajustes e decisões eram necessários para que a formação ocorresse da melhor forma possível, seguindo três considerações: qual o fluxo de visitantes no museu, qual a organização de postos no momento e os espaços disponíveis para reunião.

Considerando sua realização no meio da semana, a questão do fluxo poucas vezes interferiu, dado que era um horário de baixa visitação, principalmente em dias de clima frio e chuvoso. A distribuição de postos também não sofria muitas alterações, preocupando-se apenas com um posto inegociável que deveria estar sempre ocupado: a recepção, motivo que já levou tanto a substituição momentânea do educador responsável pelo posto, quanto a esquemas de revezamento, para que todos tivessem a chance de integrar a formação, ou a não-participação de um educador. Além disso, essa disponibilidade também inferia em decisões diretas sobre o espaço de encontro, buscando um posicionamento no qual poderíamos nos reunir e ficar de olho nos postos essenciais simultaneamente.

Figura 26 - Grupo dos educadores no Whatsapp



Nomes e fotos censurados pela autora. Mensagens de nome laranja/foto de perfil verde correspondem a coordenadora do educativo, enquanto as mensagens de nome cinza correspondem a educadores,

sendo diferenciadas apenas pela cor de foto de perfil. O esquema de cores foi escolhido de acordo com as cores já usadas na plataforma Whatsapp.

Fonte: acervo pessoal

Em termos de discussão, as conversas destas reuniões eram variadas. Sendo o único dia de encontro, as falas costumavam se iniciar em atualizações mais pessoais, conversas sobre programas televisivos, fofocas, recomendações, etc., para que então passássemos a discutir textos previamente selecionados ou algum tópico já sugerido para formação, além dos relatos da semana, geralmente sobre visitantes grosseiros ou inconvenientes, demandas da equipe, organização de cronogramas, ideias, etc.

No geral, era comum que os educadores mantivessem algum tipo de anotação nos momentos de formação, em cadernos ou folhas avulsas, principalmente. Para mim, a maior parte das notas foi realizada em folhas soltas, já perdidas, sendo as anotações feitas no caderninho as únicas suficientemente arquivadas para consulta.

Figura 27 - [ou cl.66] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

| 18 de setembro de 2022

meu primeiro ateliê no MuBE

Além dos postos, aos fins de semana os educadores também eram responsáveis pelo Ateliê no MuBE, momento realizado duas vezes ao dia, às 11h30 e às 14h30, no qual uma mesa era montada na marquise do museu e um educador ficava disponível por uma hora para desenvolvimento de atividades pensadas e roteirizadas pela Ação Educativa de acordo com a exposição em andamento ou com o museu em geral. Apesar de não ser permitida a presença de dois educadores para o Ateliê, uma exceção era possível para que os estagiários novos pudessem entender a dinâmica das propostas auxiliando um educador com mais experiência.

O primeiro ateliê que acompanhei foi de ‘caderninhos recicláveis’, no qual o museu fornecia papéis e barbante já cortados e furados para montagem de um caderninho pequeno (tamanho A5, 12 páginas), além de revistas, tesoura, riscadores, cola e outros materiais a serem usados na personalização da capa e contracapa. Muitos dos caderninhos também eram finalizados com folhas e flores encontrados pelo jardim do espaço, recordando o princípio de aproveitamento de materiais de Frans Krajcberg, que trabalhava principalmente com árvores de queimada e pigmentos naturais, e em consideração a temática de ecologia, eixo que também nomeia o museu.

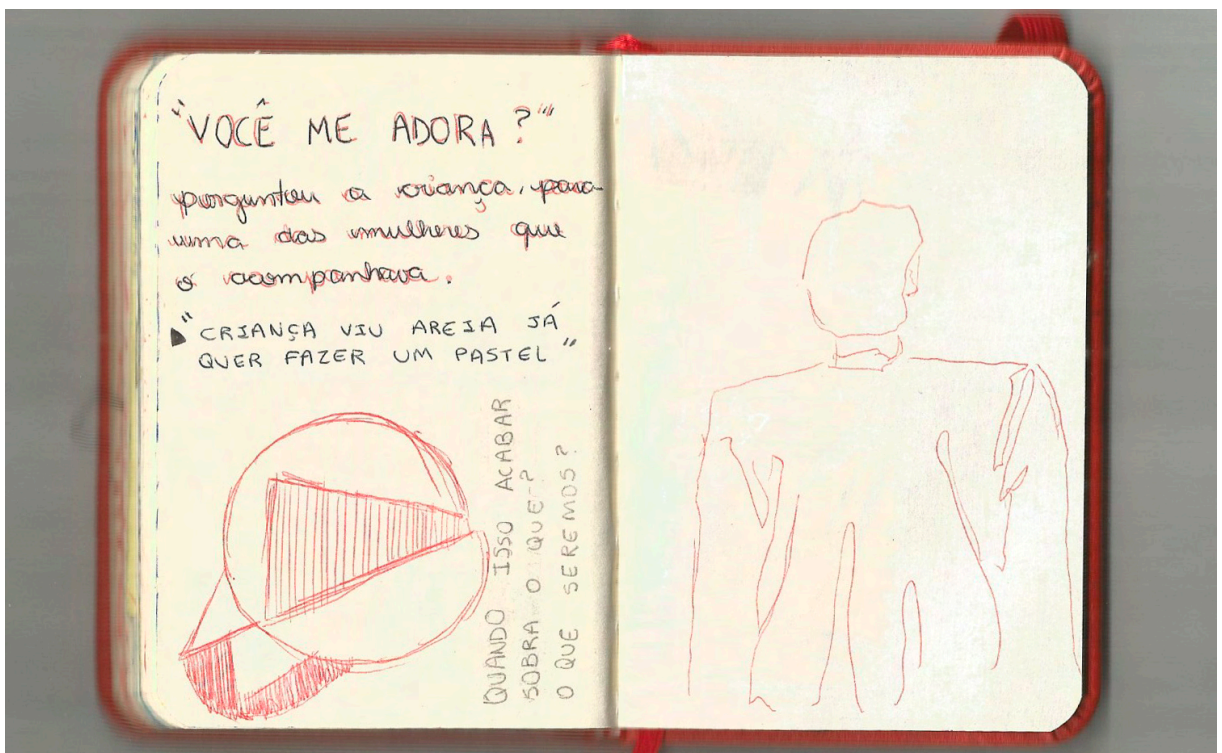
Já sozinha, meu primeiro ateliê foi um mapa de texturas, atividade pensada por uma estagiária que já não integrava a ação educativa e que consistia num exercício de frotagem, para captura das texturas do prédio, finalizado em formato de zine, como um pequeno livrinho.

Figura 28 - [ou c1.67] - ampliada



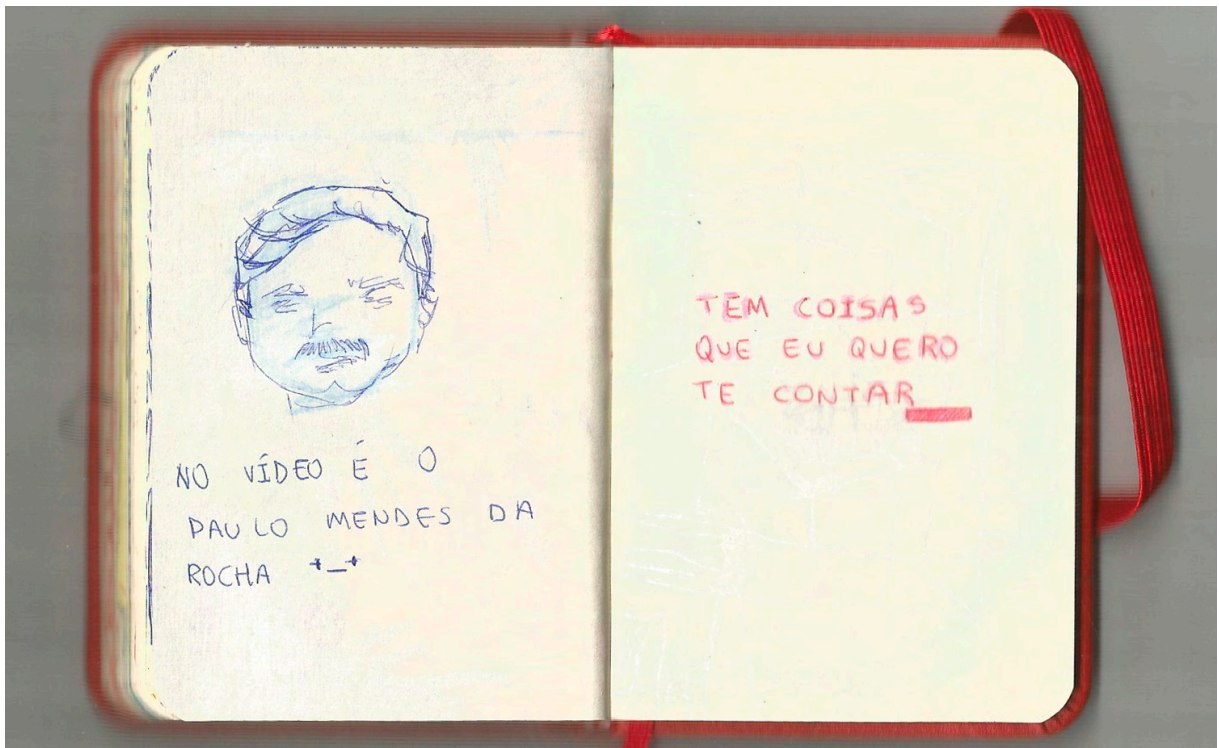
Fonte: acervo pessoal

Figura 29 - [ou c1.68] - ampliada



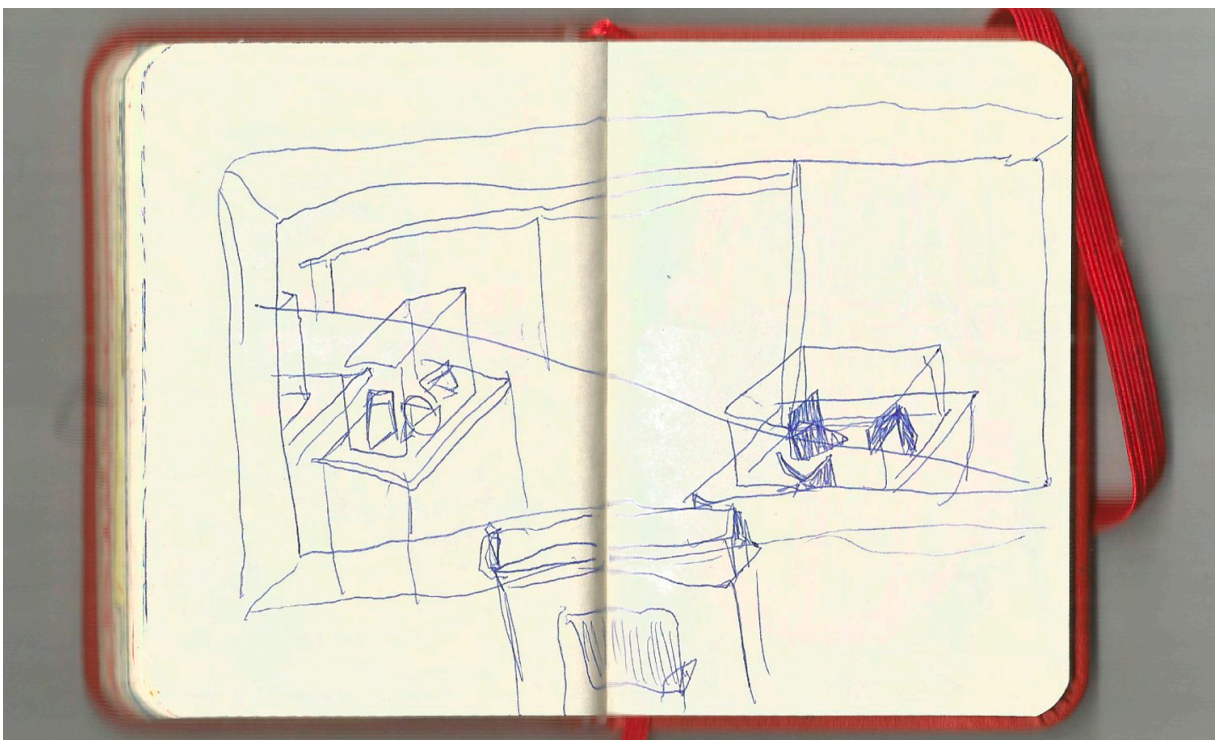
Fonte: acervo pessoal

Figura 30 - [ou c1.70] - ampliada



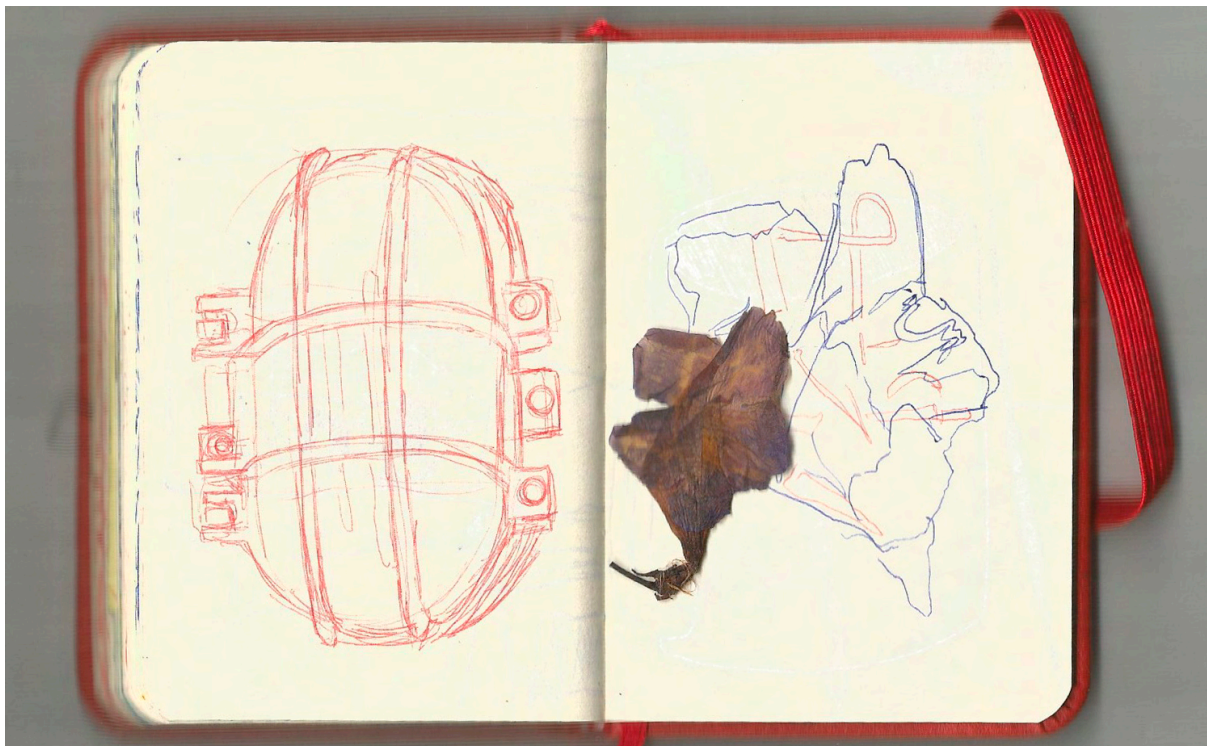
Fonte: acervo pessoal

Figura 31 - [ou c1.71] - ampliada



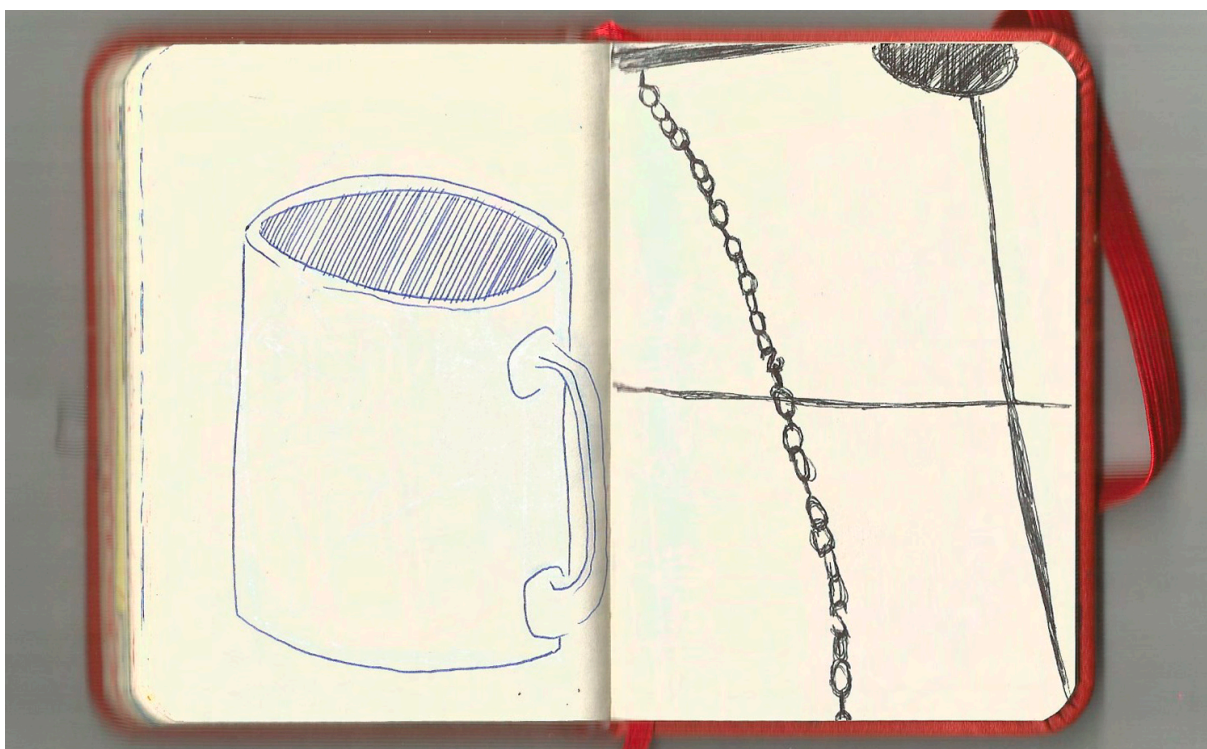
Fonte: acervo pessoal

Figura 32 - [ou c1.72] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 33 - [ou c1.73] - ampliada



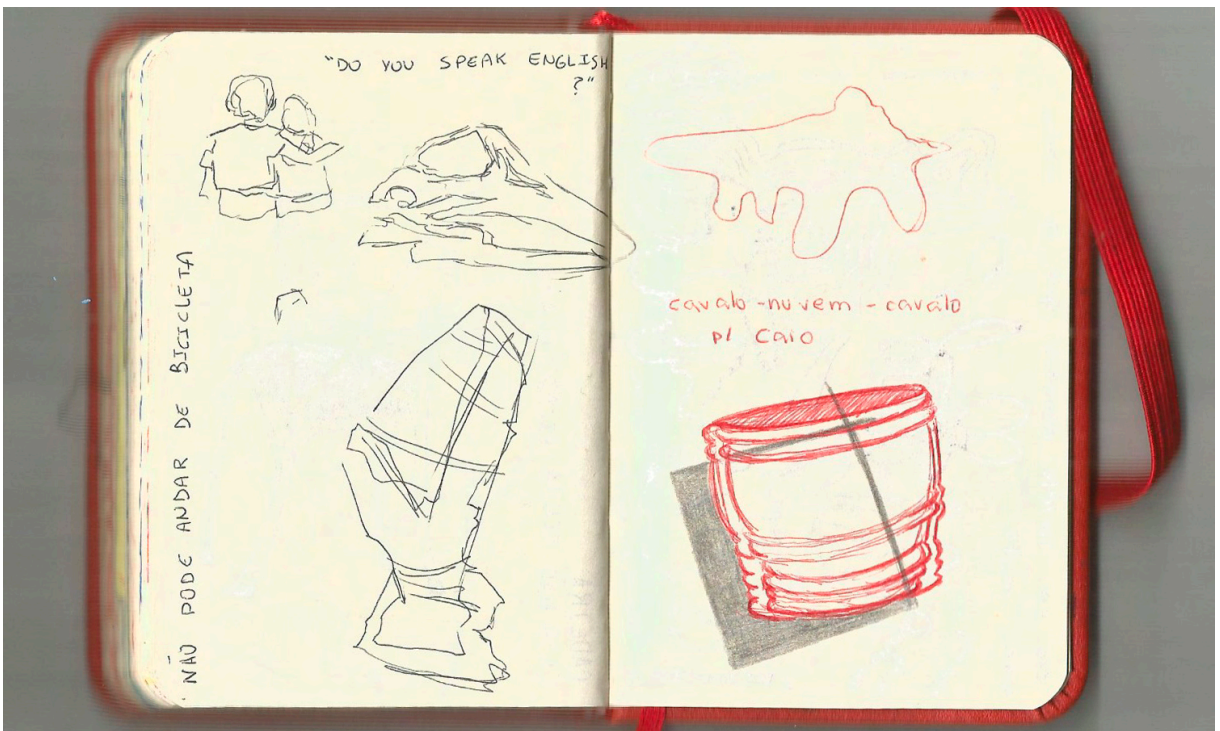
Fonte: acervo pessoal

Figura 34 - [ou c1.74] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 35 - [ou c1.77] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

| 26 de setembro de 2022

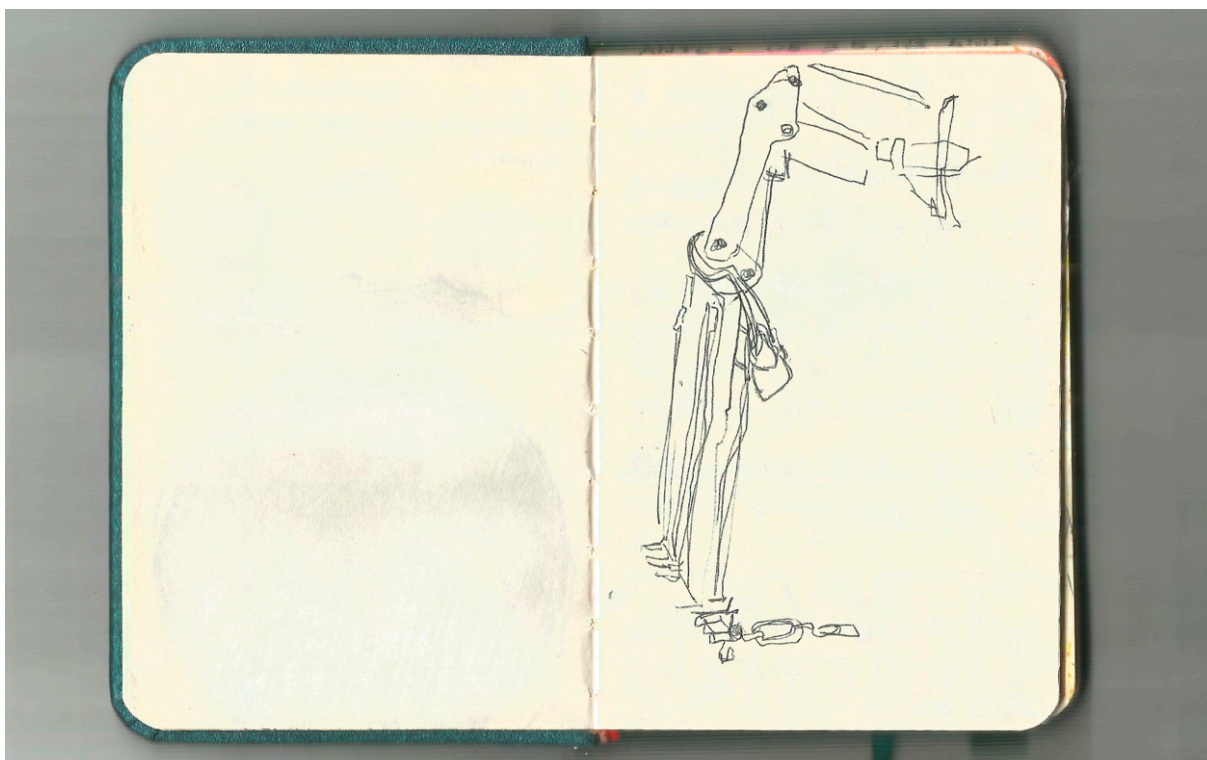
fim do primeiro caderninho

| 27 de setembro de 2022

início do segundo caderninho

Ao longo do estágio no MuBE, também pude acompanhar a montagem, cotidiano e desmontagem das seguintes exposições: LIUBA – Corpo Indomável (2022) e Leonardo Finotti: laboratório arquitetura e cidade (2022 - 2023). Por fim, há uma exposição que acompanhei apenas na montagem e parte do cotidiano: Pedra Viva, Serra da Capivara: O legado de Niéde Guidon (2023).

Figura 36 - [ou c2.09] - ampliada

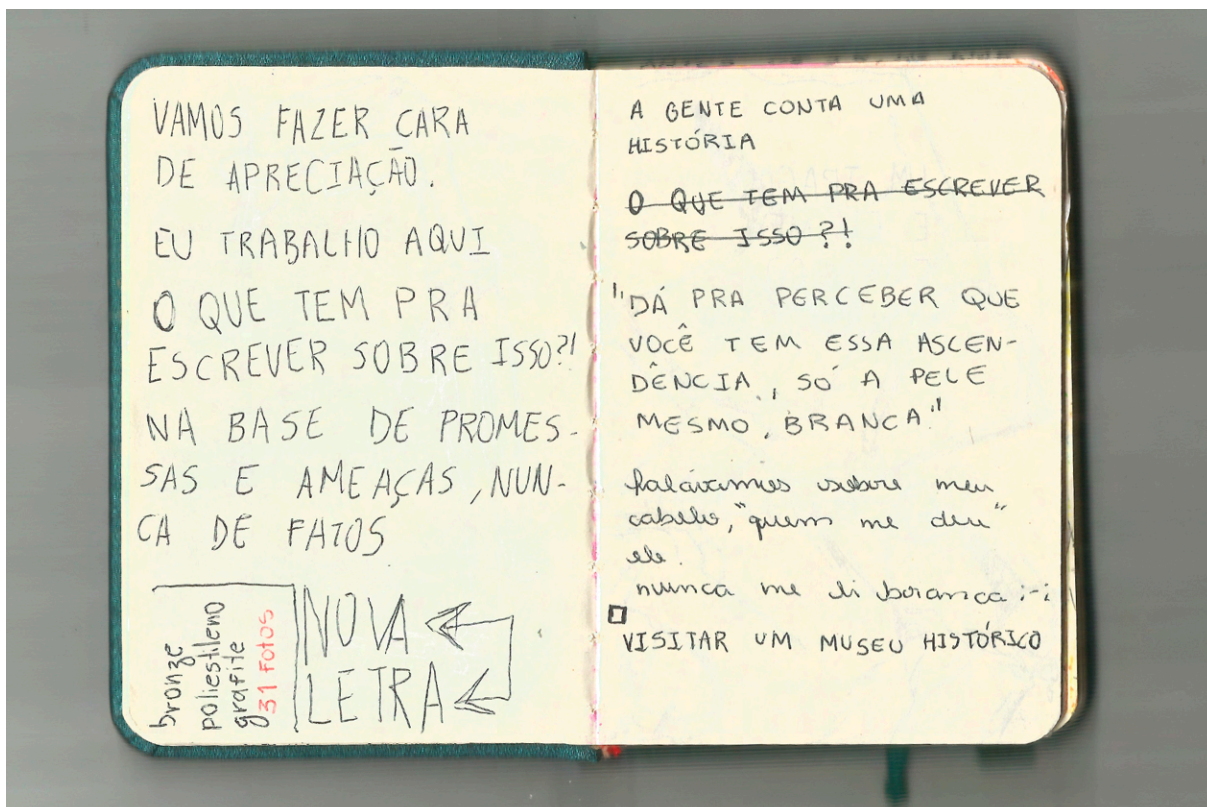


Fonte: acervo pessoal

Outra forma de notação constante é o registro de falas, momentos soltos proferidos por colegas de trabalho, conhecidos, amigos, desconhecidos, visitantes, passageiros, todo tipo de

pessoa posicionada ou relacionada de maneira com que eu pudesse me apropriar de suas palavras.

Figura 37 - [ou c2.08] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

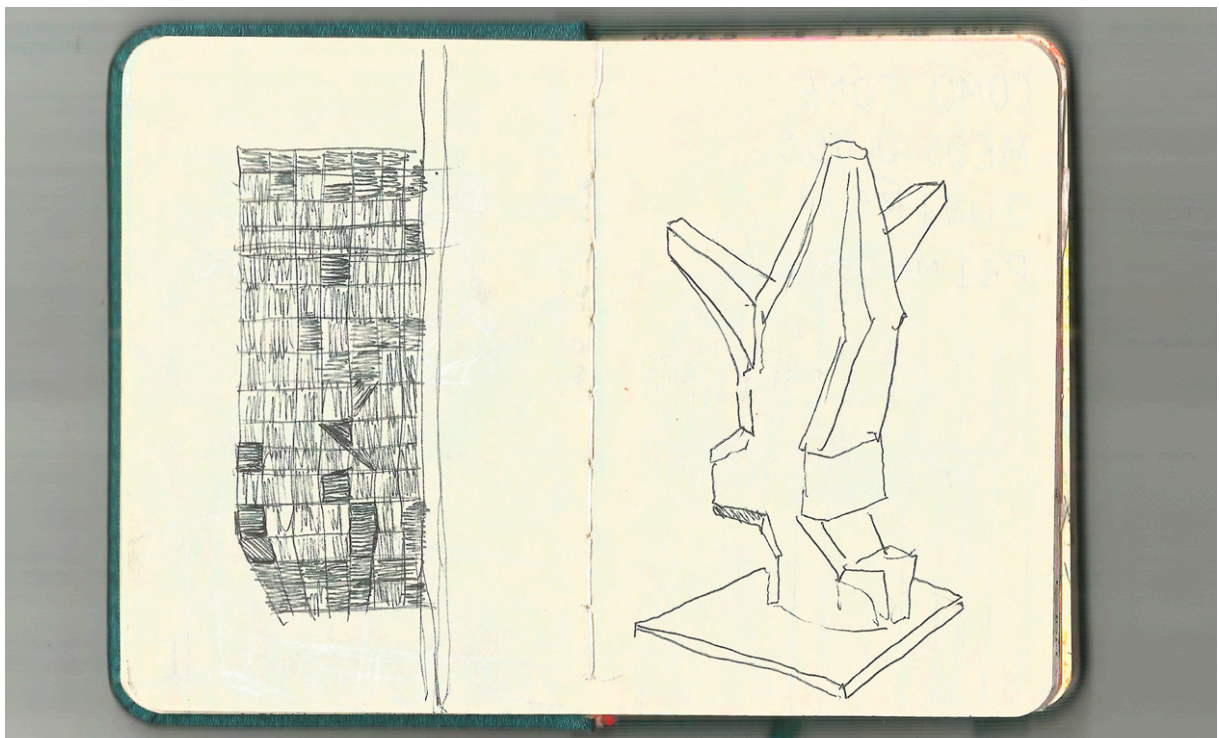
Considerações sobre a infância, percepções das presenças infantis, leituras sobre minha classificação racial e também sobre os espaços museais escorrem pelas páginas.

Figura 38 - [ou c2.10] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 39 - [ou c2.11] - ampliada



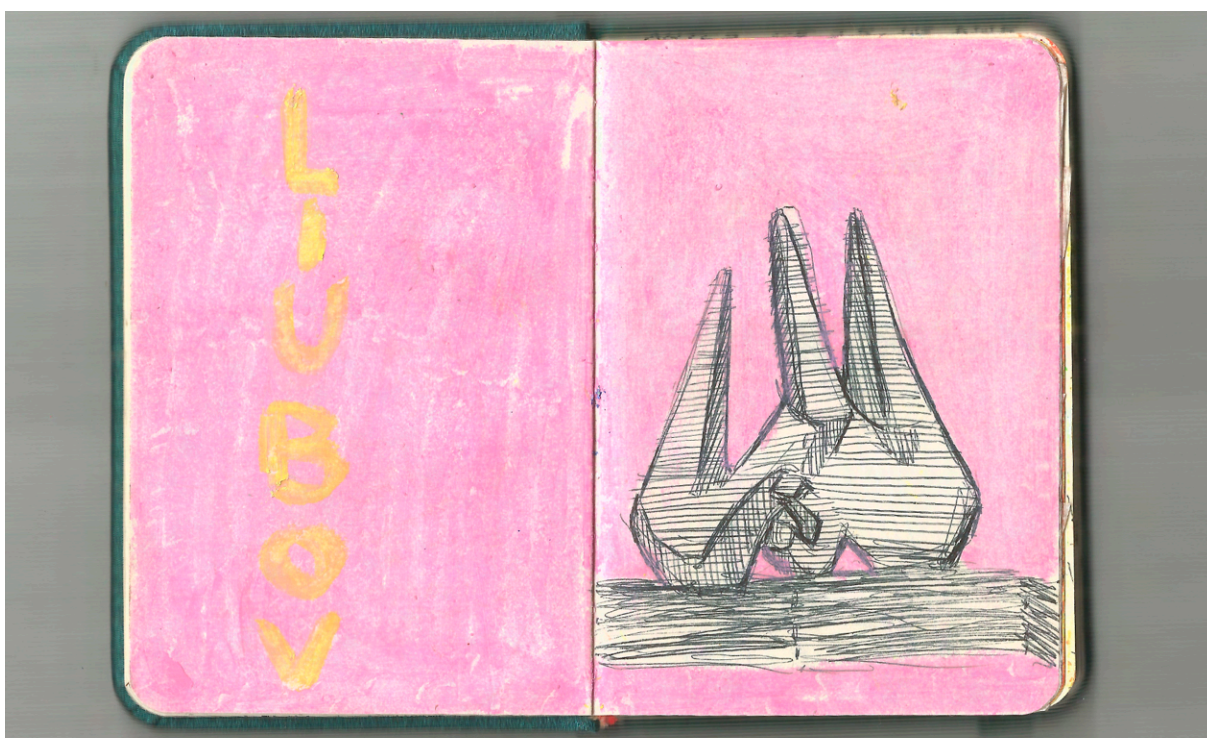
Fonte: acervo pessoal

Figura 40 - [ou c2.13] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 41 - [ou c2.14] - ampliada



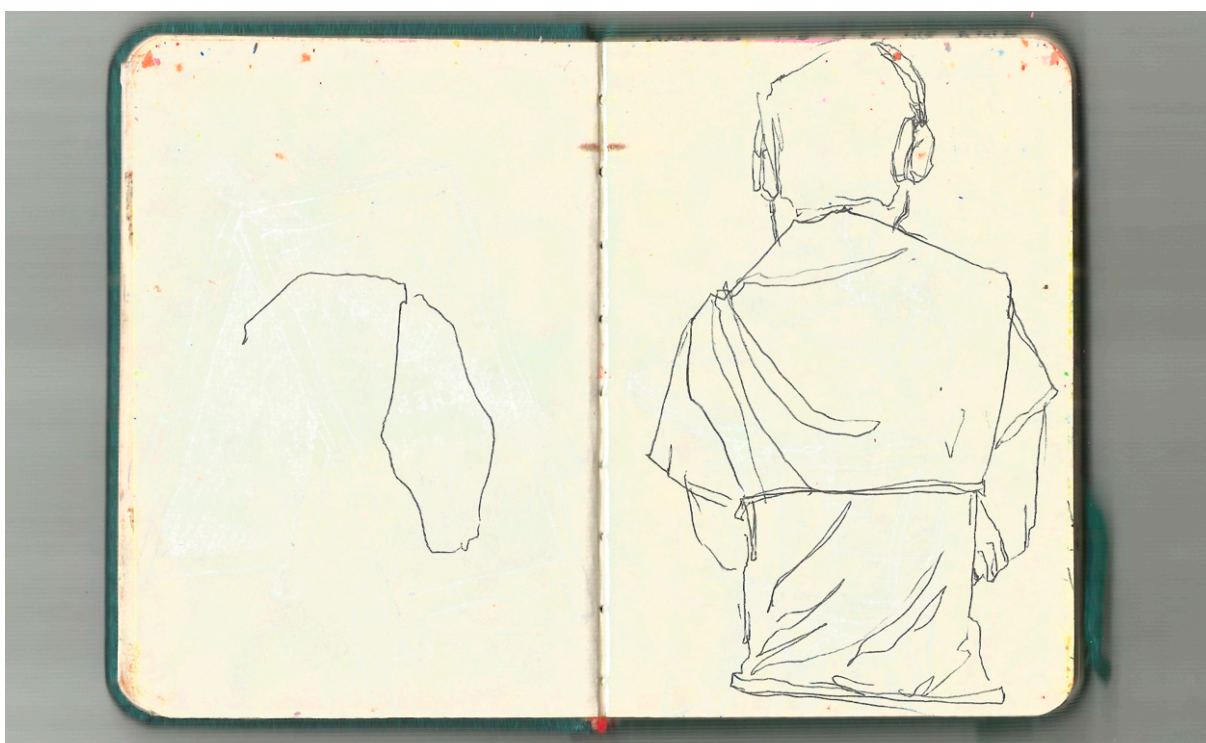
Fonte: acervo pessoal

Figura 42 - [ou c2.16] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 43 - [ou c2.19] - ampliada

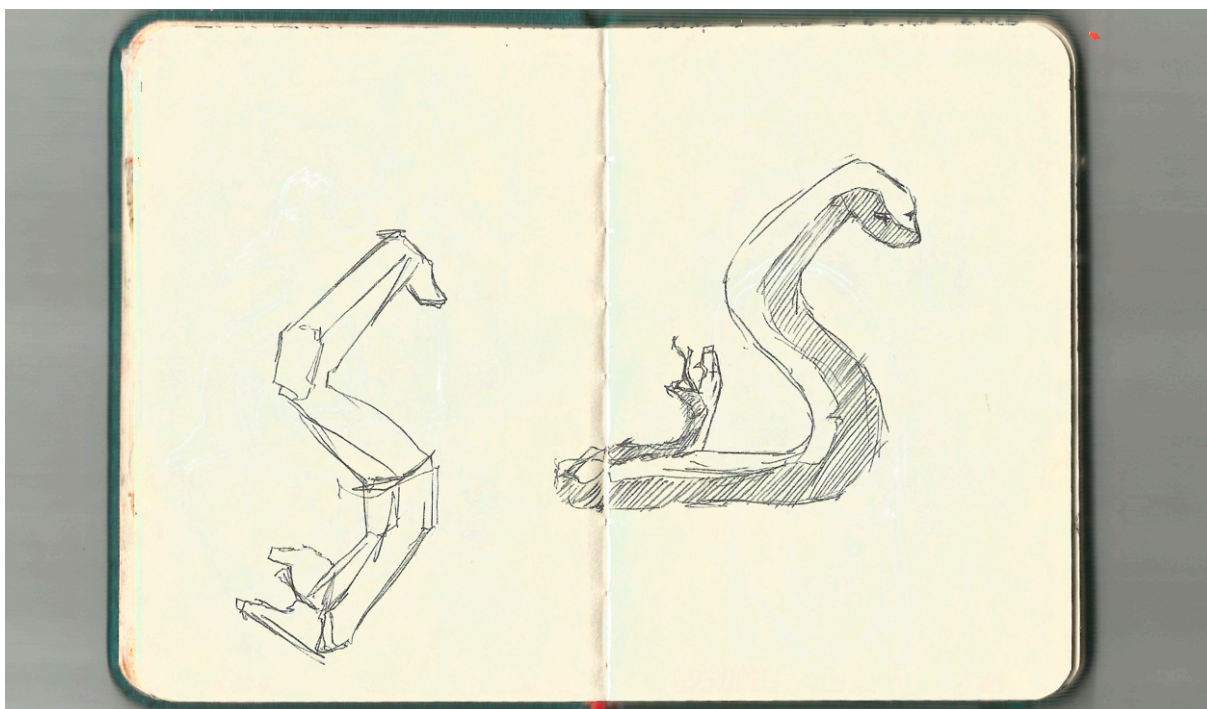


Fonte: acervo pessoal

| 15 de outubro de 2022

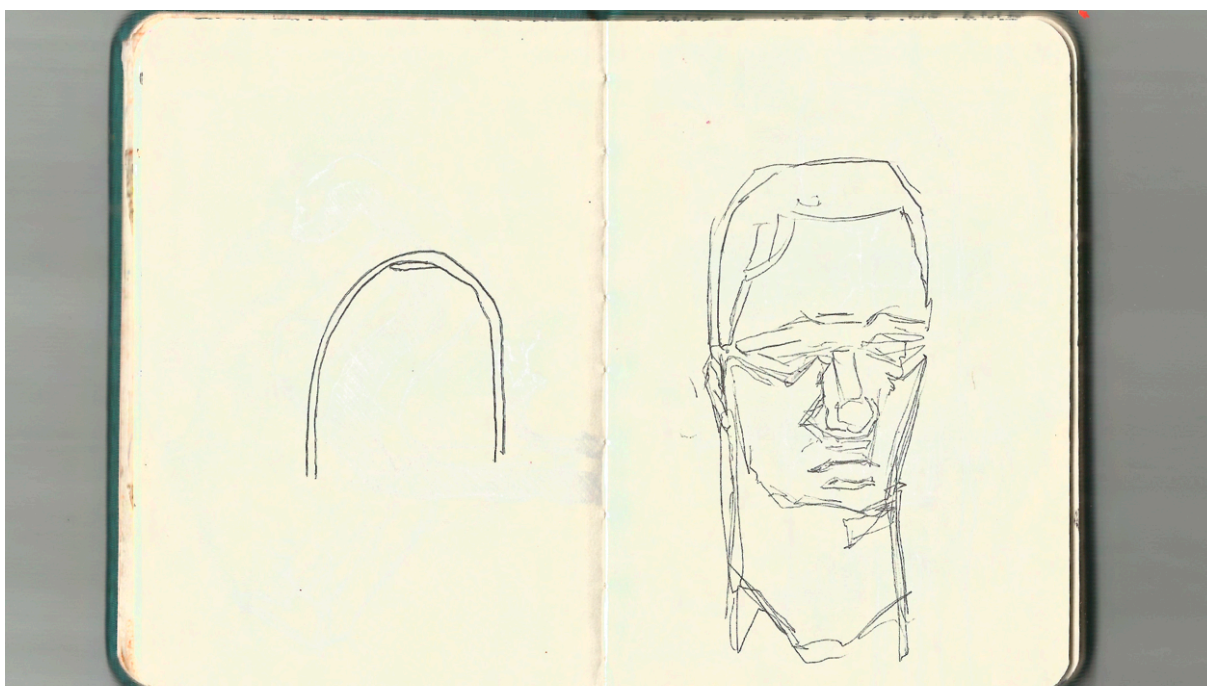
abertura da exposição LIUBA – Corpo Indomável

Figura 44 - [ou c2.24] - ampliada



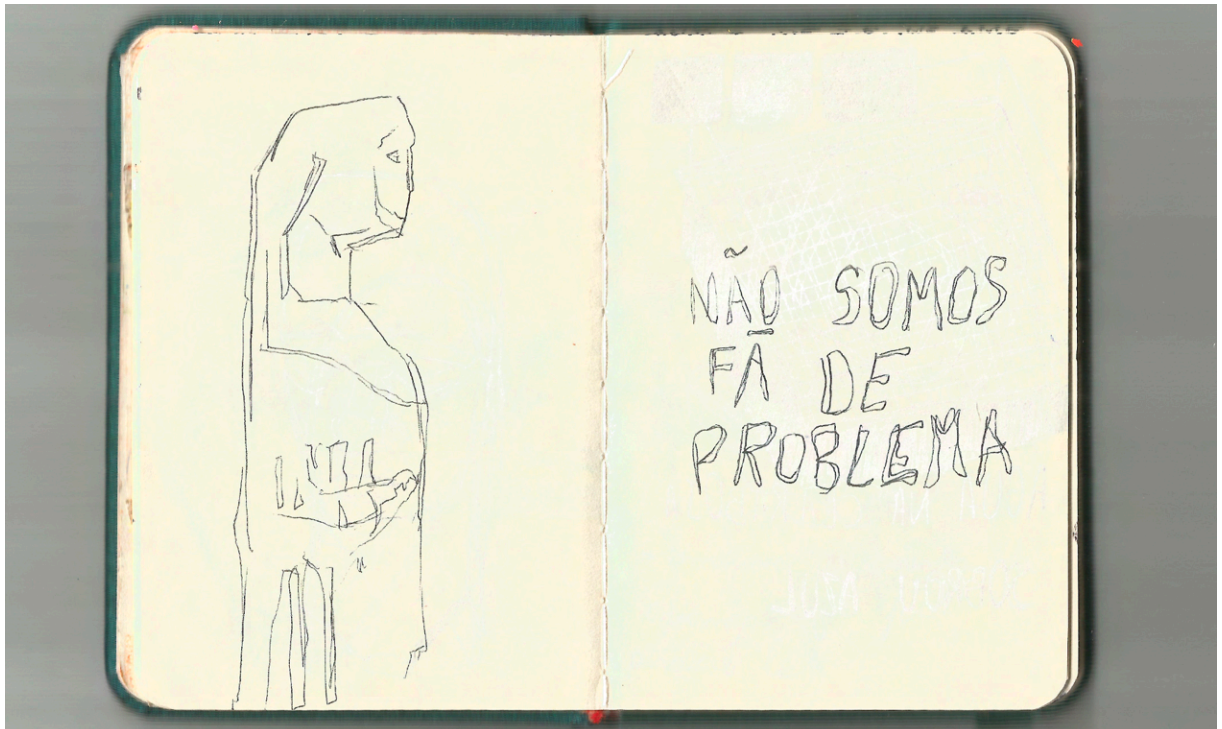
Fonte: acervo pessoal

Figura 45 - [ou c2.25] - ampliada



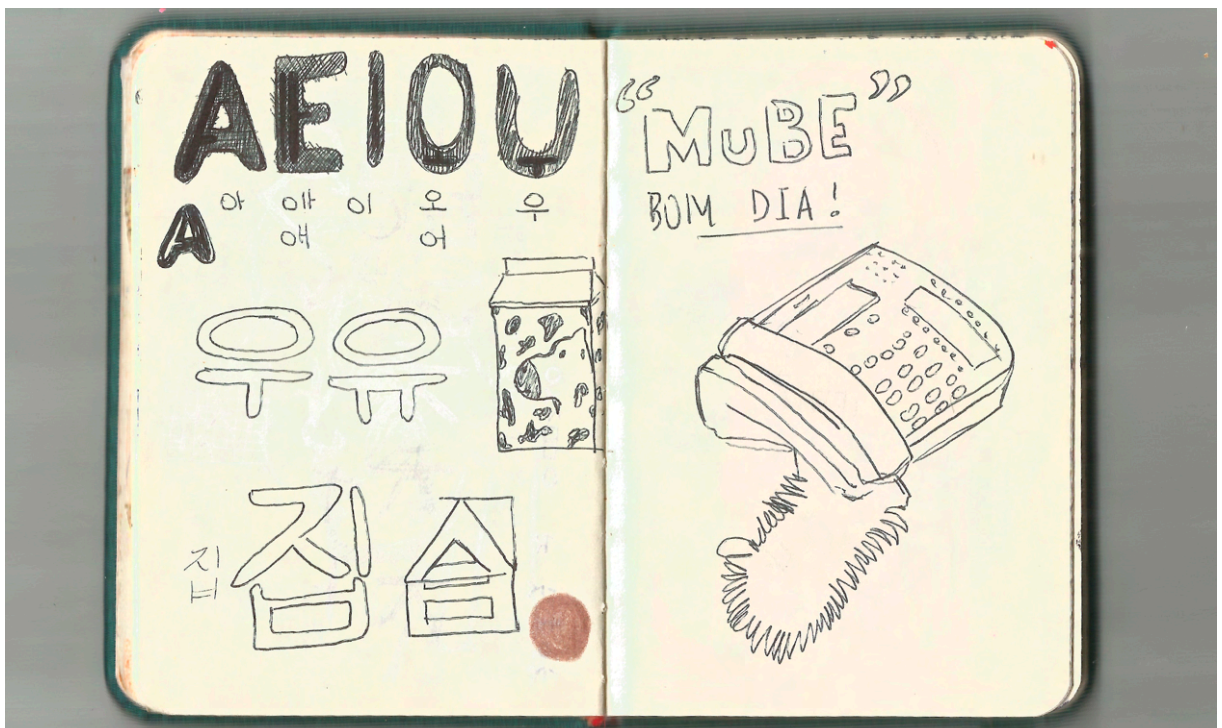
Fonte: acervo pessoal

Figura 46 - [ou c2.26] - ampliada



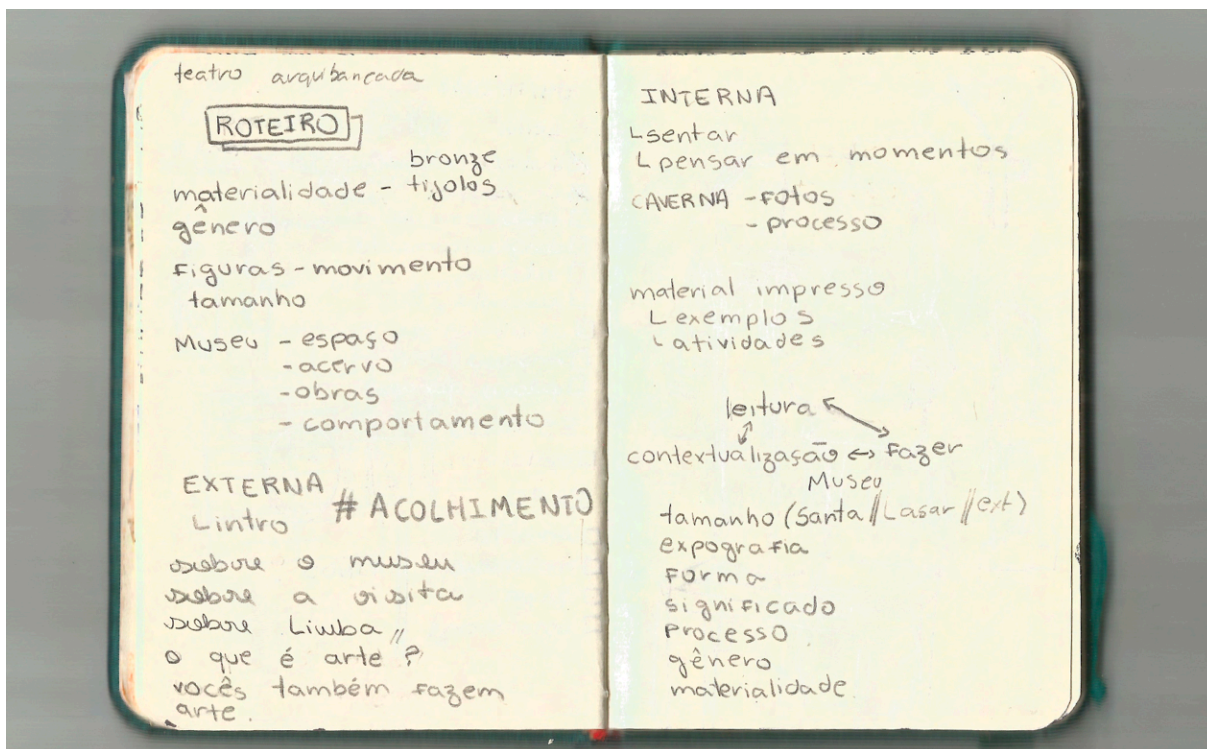
Fonte: acervo pessoal

Figura 47 - [ou c2.29] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 48 - [ou c2.32] - ampliada



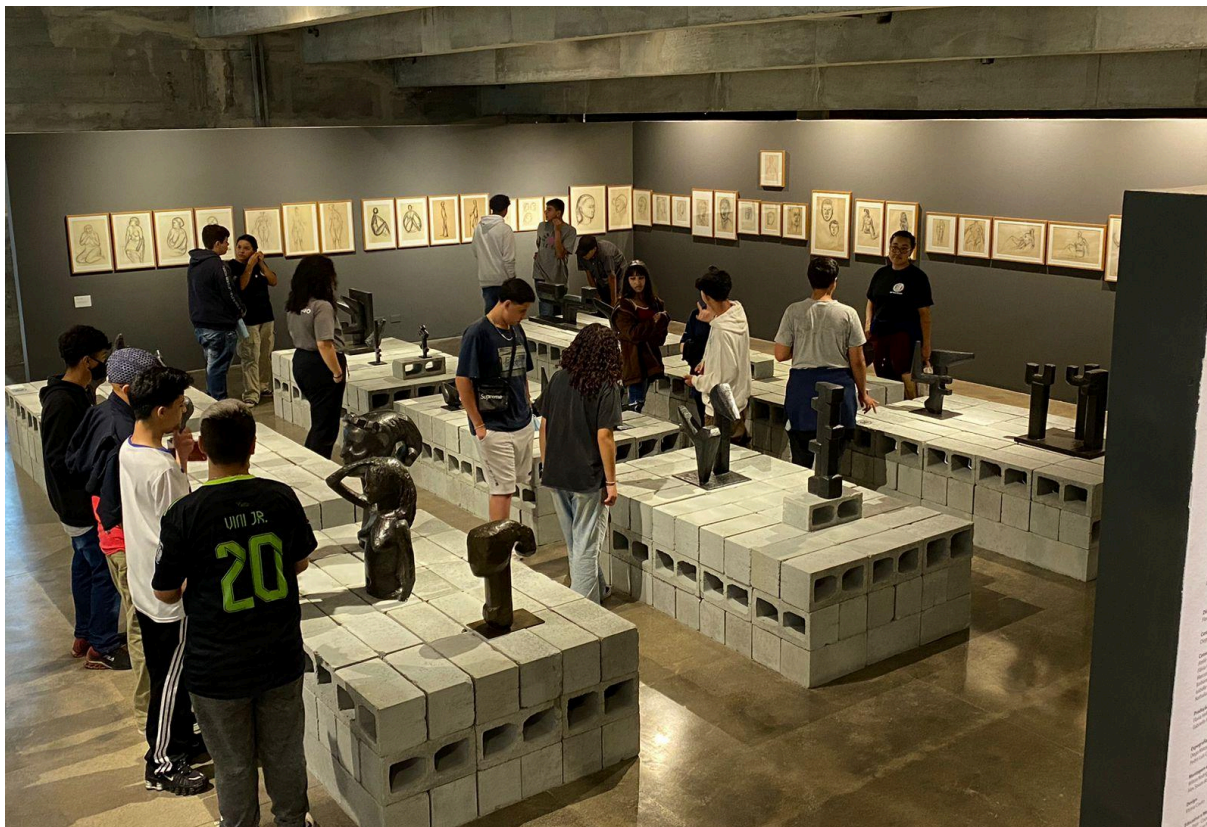
Fonte: acervo pessoal

Uma última função da ação educativa no museu era a realização de visitas mediadas, que são visitas agendadas, geralmente por escolas, nas quais um educador acompanha o grupo realizando a mediação entre visitantes, obras e instituição.

No caso do MuBE, era pedido aos educadores que realizassem um roteiro seguindo três momentos: acolhimento, desenvolvimento e finalização, a ser concluído em um período médio de 1 hora junto ao grupo. Idealmente, esses roteiros devem ser encaminhados com antecedência à coordenadora da equipe, para que esta pudesse ajudar em dúvidas, dificuldades e apresentar referências de acordo com os interesses e recortes pensados pelo educador.

Na primeira exposição que acompanhei não tive a oportunidade de realizar visitas, dada a minha inexperiência e o calendário já estruturado para os últimos dias da mostra. Nas duas exposições seguintes, LIUBA e Leonardo Finotti, o interesse por visitas mediadas foi consideravelmente menor, movimento provavelmente resultado das épocas de exibição de ambas as exposições, entre outubro de 2022 e abril de 2023, momentos mais próximos do fim e começo dos anos letivos. Além disso, eventos como a Copa do Mundo e o Carnaval também interferiram no calendário do museu e na organização da cidade.

Figura 49 - Minha primeira visita



Fonte: acervo pessoal

Dentro do MuBE, minha primeira visita seria no dia 24 de novembro de 2022, às 14h, com um grupo de 46 estudantes de uma escola particular de São Paulo, todos na faixa de 5 a 6 anos de idade. Infelizmente, com a definição do calendário de jogos da Copa esse foi um agendamento cancelado, dado que na data o Brasil jogaria contra a Sérvia às 16h, acarretando no fechamento antecipado do museu às 13h.

Ainda assim, nas reviravoltas da vida, consegui realizar minha primeira visita como arte-educadora dois dias antes do programado, em 22 de novembro de 2022. O grupo atendido não foi agendado, algo aceito excepcionalmente em consideração a distância viajada pelos estudantes, que vinham de Cotia, município de São Paulo, com o objetivo de visitar duas instituições próximas ao MuBE, a Fundação Casa Ema Klabin e o Museu da Imagem e Som (MIS).

Eu, que havia me preparado para atender um grupo de crianças de 06 anos, acabei atendendo, com uma mistura de improviso e adaptações, ao grupo de adolescentes que adentrava o espaço expositivo, e assim se inicia uma série de atravessamentos inesperados, algo que depois entendi comuns na atuação de um educador.

Figura 50 - Minha primeira visita



Fonte: acervo pessoal

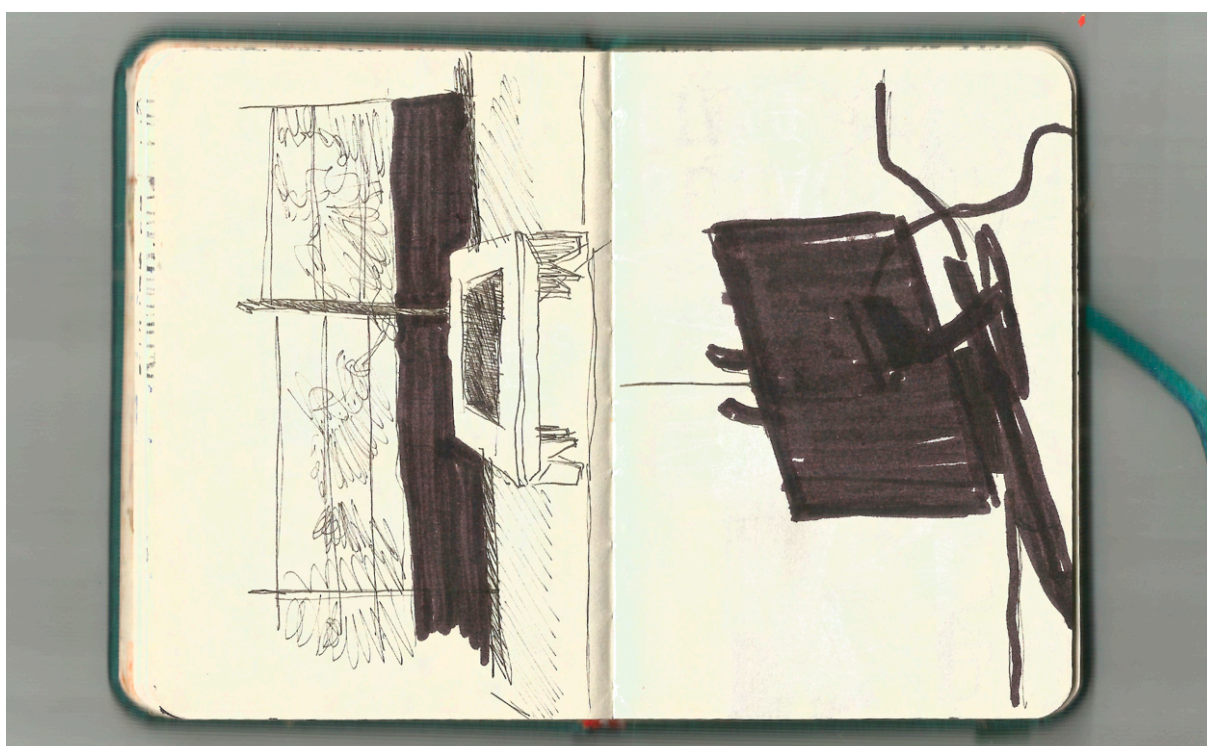
Com uma agenda apertada entre três instituições, uma longa viagem realizada, e uma igualmente longa a ser feita na volta, tempo e disposição foram fatores importantes, mas que eu ainda não tinha maleabilidade para entender, resultando em algumas frustrações e questões que pretendia destrinchar em minha segunda visita. Esta visita ocorreu, porém antes dela, um intervalo de 5 meses, nos quais lidei somente com visitantes espontâneos e o leque de possibilidades que a mediação alcança nestas relações.

Figura 51 - [ou c2.36] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 52 - [ou c2.39] - ampliada



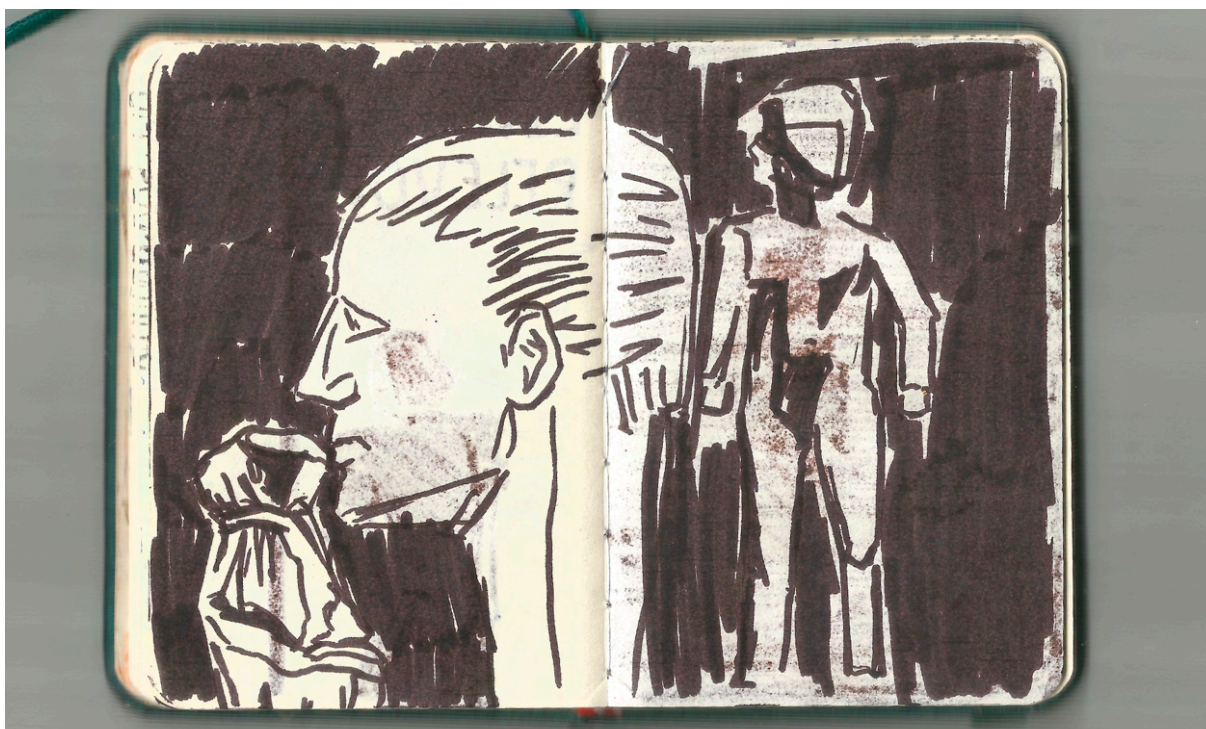
Fonte: acervo pessoal

Figura 53 - [ou c2.40] - ampliada



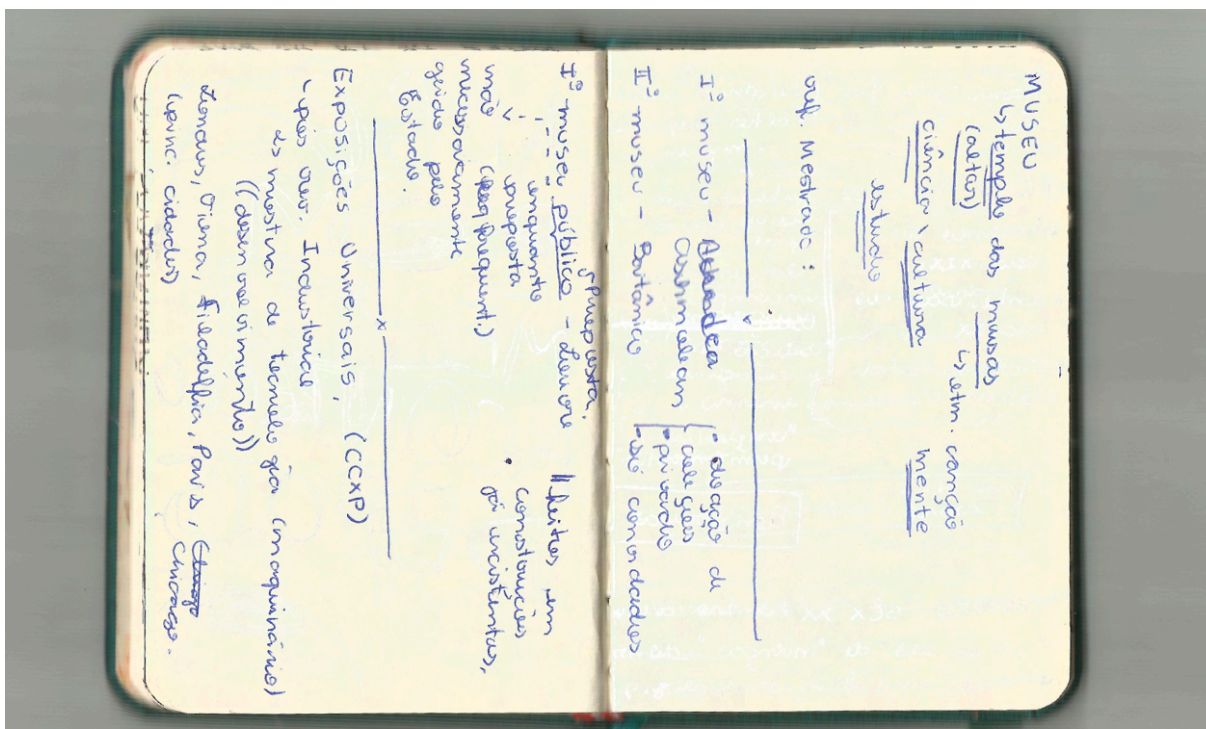
Fonte: acervo pessoal

Figura 54 - [ou c2.41] - ampliada



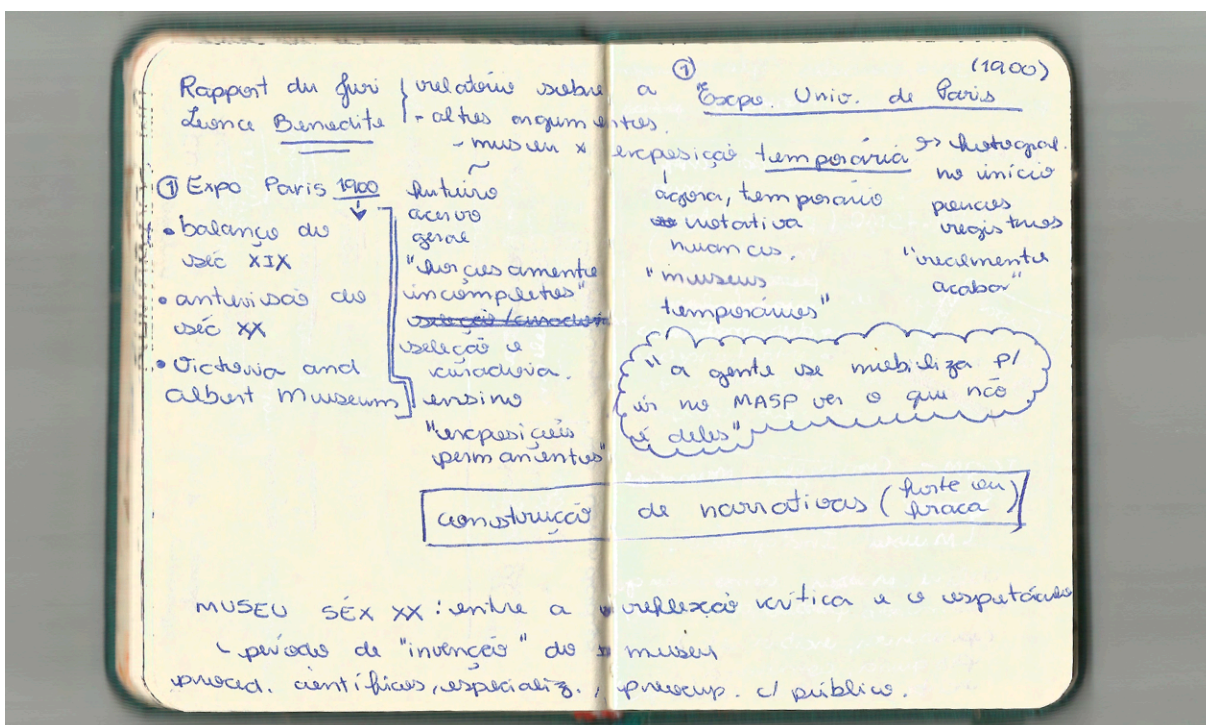
Fonte: acervo pessoal

Figura 55 - [ou c2.50] - ampliada



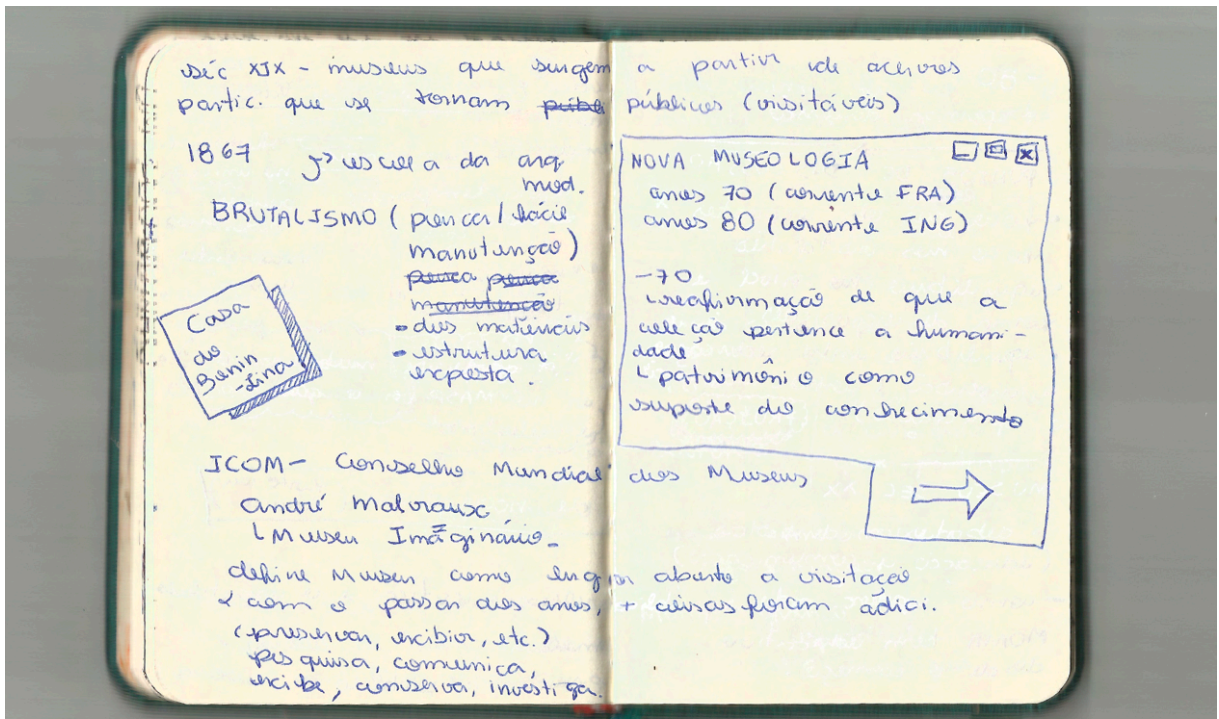
Fonte: acervo pessoal

Figura 56 - [ou c2.51] - ampliada



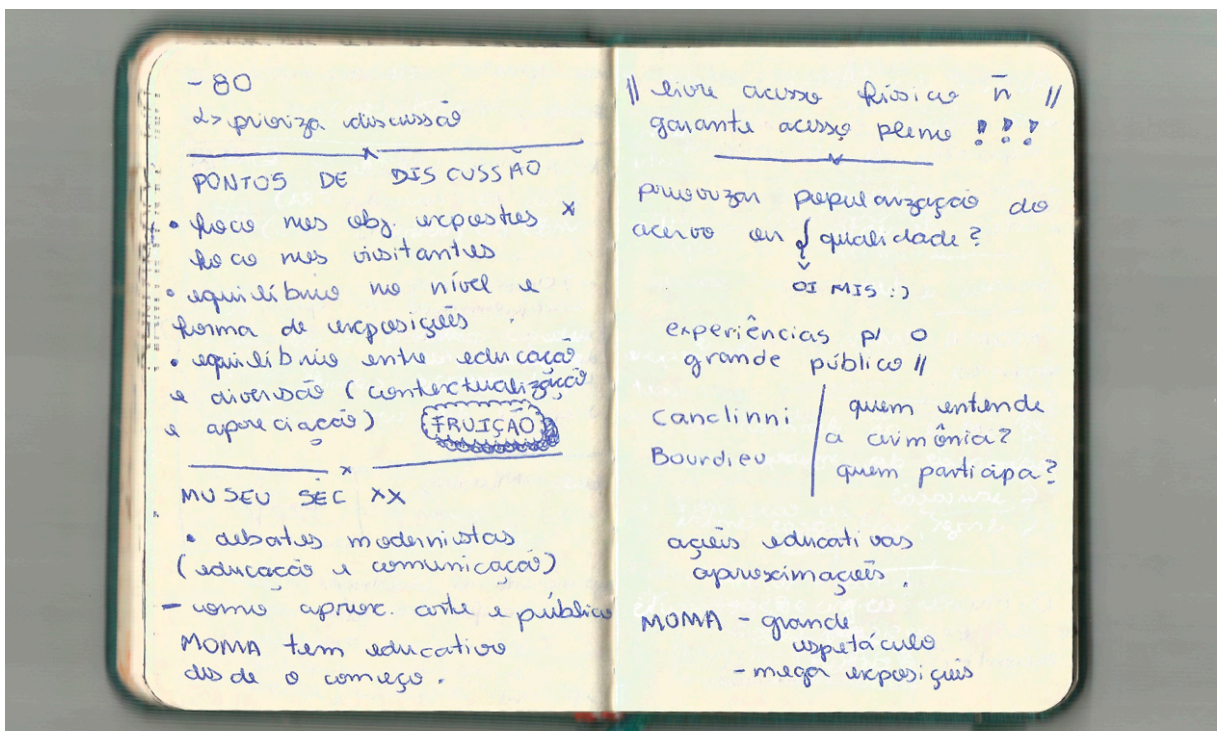
Fonte: acervo pessoal

Figura 57 - [ou c2.52] - ampliada



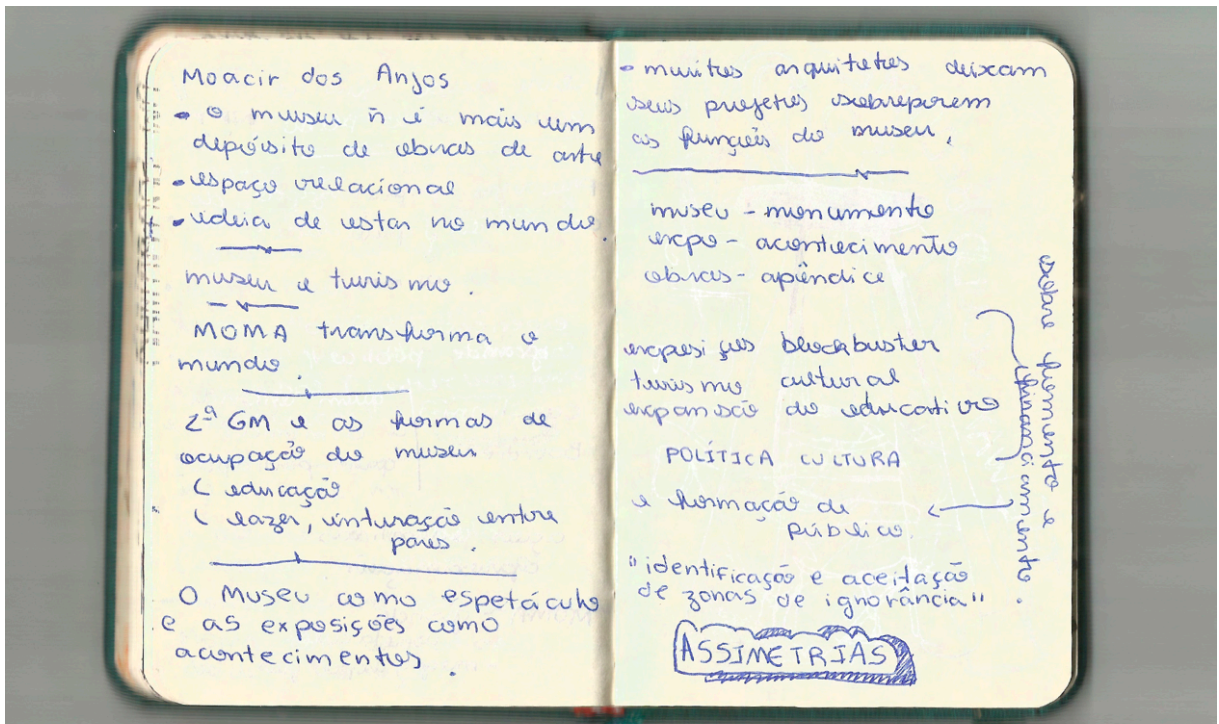
Fonte: acervo pessoal

Figura 58 - [ou c2.53] - ampliada



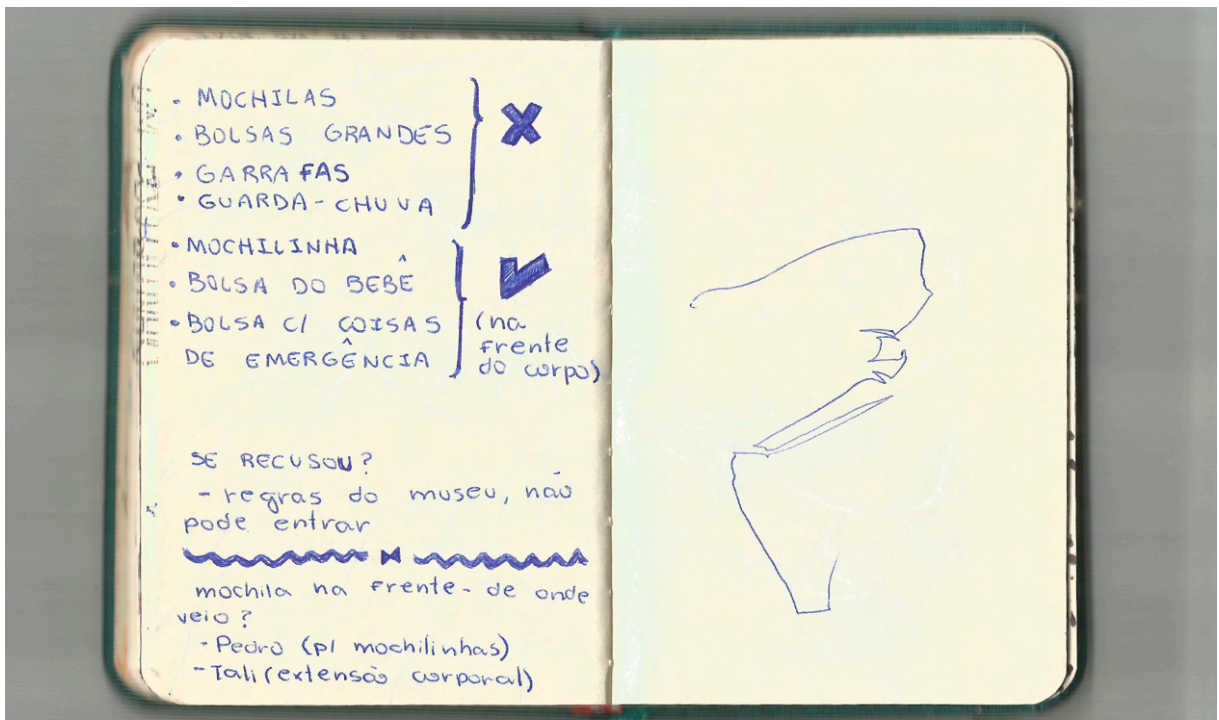
Fonte: acervo pessoal

Figura 59 - [ou c2.54] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 60 - [ou c2.59] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 61 - [ou c2.68] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 62 - [ou c2.69] - ampliada



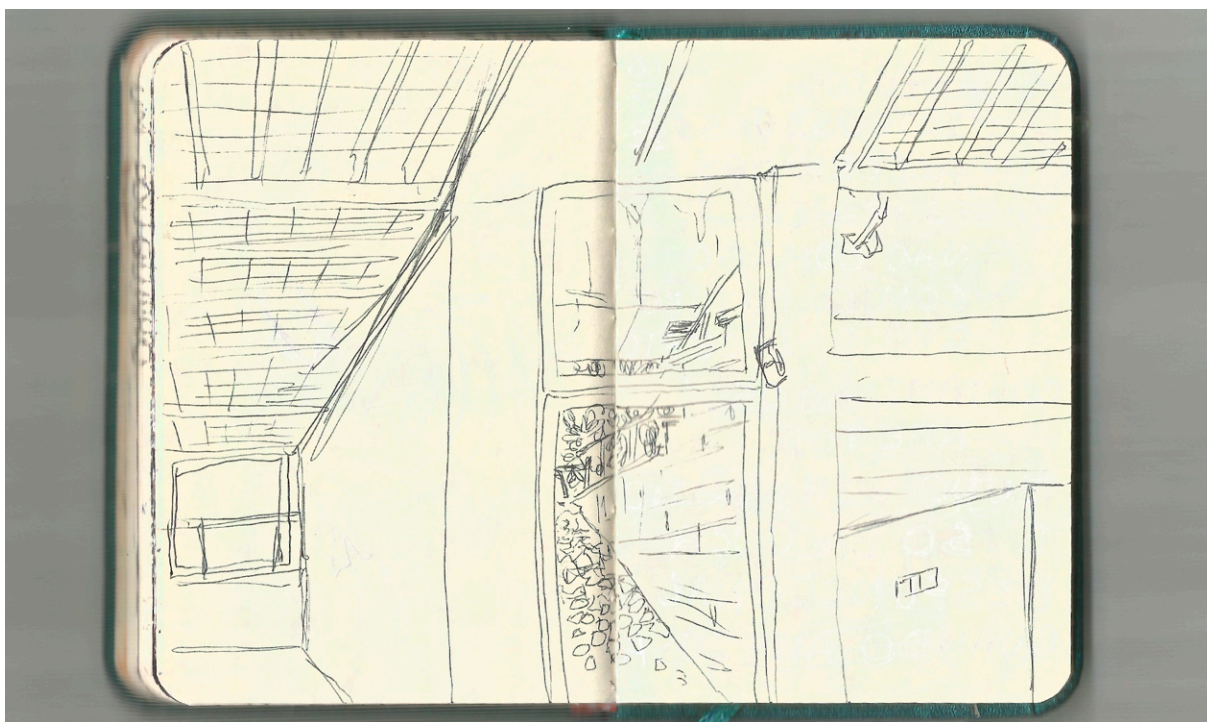
Fonte: acervo pessoal

Figura 63 - [ou c2.70] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 64 - [ou c2.72] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 65 - [ou c2.80] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

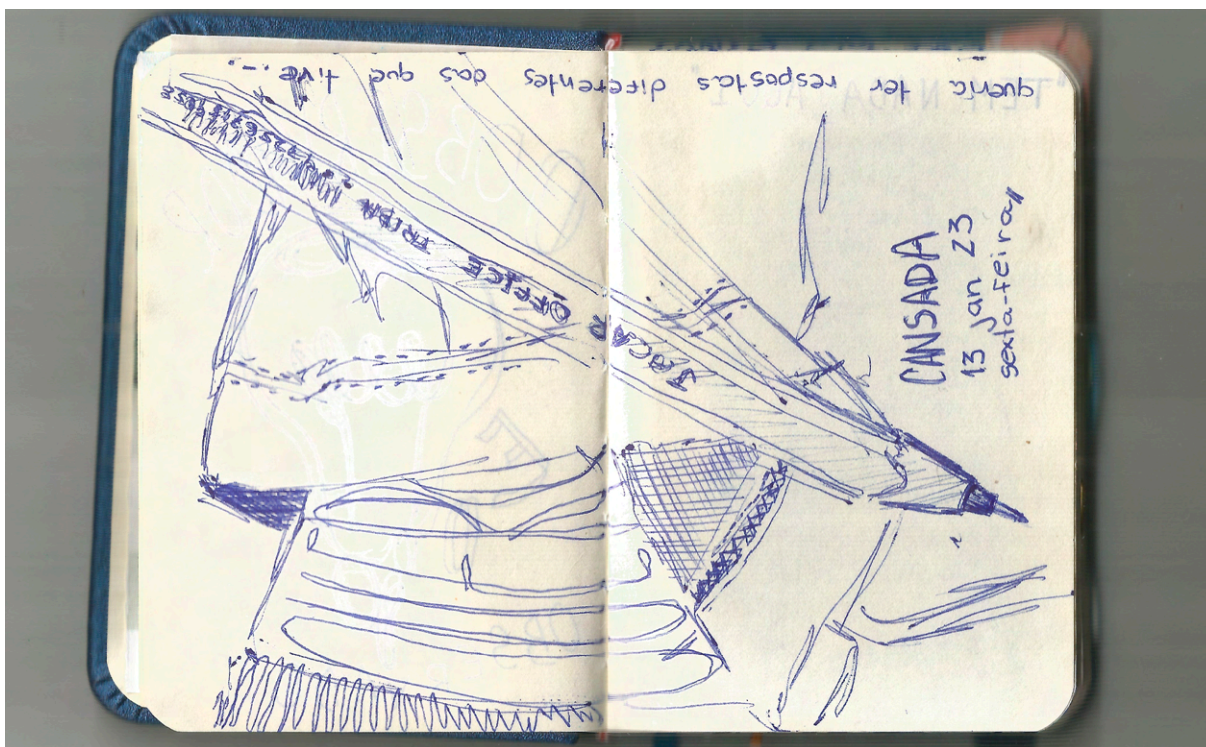
| 22 de dezembro de 2022

abertura da exposição Leonardo Finotti: laboratório arquitetura e cidade

| 10 de janeiro de 2023

fim do segundo caderninho e início do terceiro

Figura 66 - [ou c3.05] - ampliada



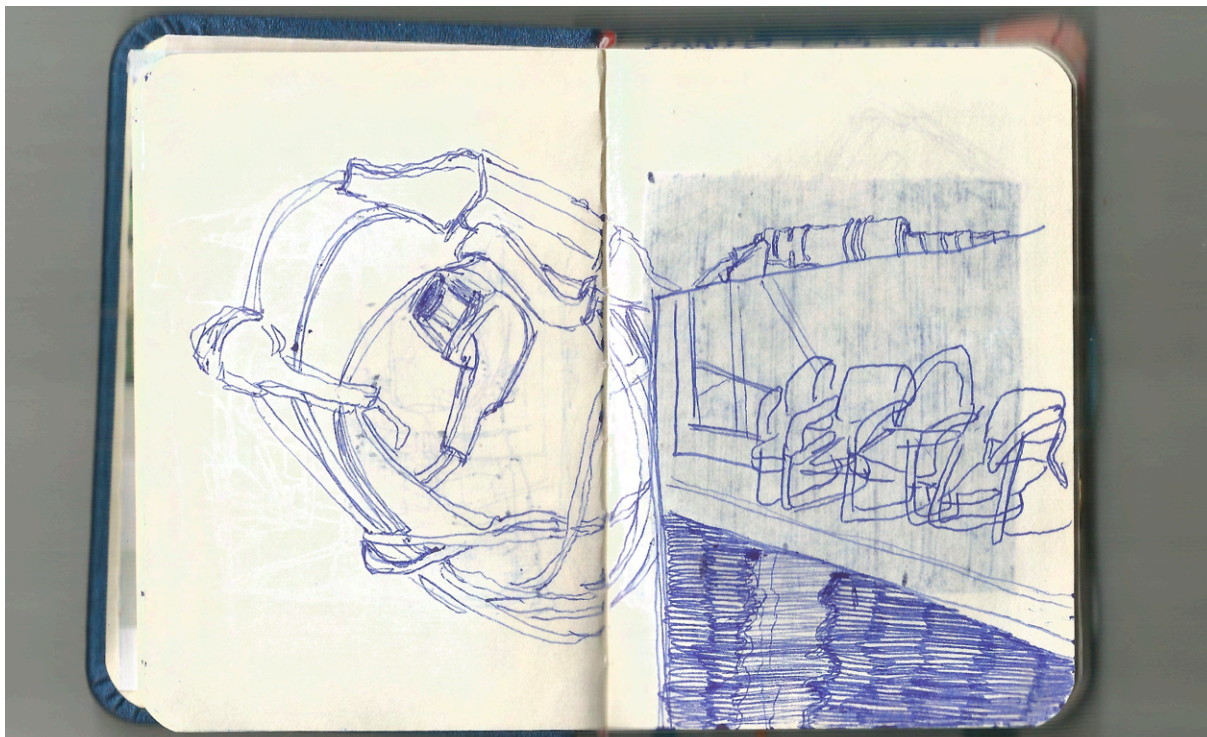
Fonte: acervo pessoal

Figura 67 - [ou c3.06] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 68 - [ou c3.08] - ampliada

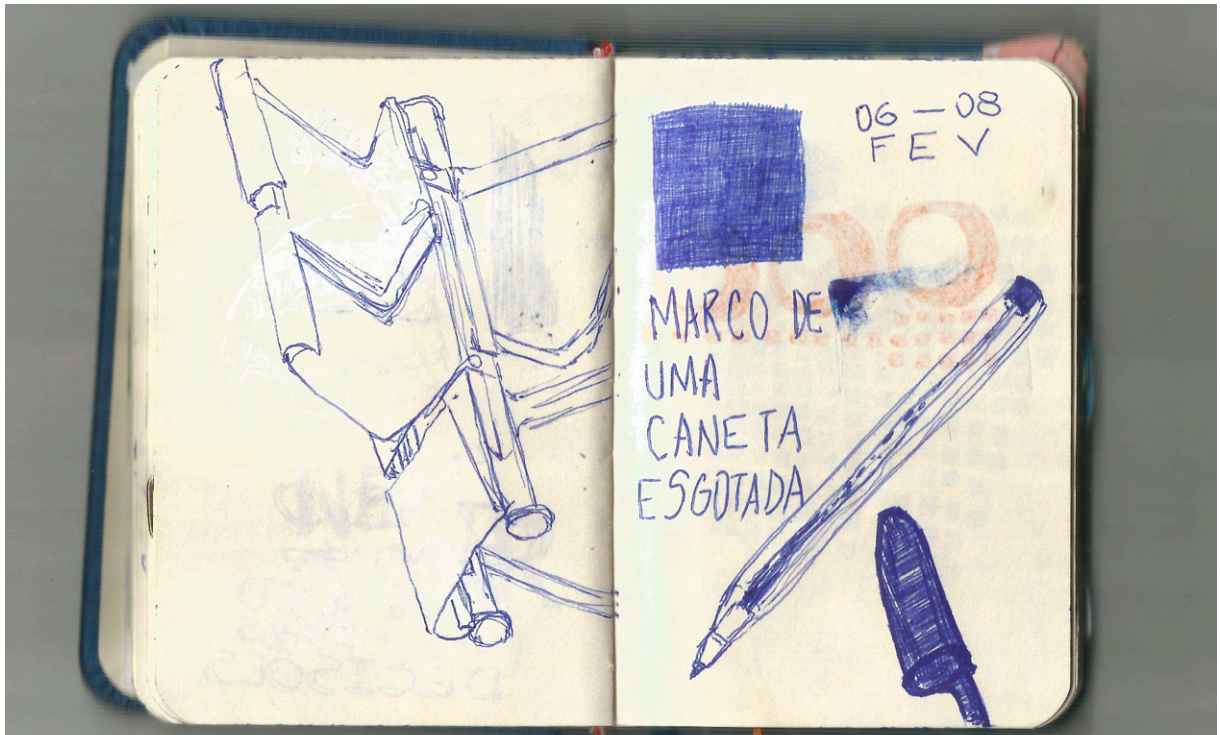


Fonte: acervo pessoal

| 05 de fevereiro de 2023

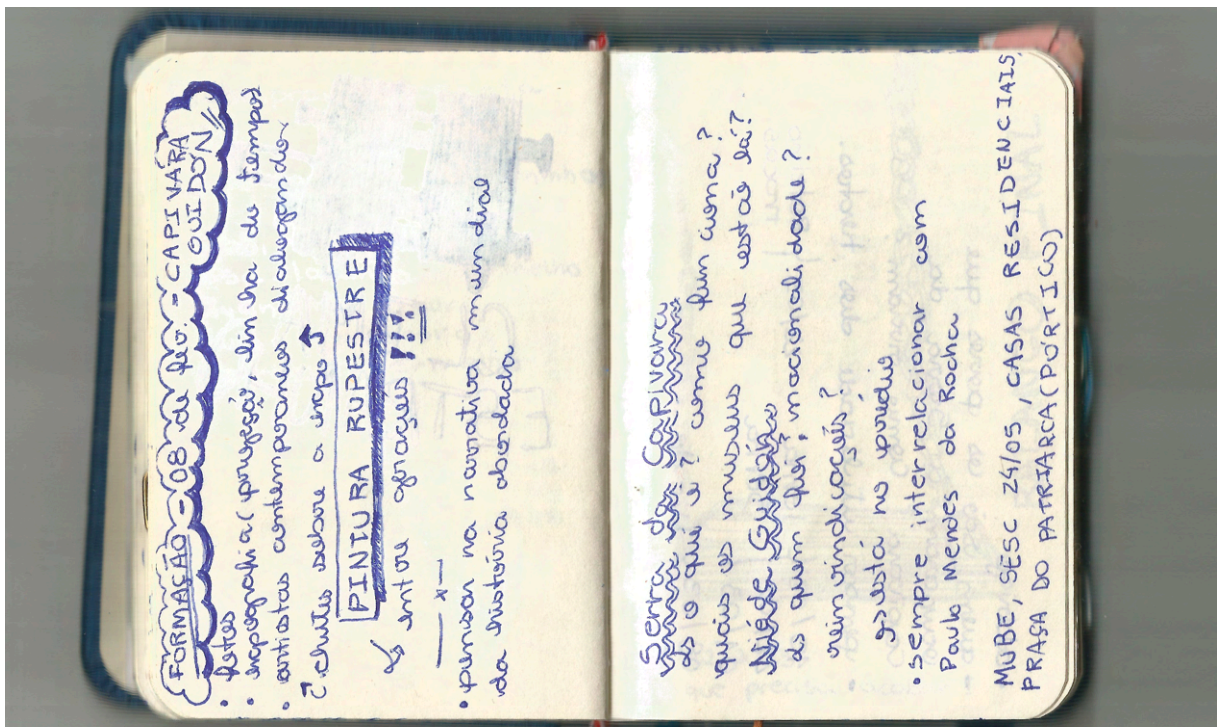
último dia da exposição LIUBA – Corpo Indomável

Figura 69 - [ou c3.29] - ampliada



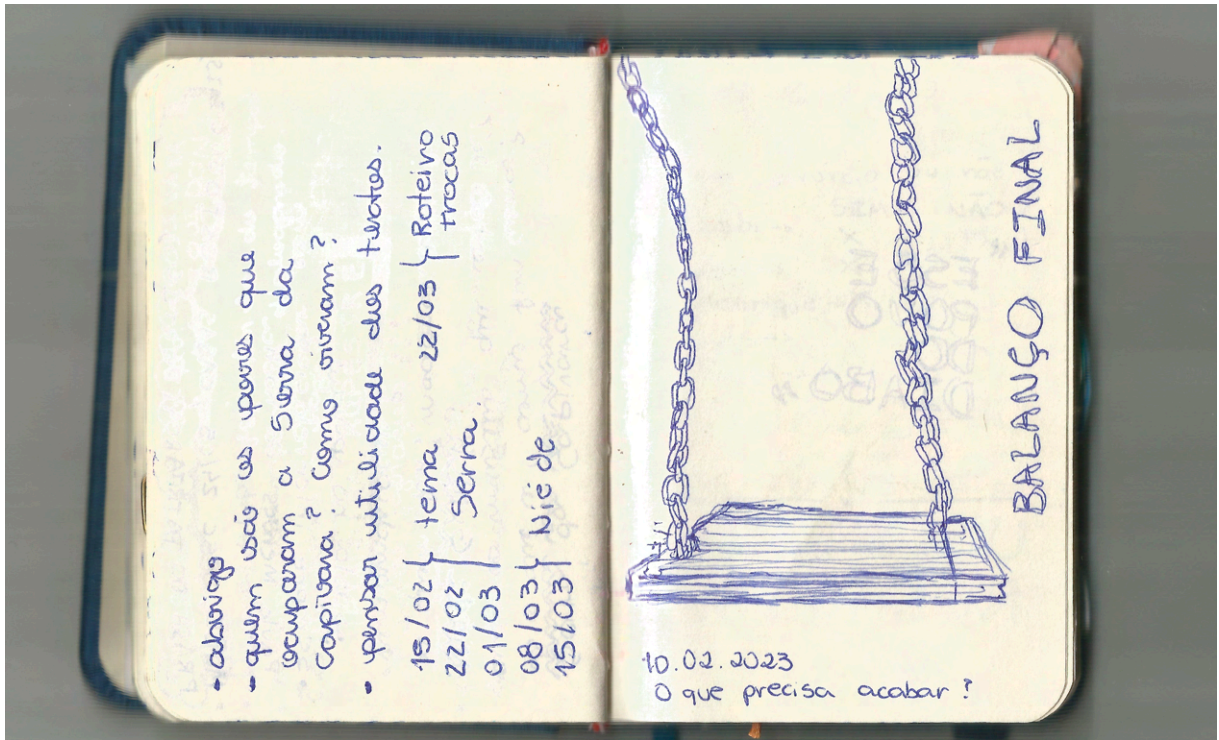
Fonte: acervo pessoal

Figura 70 - [ou c3.33] - ampliada



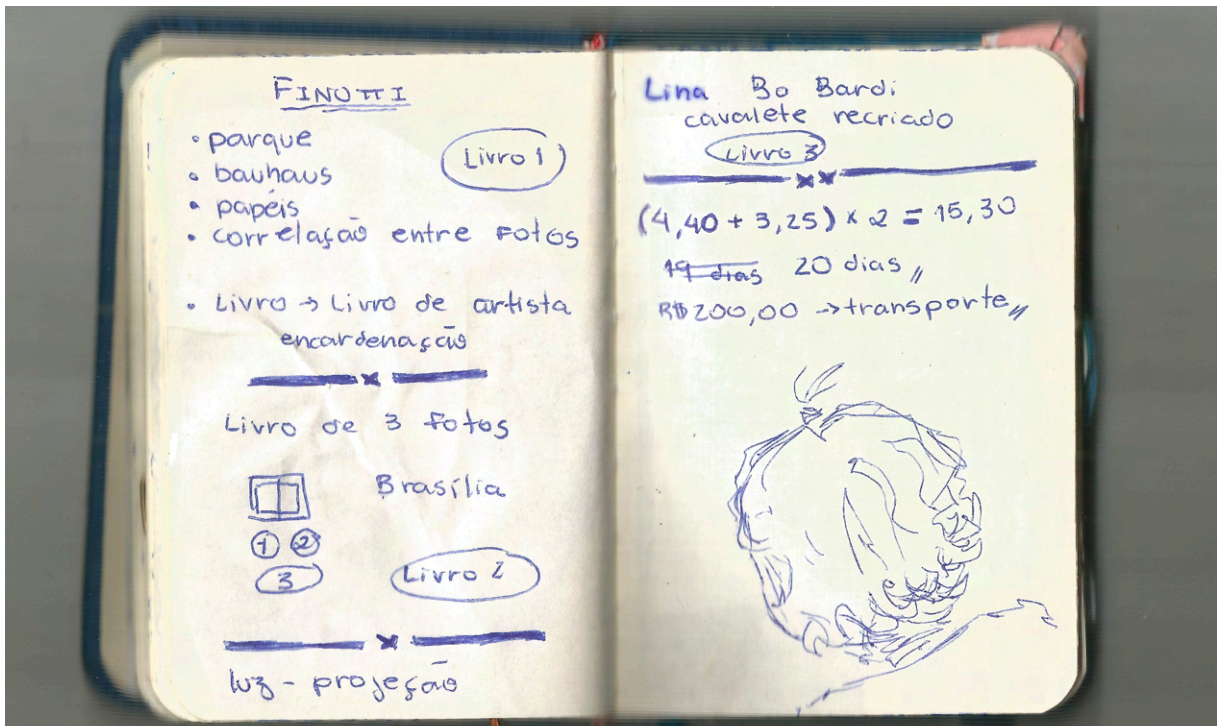
Fonte: acervo pessoal

Figura 71 - [ou c3.34] - ampliada



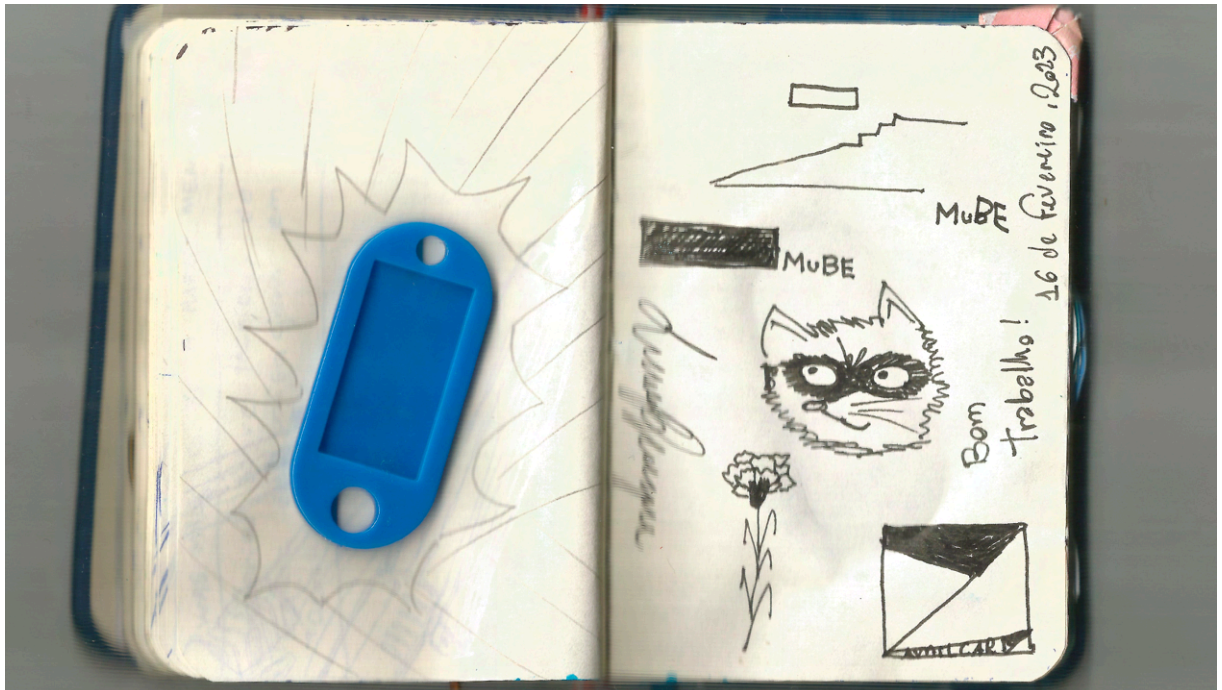
Fonte: acervo pessoal

Figura 72 - [ou c3.39] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 73 - [ou c3.52] - ampliada

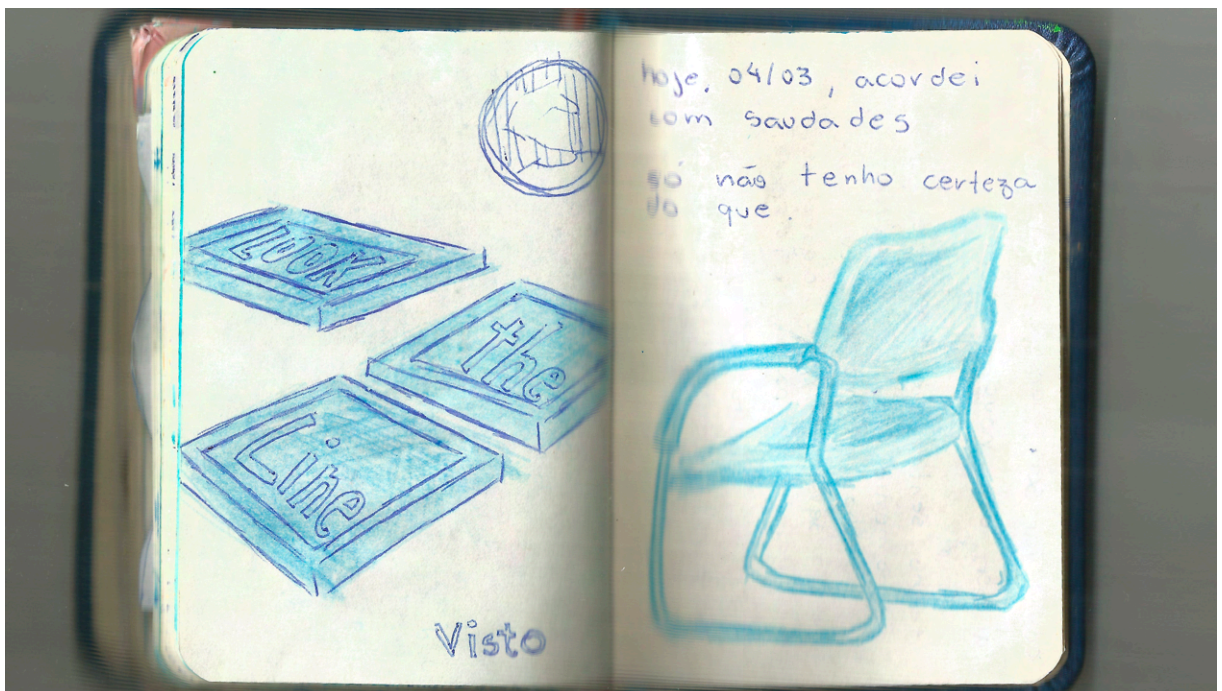


Fonte: acervo pessoal

| 28 de fevereiro de 2023

mudança entre moradias

Figura 74 - [ou c3.85] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

| 04 de março de 2023

fim do terceiro caderninho

| 04 de março de 2023

início do quarto caderninho

| 24 de março de 2023

mudança de volta para a casa dos pais

| 02 de abril de 2023

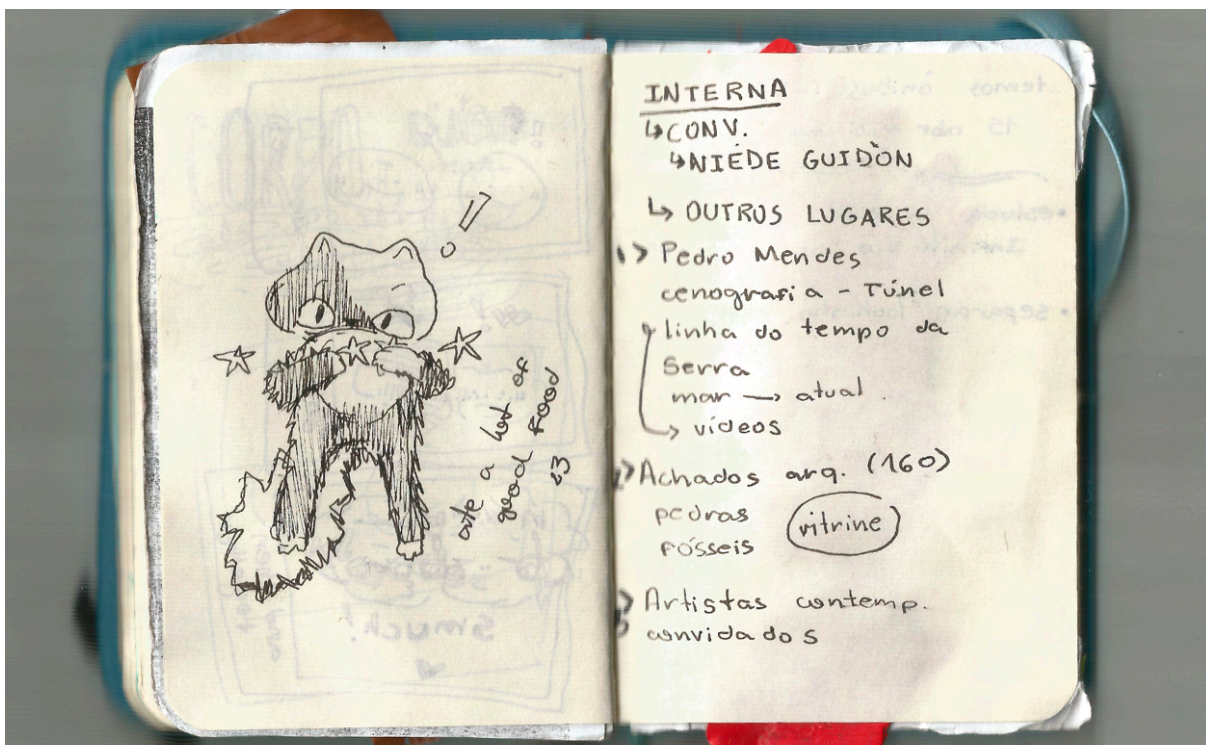
último dia da exposição Leonardo Finotti: laboratório arquitetura e cidade

Figura 75 - [ou c4.42] - ampliada



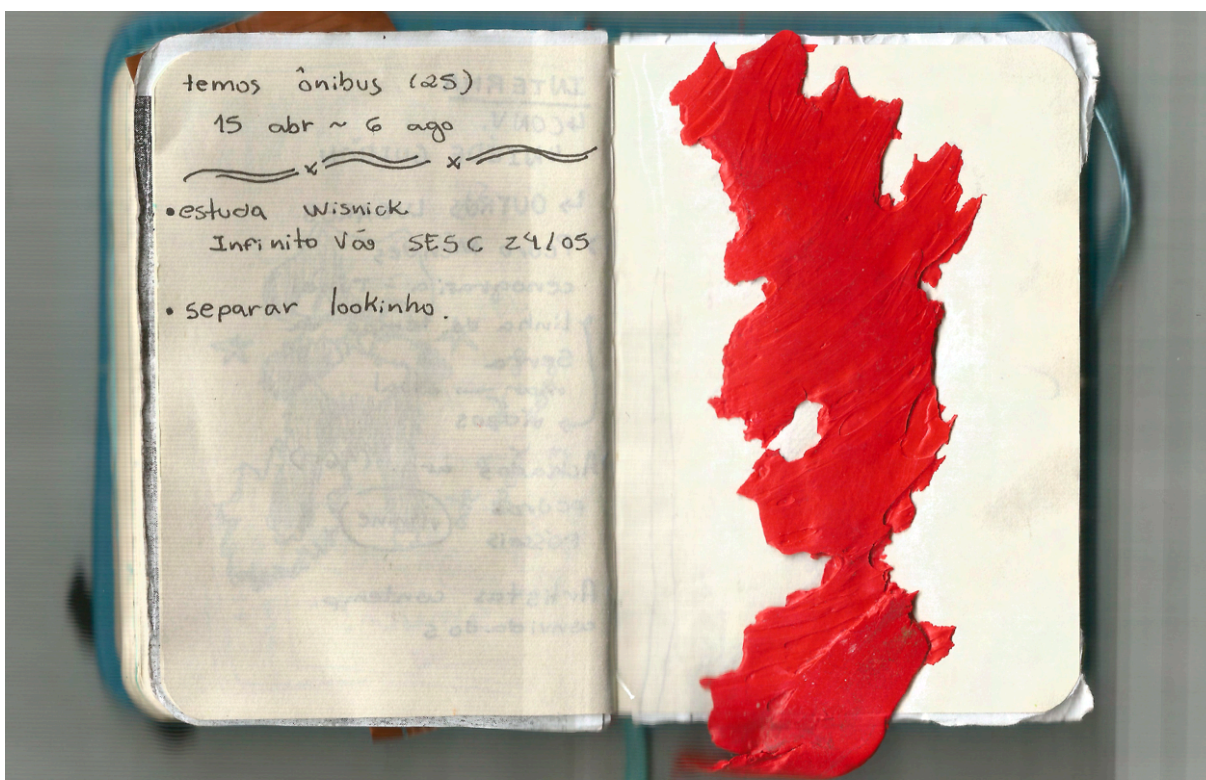
Fonte: acervo pessoal

Figura 76 - [ou c4.44] - ampliada



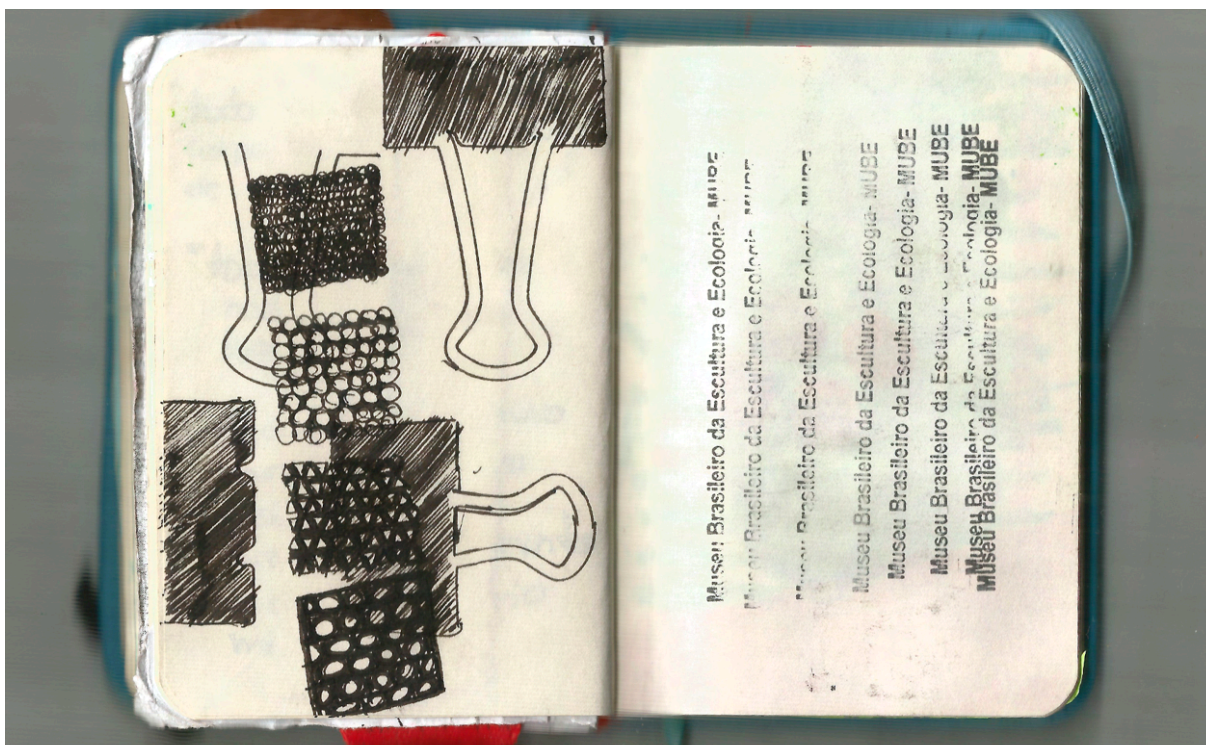
Fonte: acervo pessoal

Figura 77 - [ou c4.45] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 78 - [ou c4.52] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

| 15 de abril de 2023

abertura da exposição PEDRA VIVA - Serra da Capivara, O Legado de Niède Guidon

Entre Liuba e Niède, muitas mudanças aconteceram. Grandes amizades feitas no educativo encerram seus contratos, novas pessoas apareceram e eu me mudei, duas vezes em um pequeno intervalo. Destaco essa mudança territorial aqui por dois eixos, a distância, que deságua no cansaço, e o corpo-território, que foi ganhando força em minha pesquisa e visão de mundo.

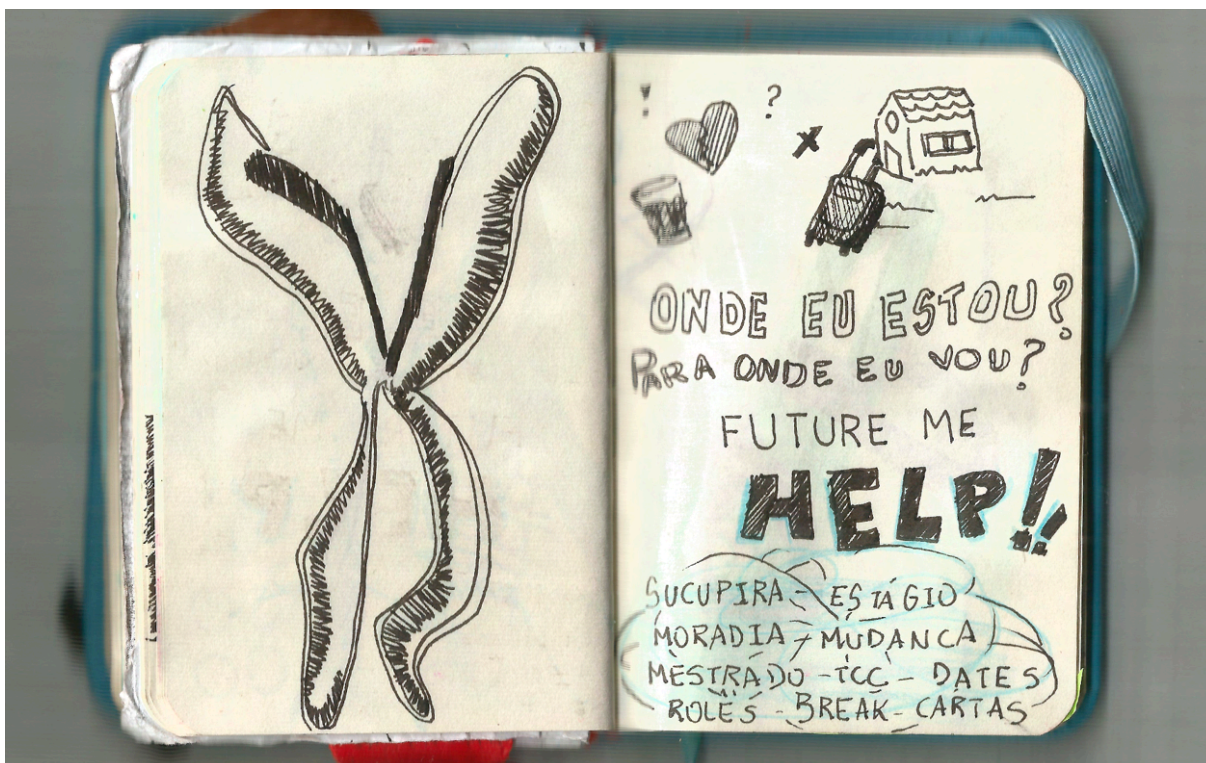
A respeito da distância, desde 2018, ano em que ingressei na graduação, tive moradia em São Paulo assegurada pelo programa de permanência estudantil do Instituto de Artes da UNESP. A inscrição para o programa foi repetida anualmente em todos os anos de graduação, sempre deferida, até 2023, ano em que eu não consegui o auxílio dado o aumento de renda per capita familiar. Ainda não era uma situação viável para que eu me mantivesse em outra casa que não fosse a dos meus pais, mas foi e é visível o contraste socioeconômico entre o contexto em que ingressei na faculdade e o contexto em que curso meu último ano.

“[...] ter a dimensão do nosso próprio corpo só se é possível pôr e a partir das experiências, as quais não devem ser confundidas com o acúmulo de informações ou excesso de dados codificáveis socialmente. Pelo contrário, é vislumbrar o corpo como o espaço de sentimentos, de afetividades, de exposição para se permitir ser tocado pelo o outro, pelas vivências que articulam as territorialidades.” (MIRANDA, 2020, p. 34)

Relembro assim como em todos os espaços de ocupação, inclusive neste, de escrita, pesquisa e leitura, diversas articulações ocorrem, atravessadas por interferências minhas e alheias enquanto negociamos presença, ou seja, enquanto vislumbro e me submeto às dimensões de outros corpos e, ao mesmo tempo, os submeto e conduzo pelas minhas dimensões/experiências, entrando em toda presença acompanhada de minha cobra coral²⁹, minha própria vida, que faz questão de ser e estar em todos os momentos, em todas as páginas.

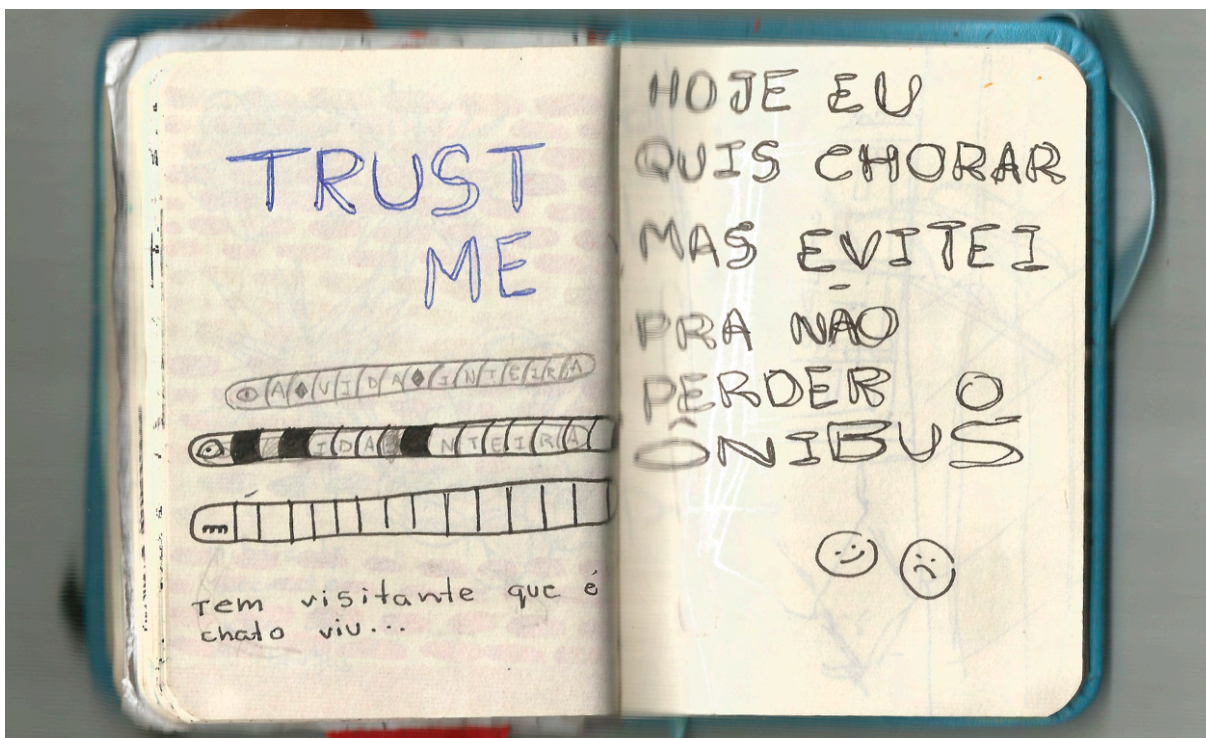
²⁹ Em *Para inventar o corpo-território*, Eduardo O. Miranda abre caminhos reverenciando os atabaques do Afoxé Pomba do Malê com a epígrafe “O negro do Pombra quando sai da Rua nova, ele traz na cinta uma cobra coral”. A partir disso, enquanto discorre sobre o corpo-território, o autor também retoma o mito de Oxumaré que, com a ajuda de Olorum, é transformado em serpente e foge de uma emboscada de Xangô. Entre suas leituras, a cobra coral apontada pelo Afoxé é também o ato de trazer consigo algo vindo do antigo território que participa do processo de se territorializar um novo lugar, um exemplo da possibilidade de trocar de pele para reinventar a concepção de vida e de mundo, algo imbricado no ato de desterritorializar.

Figura 79 - [ou c4.57] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 80 - [ou c4.73] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

O cansaço é notável. Com a mudança, saí de São Paulo e voltei para Campo Limpo Paulista, para a casa dos meus pais, para os mais de 50 quilômetros de distância e para viagem diária, experimentada nos primeiros meses da graduação, e agora, nos últimos também. Mas voltei com outra bagagem, das panelas usadas aos livros lidos, e muito desta só foi possível por um outro encontro propiciado pela universidade, um espaço no qual fui quilombo, o grupo de pesquisa Cartas de Bem Viver.

“Cartas de Bem Viver é o nome do projeto criado pelo coletivo de estudantes do Instituto de Artes da UNESP contemplados pelo projeto de Ações Afirmativas e Diversidade (AADI). Fazem parte deste coletivo Caio Henrique de Matos Andrade da Silva, Camilla Julie de Oliveira Araujo, Crislayne Gonçalves, Glória Maria, Millena Almeida Silva e Raquel Santos.

[...] integraliza uma pesquisa iniciada em fevereiro de 2022, com duração prevista de 1 ano, que busca investigar a educação de mulheres negras e o acesso à formação continuada, e tem como terreiro de estudo o quilombo urbano paulista Ilú Obá De Min - Associação de Cultura e Arte Negra. [...]” (PROJETO CARTAS DE BEM VIVER, 2022);³⁰

Em minha trajetória, integrar o Cartas foi um ponto de encruzilhada, uma abertura de caminhos diversos³¹. A história do coletivo começa com Raquel Santos³², mestranda em Artes na época, que viu no anúncio de bolsas da Assessoria de Ações Afirmativas uma oportunidade de propor o acompanhamento pedagógico de mulheres negras do Ilú que tivessem interesse em retomar os estudos.

³⁰ Atualmente, o grupo é composto por Camilla Julie, Crislayne Gonçalves, Glória Maria, Millena Almeida e Moacir José Simplicio.

³¹ “O olhar ocidental cria a encruzilhada como a dúvida como o *‘para onde vou?’*. Não, Exú não é *‘para onde vou?’* Exú é *‘você tem caminhos para ir, qual você irá?’*” (AFROTRANSCENDENCE, 2017)

³² Sou mãe, artista e educadora. Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP (2021). Bacharel em Artes Cênicas com Habilitação em Cenografia pela Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2007). Tenho licenciatura em Artes pela Universidade Cândido Mendes (2009). Tenho experiência na área de Artes Cênicas, com ênfase nas relações de espaço e indivíduo ator e observador. Sou arte educadora, e como prática pedagógica direciono a pesquisa para as relações do devir sujeito alinhadas com as práticas artísticas em sala de aula. Atualmente sou percussionista do Bloco Ilú Obá De Min, do naipe das alfaías. E além de tocar busco construir com este coletivo outras formas de vivências possíveis. Ilustrei a capa e também participei do conselho editorial do livro *Nosso Afeto é Potência - mulheres do agogô tecendo histórias* (2019), que reúne os relatos das experiências das mulheres ao participar do carnaval do Ilú Obá de Min. Disponível em: Raquel Santos | LinkedIn. Acesso em: 15 nov 2023.

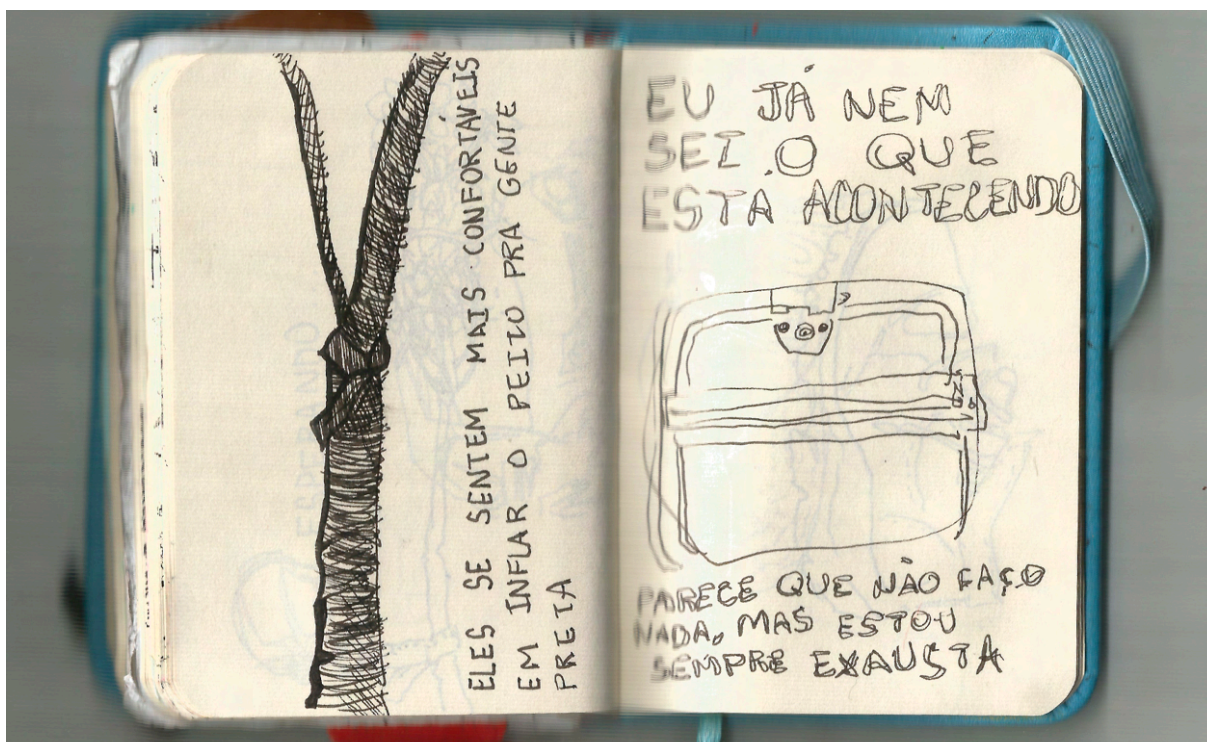
Outro nome importante nesse encaminhamento foi o de Rejane Coutinho, que orienta essa pesquisa, que também orientou o mestrado de Raquel e é aqui destacada como a pessoa que me ‘sondou’ e previamente convidou a integrar o projeto. Pontuo essa ‘sondagem’ porque ela retoma uma questão importante, a validação, afinal ao me convidar, Rejane também afirmava de um posto docente minha leitura enquanto uma pessoa parda, questão que crescia em mim e me sensibilizava ainda mais após o início da graduação, quando me vi pela primeira vez sendo afirmada como branca por colegas, reforçando o medo de ser dada como uma fraude, e acompanhei a forma como me autodeclaro sendo posta em questão.

“[...] uma das especificidades do racismo vivenciado por quem se autodeclara pardo tem a ver exatamente com nos acusarem de ambivalência.

[...] Mas a que serve essa manipulação da nossa identidade negra?

[...] Os poucos direitos conquistados, assim como nossa negritude de pele clara, não serão negociados.” (SANTANA, 2020)

Figura 81 - [ou c4.78] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Diante de todas as questões, lutas e violências enfrentadas por uma pessoa racializada na sociedade brasileira, o mero pensamento a respeito do não-lugar dos negros de pele clara

talvez te pareça um privilégio. As pesquisas indiciais de ataques, mortes, pobreza, fome, desemprego, entre outros, acaso sejam mais concretas e urgentes, mas retomo o alerta ao cuidado necessário nestas comparações, afinal se um sofrimento é estrutural, ele afeta a construção inteira. Por fim, lembro também uma das bonitezas que vejo na escrevivência, um lugar igualmente encontrado nos caderninhos que aqui compartilho, que é a possibilidade de mostrar batalhas engolidas e comemorar pequenas revoluções.

“[...] a parte triste com relação a isso é que nós perdemos tanto tempo tentando manter a auto-estima dos nossos filhos, que perdemos o tempo em que poderíamos estar ensinando-os. E eles sabem disso.”
(OLHOS Azuis, 1996, 1h16m55s.)

No Cartas me afirmei mais do que nunca, finalmente em um lugar de acolhimento, que me respondia com ferramentas e consciência para tratar dos meus conflitos. É nesse projeto que inicio meu letramento racial³³, encontrando palavras para percepções passadas inicialmente entendidas como piadas e comentários comuns mas que, na verdade, eram violências, e então estabelecendo eixos da minha postura como artista e arte-educadora de acordo com essas nuances, sussurradas em todas as minhas ocupações e por isso tão destacadas neste recorte de formação.

| 26 de abril de 2023

fim do quarto caderninho

| 28 de abril de 2023

minha segunda visita mediada como arte-educadora

Para minha segunda visita, o repertório e a calma já eram maiores, a exposição era outra e o perfil do grupo também. Ainda que permanecessem adolescentes, desta vez o grupo atendido vinha de um colégio particular, localizado próximo ao museu, interessado na

³³ A antropóloga afro-americana France Winddance Twine formulou o conceito de racial literacy, traduzido pela psicóloga e pesquisadora Lia Vainer Schucman como “letramento racial”. O letramento racial é uma forma de responder individualmente às tensões raciais. Ao lado de respostas coletivas, na forma de cotas e políticas públicas, ele busca reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista.[...] Não à toa, o letramento racial crítico obriga-nos a repensar raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de ambos: brancos e negros. Existe, logo, a necessidade de um letramento racial, para reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista, baseado em fundamentos como o reconhecimento de privilégios e do racismo como problema social atual, não apenas como legado histórico. (SILVA, 2019, p.2)

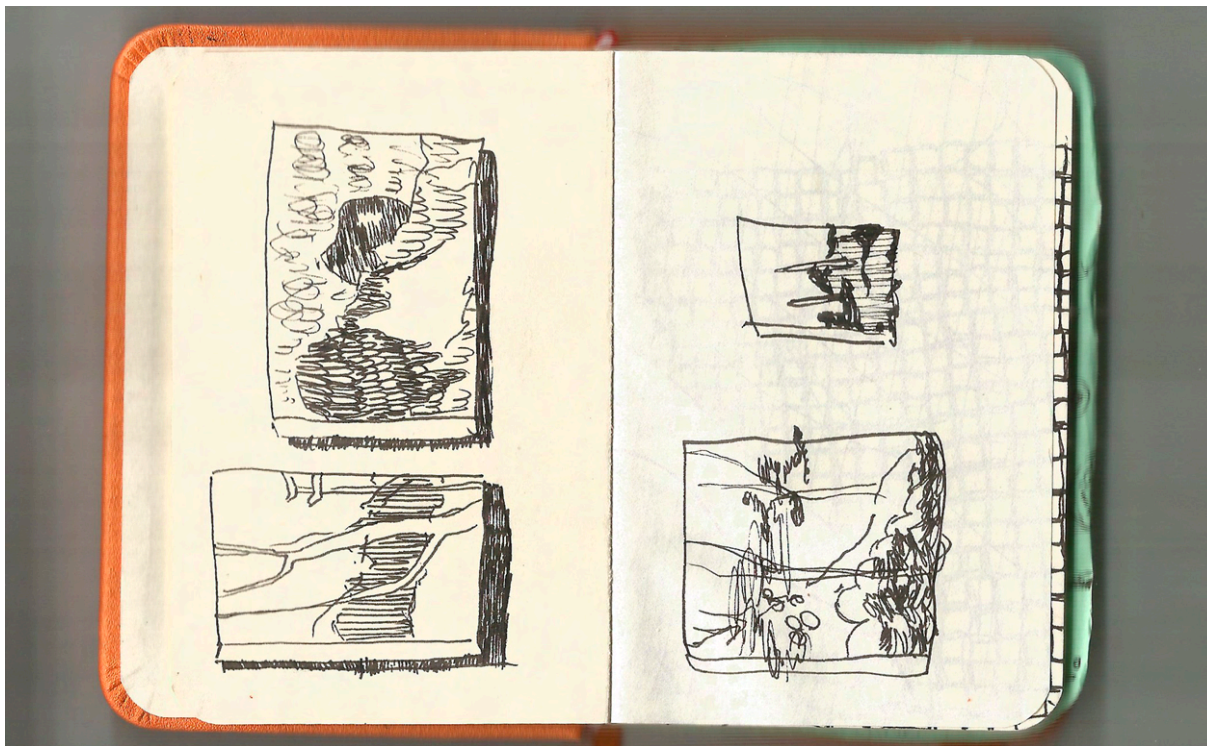
exposição vigente: Pedra Viva, Serra da Capivara - O legado de Niède Guidon, como um contato inicial com a Serra da Capivara³⁴, local que conheceriam pessoalmente poucas semanas depois, em uma excursão escolar.

Depois desta houveram mais 10 ainda no MuBE, até que optei por encerrar meu contrato pouco antes da data prevista. Depois disso, mais 25 visitas em que participei, também como educadora, mas em um contrato integral de outra instituição, a Fundação Maria Luisa e Oscar Americano.

Novos roteiros, obras, públicos e registros são percebidos na Fundação, entretanto, como esse é um processo em andamento, opto por continuar a pesquisa sem retomá-los em detalhe. As últimas imagens seguirão sendo sobre o MuBE, uma experiência já encerrada, mas saiba que agora as páginas foram preenchidas em muitas ordens, avançando e voltando pelo caderninho, por isso a ordem de leitura, seguida na apresentação das imagens, já não corresponde a ordem cronológica dos registros. Se confunda comigo.

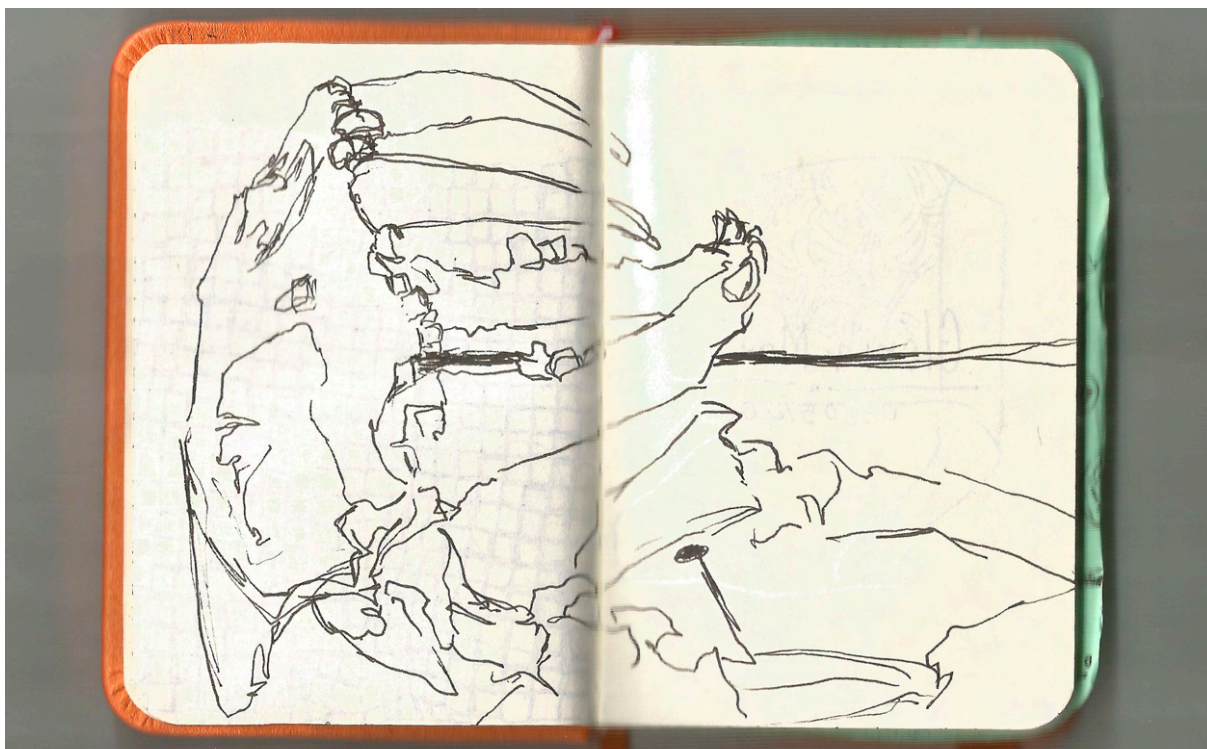
³⁴ O Parque Nacional Serra da Capivara é uma unidade de conservação brasileira e de proteção integral da natureza distribuída em 4 municípios do Piauí: São Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel José Dias. É considerado um patrimônio arqueológico, etnográfico e paisagístico e concentra diversos sítios pré-históricos com vestígios da mais remota presença humana na América do Sul.

Figura 82 - [ou c5.03] - ampliada



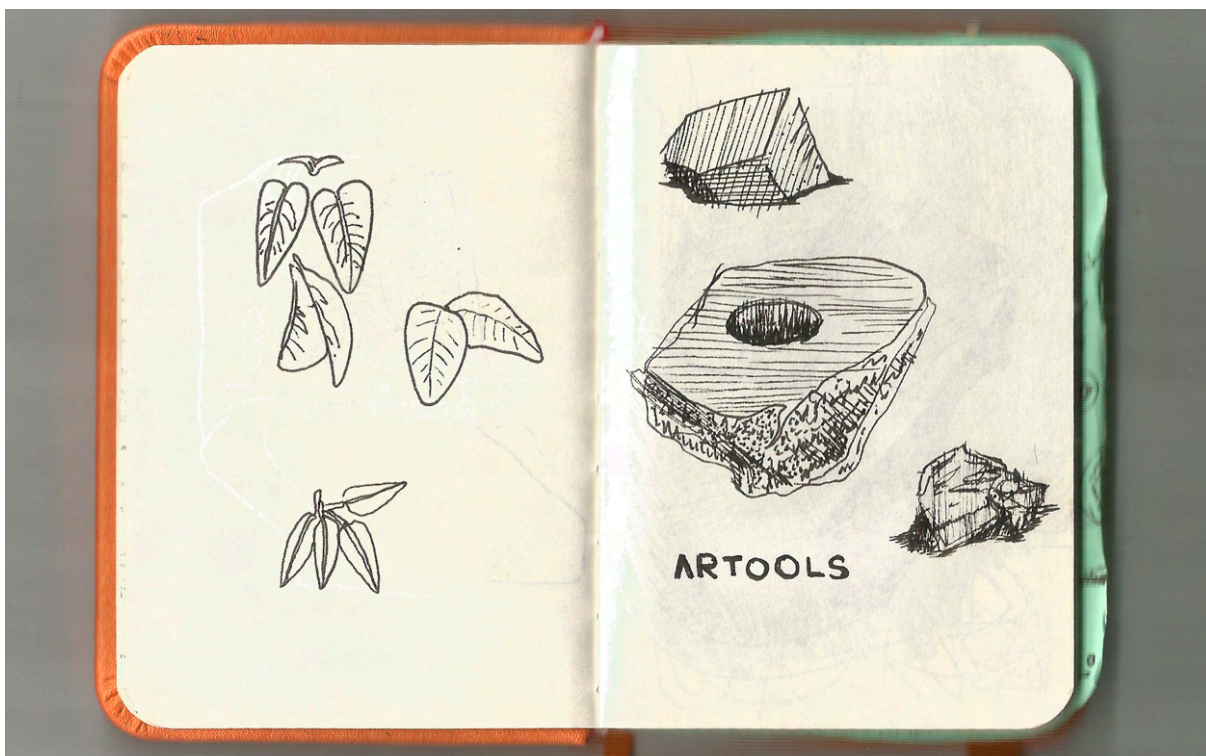
Fonte: acervo pessoal

Figura 83 - [ou c5.05] - ampliada



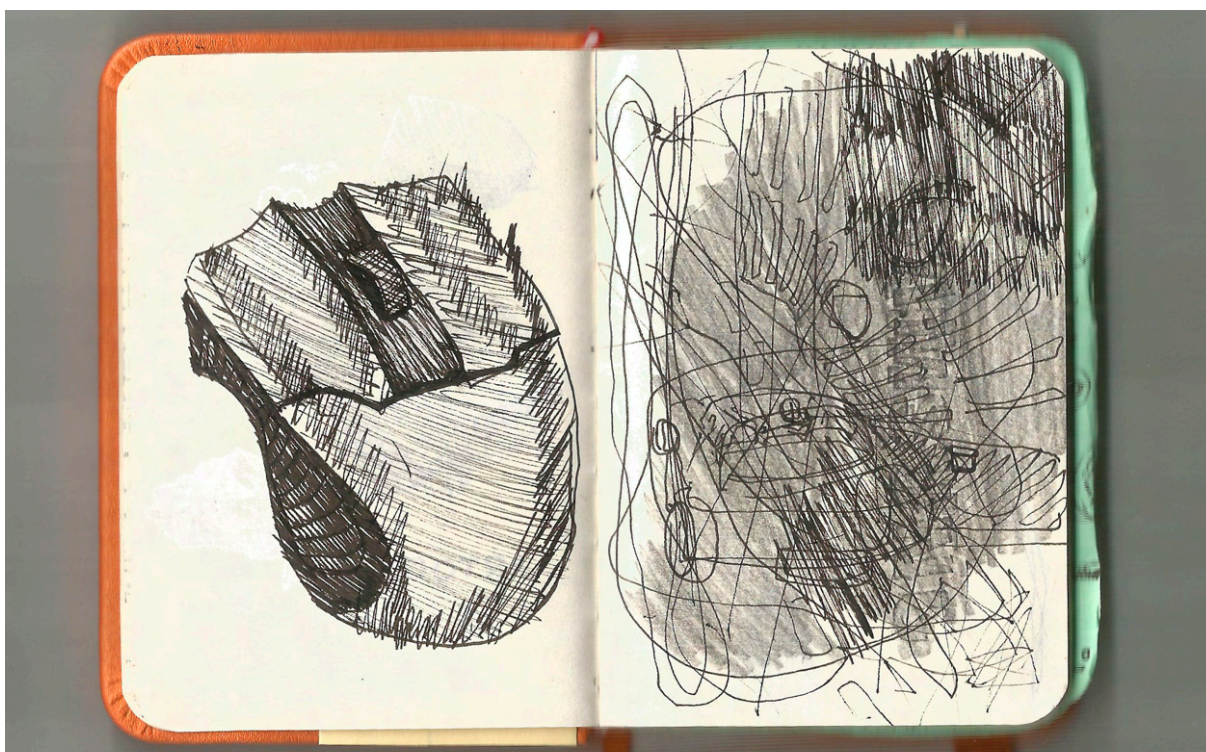
Fonte: acervo pessoal

Figura 84 - [ou c5.07] - ampliada



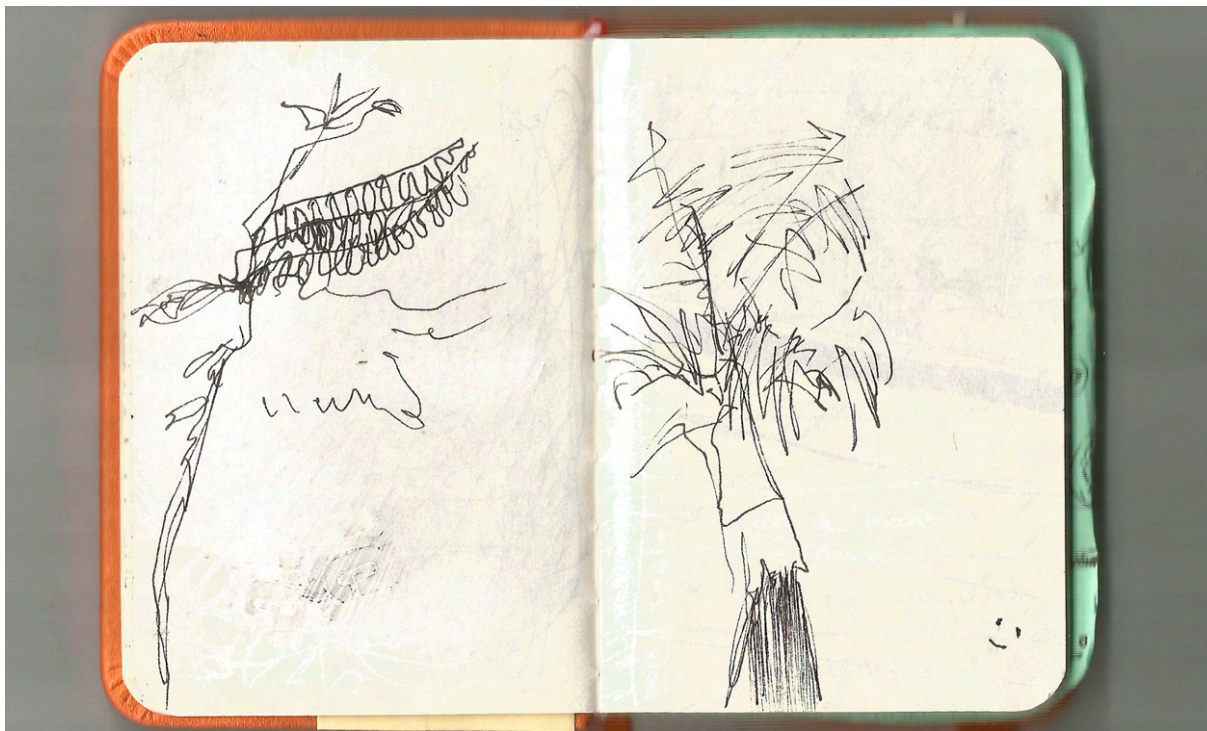
Fonte: acervo pessoal

Figura 85 - [ou c5.08] - ampliada



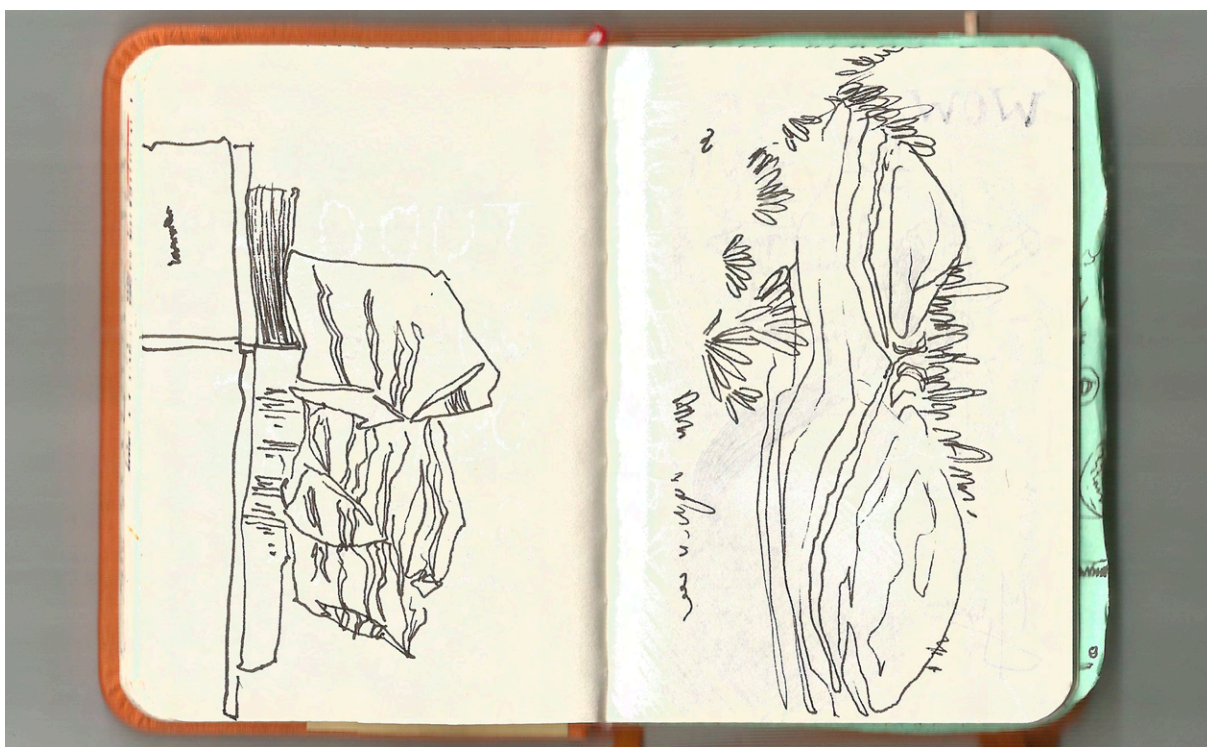
Fonte: acervo pessoal

Figura 86 - [ou c5.09] - ampliada



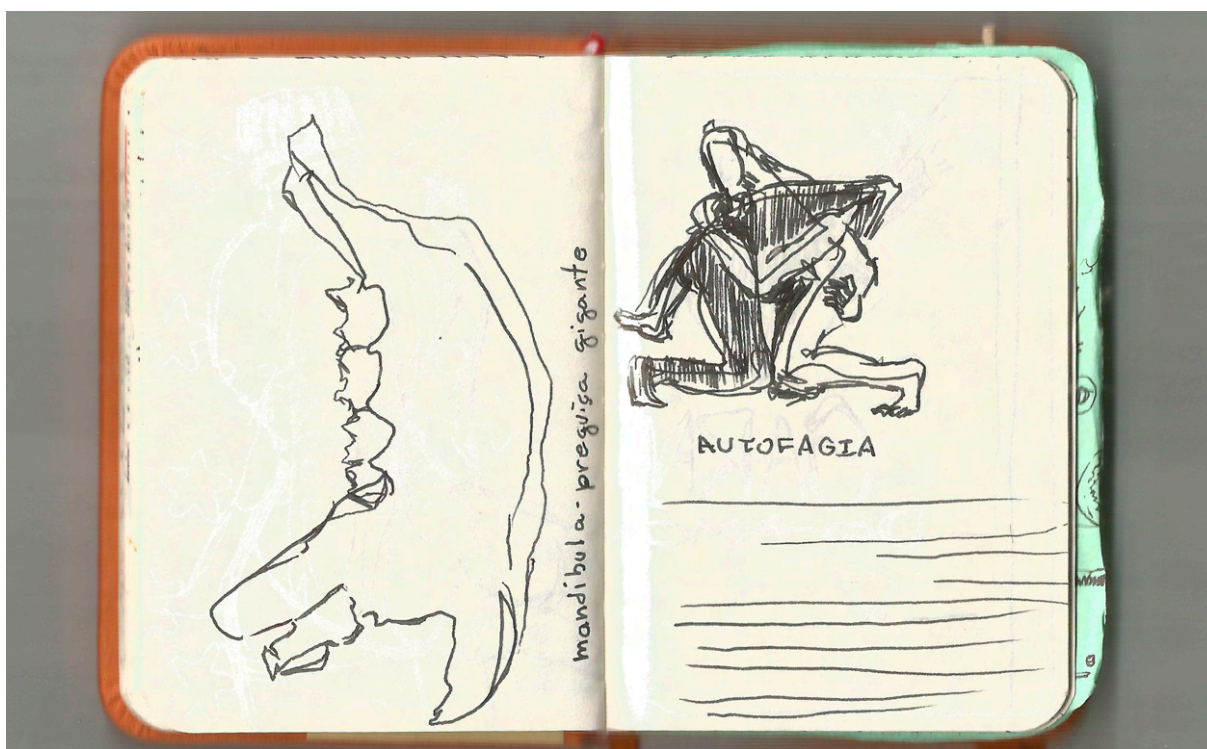
Fonte: acervo pessoal

Figura 87 - [ou c5.24] - ampliada



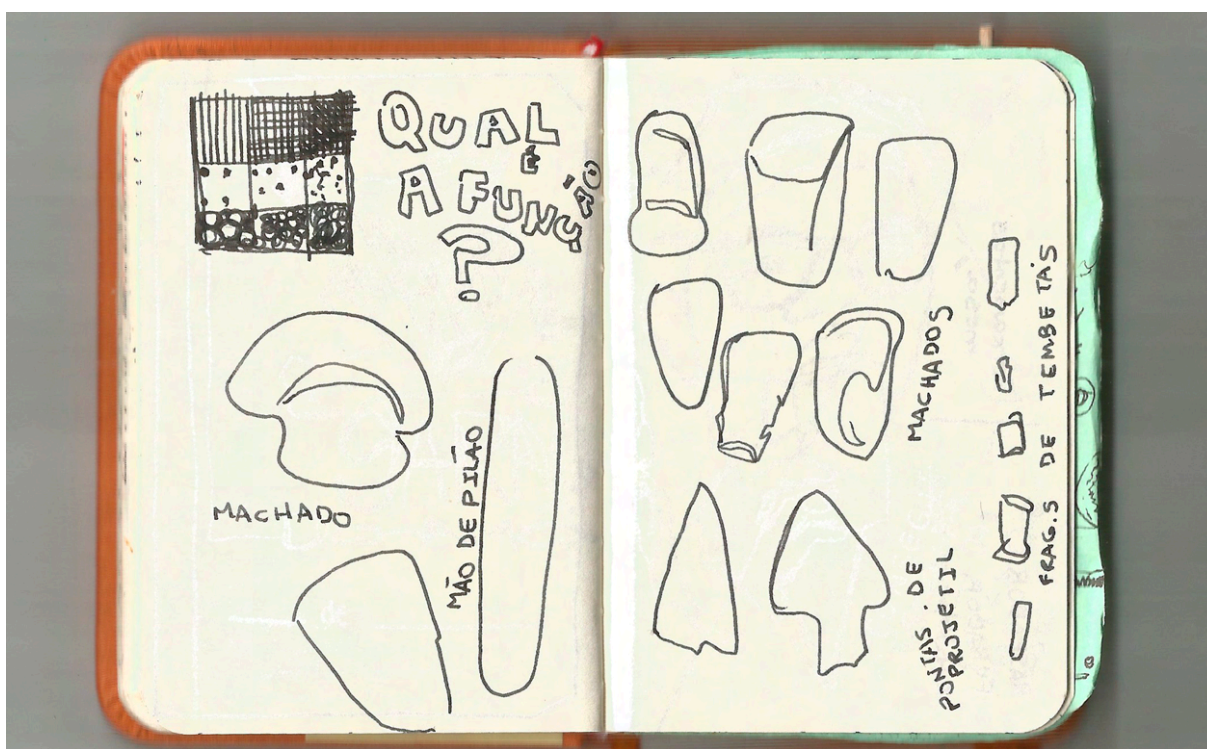
Fonte: acervo pessoal

Figura 88 - [ou c5.28] - ampliada



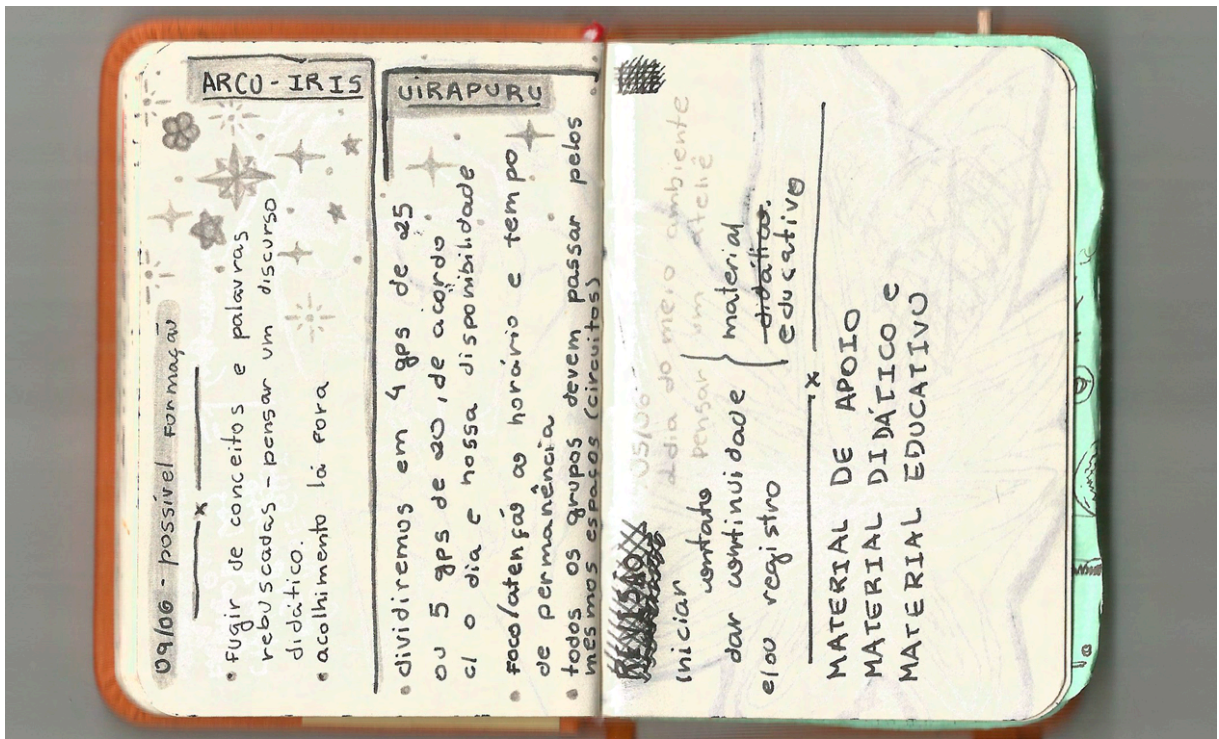
Fonte: acervo pessoal

Figura 89 - [ou c5.30] - ampliada



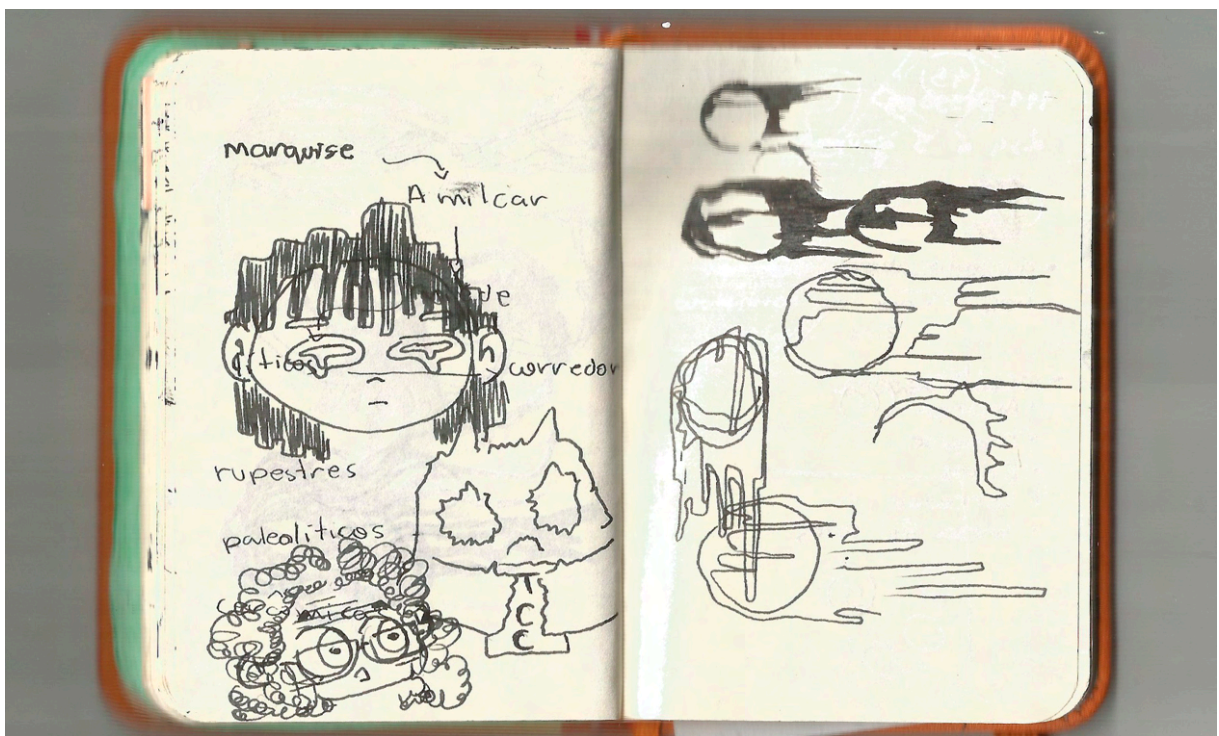
Fonte: acervo pessoal

Figura 90 - [ou c5.32] - ampliada



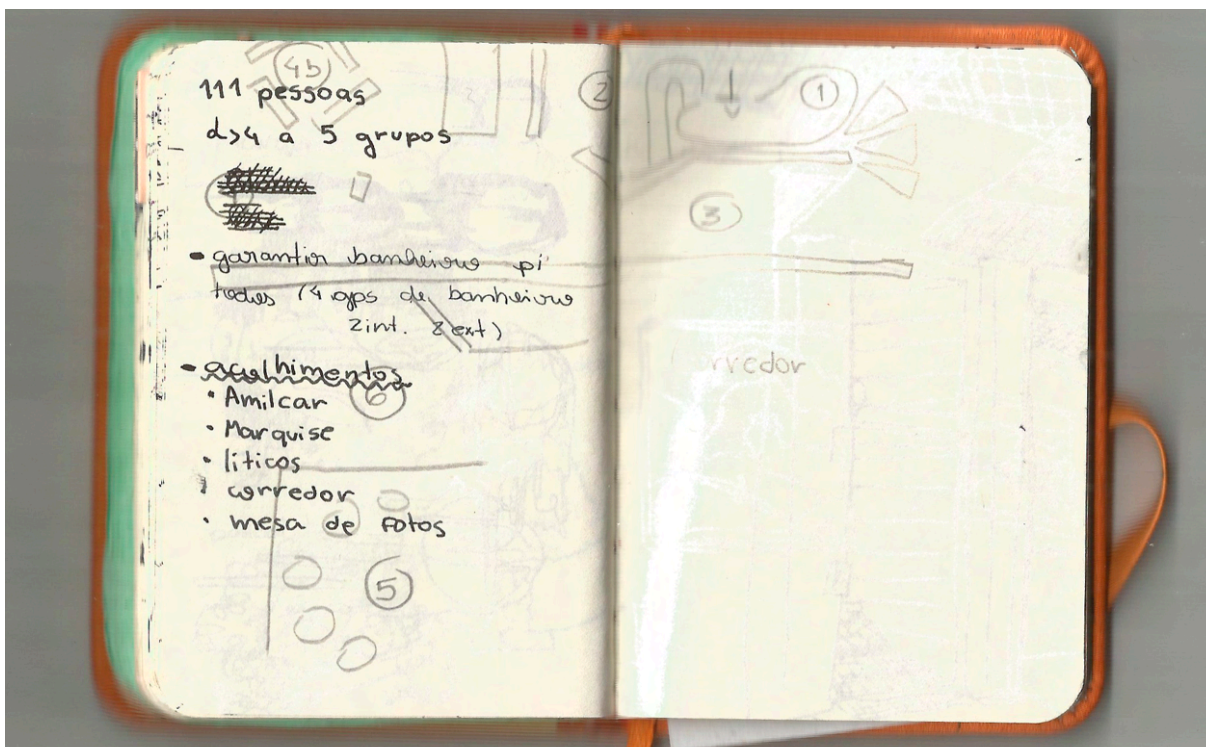
Fonte: acervo pessoal

Figura 91 - [ou c5.78] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 92 - [ou c5.79] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 93 - [ou c5.80] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 94 - [ou c5.86] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

Figura 95 - [ou c5.87] - ampliada



Fonte: acervo pessoal

| 15 de junho de 2023

último dia no MuBE

Figura 96 - Publicação de despedida



Fonte: acervo pessoal.

| 09 de julho de 2023

fim do quinto caderninho

6 Quando esse caderninho acabar, o que será de mim?

Notas sobre o fim não me faltam. Do miolo as margens, transbordando pelas laterais, já faz mais de um ano que, depois de 80 páginas em média, tenho que pensar no fim. Os tempos para finalização variam entre 7 e mais de 18 semanas, e as páginas já passaram por tanto que me cortam e surpreendem mais do que qualquer espelho.

Um dos últimos conselhos que recebi sobre a escrita desta pesquisa é de ela já estava encaminhada para finalização, ainda mais considerando o calendário de defesas, porém o encerramento não precisava ser necessariamente sobre concluir, mas talvez sobre abrir mão. Agora que chego a minha conclusão, as minhas considerações finais, vejo com mais clareza as coisas que foram deixadas, vejo uma falta que também é desejo, de tempo, de leitura, de escrita, de saber, de entender, desejo esse que certamente vem de tudo aquilo que ocorreu no tempo, leitura e escrita passados, e que se expandirá nos próximos registros justamente pela existência desses, que o fazem mais profundo.

Já fiz muitos pedidos para as últimas páginas: quando acabar, me diga como foi. Muitas perguntas também: vai ser um novo começo? Eu fui uma ficção? Deu certo? Mas deixo para esse final de mais um caderninho uma pergunta que veio de uma amiga e também co-orientadora desta pesquisa: esse caderninho acaba?

Se considerarmos como caderninho o requisito parcial para a obtenção do diploma de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, espero que acabe e que as próximas etapas da graduação se concluam em plenitude. Agora, se considerarmos o caderninho como lugar de ocupação, o registro como movimento de ocupação e a análise como leitura de ocupação, acredito que o fim vai ficando cada vez mais distante e, como no começo, não há planos.

E se pensarmos então como a última página ocupada por alguém, te digo que eu não tenho medo, mas deixo um presente com esse pedido.

Deixa, deixa deixa
Eu dizer o que penso dessa vida
Preciso demais desabafar
(DESABAFO / Deixa Eu Dizer, 2008).

REFERÊNCIAS

AFROTRANSCENDENCE - Tempo de Cura - Filme | AfroTranscendence Healing Time - Short Film. Direção: Ana Paula Mathias. [S.l.]: NoBrasil, 2017. (16 min), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/WttKnEldnD0?si=VhcnVvscOOWRpThI>. Acesso em: 12 dez. 2023

Alice Roger Bombardi. Perfil Pessoal. Alice (Lice) Roger Bombardi. LinkedIn. https://www.linkedin.com/in/alice-roger-bombardi-595465244/?locale=en_US. Acesso em: 15 nov. 2023

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jul. 1998.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>

BRASIL. LEI Nº 14.358, DE 1º DE JUNHO DE 2022. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 02 jun. 2022. Seção 1, p. 1. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.358-de-1-de-junho-de-2022-404843135>

CAMPOS, Augusto de; PLAZA, Julio. **Maquete de Poemóbilis**. 1968-74. Maquetes em papel para Livro de Artista. Disponível em: <https://revistarosa.com/3/entreabrir>. Acesso em: 23 jan. 2024

COUTINHO, Rejane Galvão. Vivências e experiências a partir do contato com a arte. *In*: TOZZI, Devanil (coord.), COSTA, Marta Marques, HONÓRIO, Thiago (orgs.). **Educação com arte**. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 2004. (Série Ideias; n. 31), p. 141-158.

DESABAFO / Deixa Eu Dizer. Produção: Marcelo D2; Mario Caldato Jr. e Mauro Berman. Escrita: Ivan Lins; Marcelo D2; Nave e Ronaldo Monteiro De Souza. Intérpretes: Claudia e Marcelo D2. *In*: A Arte do Barulho. EMI, 2008. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5GCz9BOKt17aI6ZOR3EiUI?si=b722ab5ff7284cc5&nd=1>. Acesso em: 12 dez 2023

DUCHAMP, Marcel. **La Boîte-en-valise**. Mala de couro contendo réplicas em miniatura, fotografias e reproduções coloridas de obras de Duchamp, e um 'original'. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bo%C3%AEte_en_valise_de_Marcel_Duchamp.jpg. Acesso em: 23 jan. 2024

Edward Hopper. *In*: Google Arts & Culture. [Mountain View, CA: Google LLC]. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/edward-hopper/m0hc3t>. Acesso em: 08 de nov. de 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Organizadoras). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre**

a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 27-46. ISBN 978-65-992547-0-3.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Organizadoras). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** Ilustrações de Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 49-54. ISBN 978-65-992547-0-3.

FIERA, Kátia. **O Mapa da Casa Infinita.** 2014. Livro de artista, serigrafia sobre papel. Disponível em: <https://www.katiafiera.com/product-page/o-mapa-da-casa-infinita>. Acesso em: 24 jan. 2024

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FRANS Krajcberg. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg>. Acesso em: 15 de novembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

HOPPER, Edward. **Room in New York.** 1932. Óleo sobre tela, 29 × 36 5/8 in. Disponível em: <https://sheldonartmuseum.org/news/edward-hopper>. Acesso em: 23 jan. 2024

José Spaniol. Site do Artista. <https://www.jspaniol.com/>. Acesso em: 15 nov 2023

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo e da memória: os congados. **O Percevejo - Revista de Teatro, Crítica e Estética**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, p. 68-83, 2003. Disponível em: <https://bctb.eca.usp.br/obra.php?cod=17084>. Acesso em: 15 nov. 2023

KAPLAN, Deborah Abrams. **Hopper exhibit at the Whitney. Jo's books recording Hopper's work.** 2023. 1 Fotografia. Disponível em: <https://jerseykids.net/2023/02/18/edward-hopper-at-the-whitney-with-kids/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

KAWARA, On. **I Went.** 1968-79/2007. Ed. limitada. Disponível em: https://www.artspace.com/on_kawara/i-went#. Acesso em: 22 jan. 2024.

MIRANDA, Camila Fontenele de. A autoetnografia como prática contra-hegemônica. **Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, v.17, n.2, p. 70-78, nov./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/38100>

MIRANDA, Eduardo O. Para inventar o corpo-território. In. MIRANDA, Eduardo O. **Corpo-território & educação decolonial : proposições afro-brasileiras na invenção da docência.** Salvador: EDUFBA, 2020. p. 23-35.

OLHOS Azuis. Direção: Bertram Verhaag. Munique: Denkmal Film Verhaag GmbH, 1996. (93 min), son., color.

OLIVEIRA, Mariana Tescarolo Kern. **Espelhos e Registros: atravessamentos do caderno de artista na educação**. 2022. 164 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Paulo, 2022. Orientadora: Rejane Galvão Coutinho. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/238320>

ORÍ. Direção: Raquel Gerber. Pesquisa e Narração: Beatriz Nascimento. [S.l.]: Angra Filmes, 1989. (91 min.), son., color., 35mm.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 1 (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 51-86

PROJETO CARTAS DE BEM VIVER. Onde os Mares se Encontram: ReORientando Nossa Música. In: DINIZ, Auana et. al (Org.). **A memória da presença**. São Paulo: SESC/UNESP, 2022. p.136-137. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/242529>. Acesso em: 15 nov 2023

Raquel Dos Santos. Perfil Pessoal. Raquel Santos. LinkedIn. <https://www.linkedin.com/in/raquel-santos-7aa334150/>. Acesso em: 15 nov. 2023

SANTANA, Bianca. Nossa negritude de pele clara não será negociada. Ecoa, 28 jul. 2020. Colunas. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/bianca-santana/2020/07/28/nossa-negritudedede-pele-clara-nao-sera-negociada.amp.htm?cmpid=copiaecola&__twitter_impression=true. Acesso em: 02 nov. 2023.

SANTOS, Glória Maria dos; LIMA, Luciana Martins Tavares de. **Deixe-me ir**. 2021. site. Disponível em: <https://deixe-me--ir.neocities.org/>. Acesso em: 23 jan. 2024

SILVA, Marcos Fabrício Lopes da. Educação e letramento racial. **Boletim**, Nº 2081 - Ano 46, 18 nov. 2019, p. 2. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/2081>. Acesso em: 15 nov 2023

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SÓ Dez Por Cento É Mentira. Direção: Pedro Cezar. [S.l.]: Artesanato Eletrônico, 2008. (81 min), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZdDmLBPqDvY>. Acesso em: 12 dez. 2023

VIANA, Fausto. Notas sobre o diário de viagem de Tulio Costa. In: VIANA, Fausto; PESTANA, San (orgs.). **Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais**. v. VI. São Paulo: ECA-USP, 2021. p. 381-384.

WHITNEY MUSEUM OF AMERICAN ART. Art & Artists. Edward Hopper: 1882 - 1967. Disponível em: <https://whitney.org/artists/621>. Acesso em: 15 nov 2023

WHITNEY MUSEUM OF AMERICAN ART. Art & Artists. Edward Hopper, Josephine Nivison Hopper / Artist's ledger - Book V / 1953–1963. Disponível em: <https://whitney.org/collection/works/11017>. Acesso em: 15 nov 2023

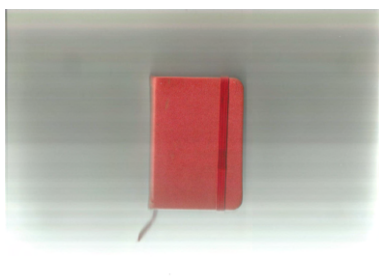
APÊNDICES

A. As coisas vão virando coisas

Caderninho: Calor [01 - tem coisas que eu quero te contar]

Período: 16/07/22 - 26/09/22 [72 dias]

Número de imagens: 82



[ou c1.01]



[ou c1.02]



[ou c1.03]



[ou c1.04]



[ou c1.05]



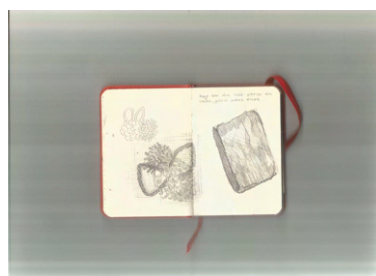
[ou c1.06]



[ou c1.07]



[ou c1.08]



[ou c1.09]



[ou c1.10]



[ou c1.11]



[ou c1.12]



[ou c1.12]



[ou c1.14]



[ou c1.15]



[ou c1.16]



[ou c1.17]



[ou c1.18]



[ou c1.19]



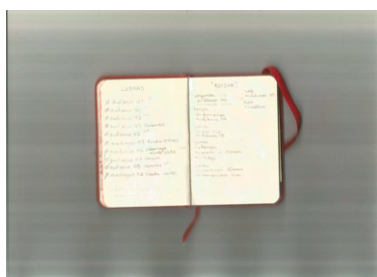
[ou c1.20]



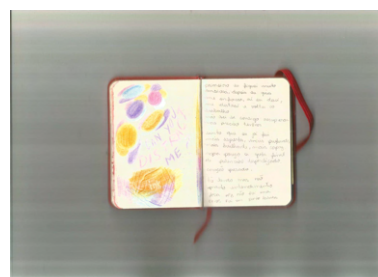
[ou c1.21]



[ou c1.22]



[ou c1.23]



[ou c1.24]



[ou c1.25]



[ou c1.26]



[ou c1.27]



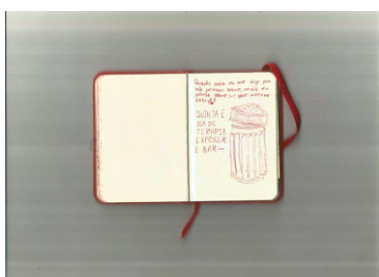
[ou c1.28]



[ou c1.29]



[ou c1.30]



[ou c1.31]



[ou c1.32]



[ou c1.33]



[ou c1.34]



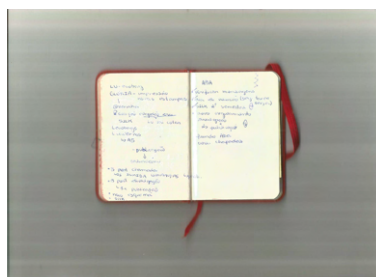
[ou c1.35]



[ou c1.36]



[ou c1.37]



[ou c1.38]



[ou c1.39]



[ou c1.40]



[ou c1.41]



[ou c1.42]



[ou c1.43]



[ou c1.44]



[ou c1.45]



[ou c1.46]



[ou c1.47]



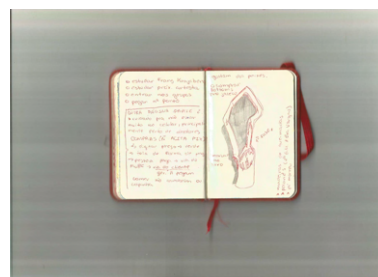
[ou c1.48]



[ou c1.49]



[ou c1.50]



[ou c1.51]



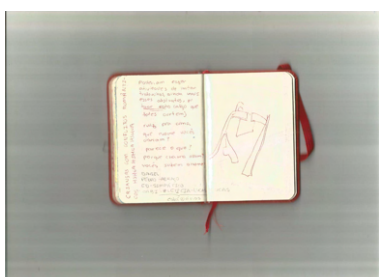
[ou c1.52]



[ou c1.53]



[ou c1.54]



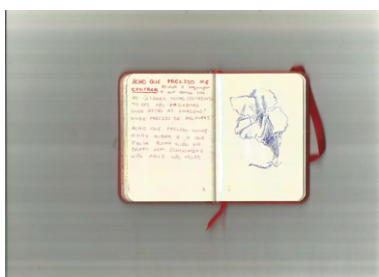
[ou c1.55]



[ou c1.56]



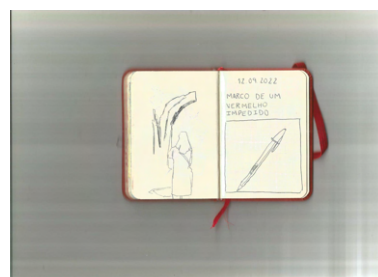
[ou c1.57]



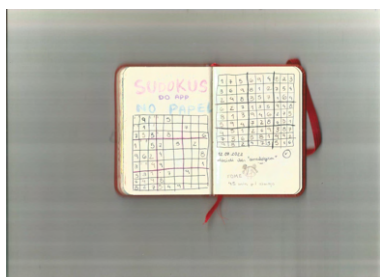
[ou c1.58]



[ou c1.59]



[ou c1.60]



[ou c1.61]



[ou c1.62]



[ou c1.63]



[ou c1.64]



[ou c1.65]



[ou c1.66]



[ou c1.67]



[ou c1.68]



[ou c1.69]



[ou c1.70]



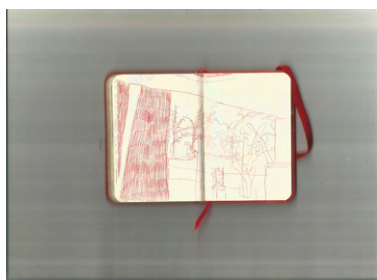
[ou c1.71]



[ou c1.72]



[ou c1.73]



[ou c1.74]



[ou c1.75]



[ou c1.76]



[ou c1.77]



[ou c1.78]



[ou c1.79]



[ou c1.80]



[ou c1.81]



[ou c1.82]

Caderninho: Simplicidade [02 - antes de ir, me ame um pouquinho]

Período: 27/09/22 - 10/01/23 [105 dias]

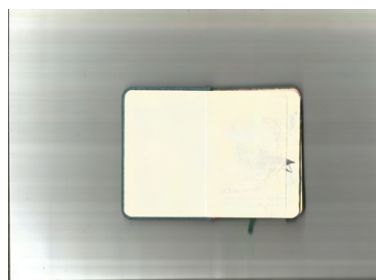
Número de imagens: 85



[ou c2.01]



[ou c2.02]



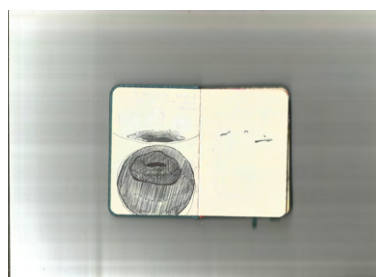
[ou c2.03]



[ou c2.04]



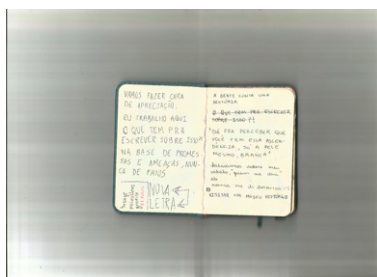
[ou c2.05]



[ou c2.06]



[ou c2.07]



[ou c2.08]



[ou c2.09]



[ou c2.10]



[ou c2.11]



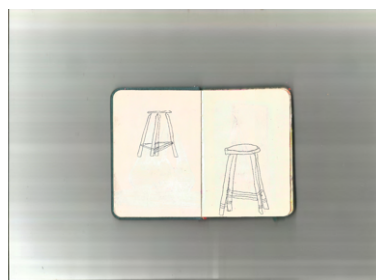
[ou c2.12]



[ou c2.13]



[ou c2.14]



[ou c2.15]



[ou c2.16]



[ou c2.17]



[ou c2.18]



[ou c2.19]



[ou c2.20]



[ou c2.21]



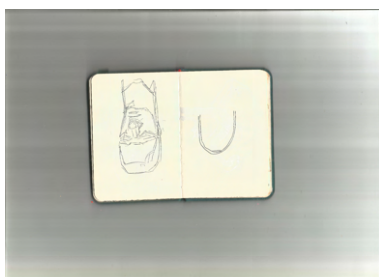
[ou c2.22]



[ou c2.23]



[ou c2.24]



[ou c2.25]



[ou c2.26]



[ou c2.27]



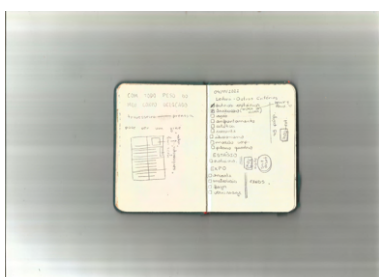
[ou c2.28]



[ou c2.29]



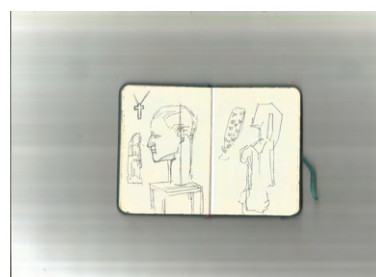
[ou c2.30]



[ou c2.31]



[ou c2.32]



[ou c2.33]



[ou c2.34]



[ou c2.35]



[ou c2.36]



[ou c2.37]



[ou c2.38]



[ou c2.39]



[ou c2.40]



[ou c2.41]



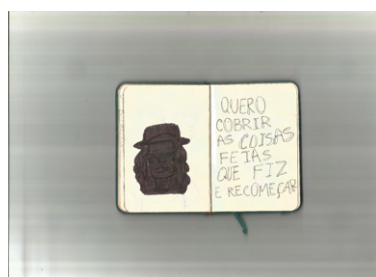
[ou c2.42]



[ou c1.43]



[ou c1.44]



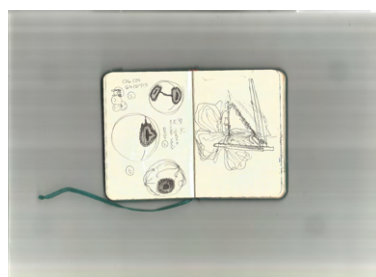
[ou c1.45]



[ou c2.46]



[ou c2.47]



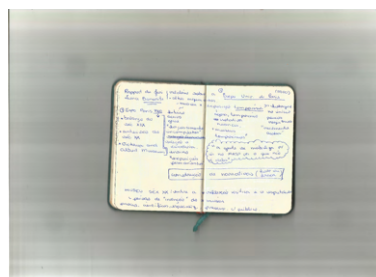
[ou c2.48]



[ou c2.49]



[ou c2.50]



[ou c2.51]



[ou c2.52]



[ou c2.53]



[ou c2.54]



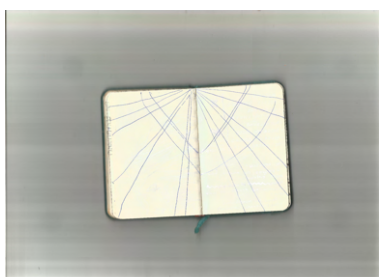
[ou c2.55]



[ou c2.56]



[ou c2.57]



[ou c2.58]



[ou c2.59]



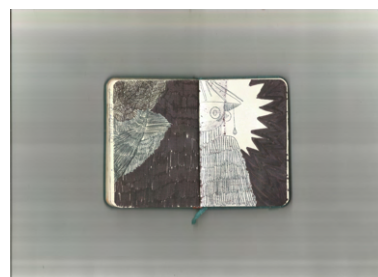
[ou c2.60]



[ou c2.61]



[ou c2.62]



[ou c2.63]



[ou c2.64]



[ou c2.65]



[ou c2.66]



[ou c2.67]



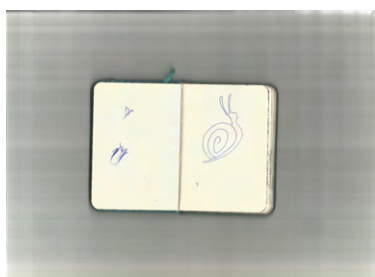
[ou c2.68]



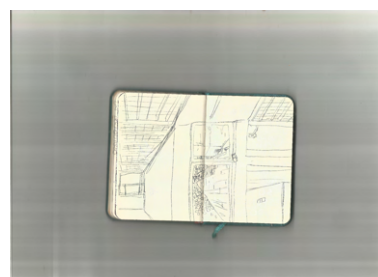
[ou c2.69]



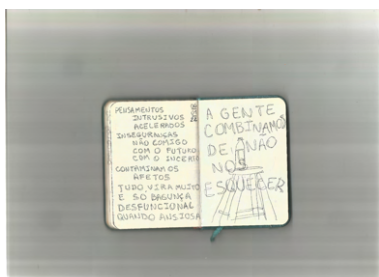
[ou c2.70]



[ou c2.71]



[ou c2.72]



[ou c2.73]



[ou c2.74]



[ou c2.75]



[ou c2.76]



[ou c2.77]



[ou c2.78]



[ou c2.79]



[ou c2.80]



[ou c2.81]



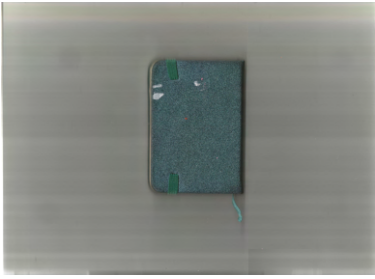
[ou c2.82]



[ou c2.83]



[ou c2.84]



[ou c2.85]

Caderninho: Frio [03 - tanto em tão pouco]

Período: 10/01/23 - 04/03/23 [53 dias]

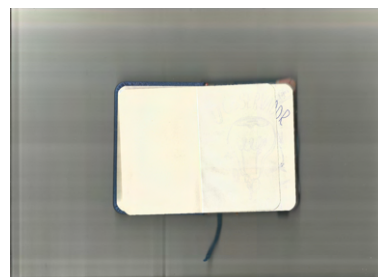
Número de imagens: 90



[ou c3.01]



[ou c3.02]



[ou c3.03]



[ou c3.04]



[ou c3.05]



[ou c3.06]



[ou c3.07]



[ou c3.08]



[ou c3.09]



[ou c3.10]



[ou c3.11]



[ou c3.12]



[ou c3.13]



[ou c3.14]



[ou c3.15]



[ou c3.16]



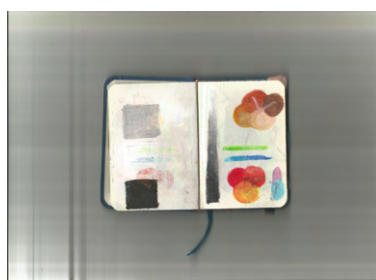
[ou c3.17]



[ou c3.18]



[ou c3.19]



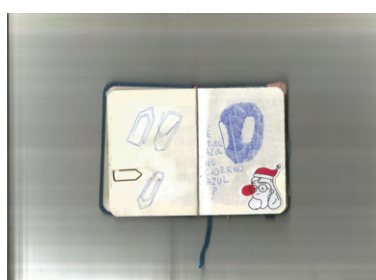
[ou c3.20]



[ou c3.21]



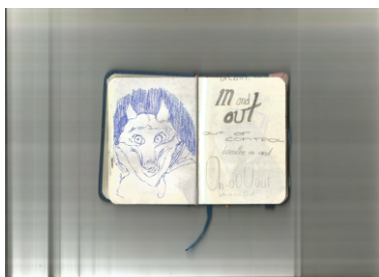
[ou c3.22]



[ou c3.23]



[ou c3.24]



[ou c3.25]



[ou c3.26]



[ou c3.27]



[ou c3.28]



[ou c3.29]



[ou c3.30]



[ou c3.31]



[ou c3.32]



[ou c3.33]



[ou c3.34]



[ou c3.35]



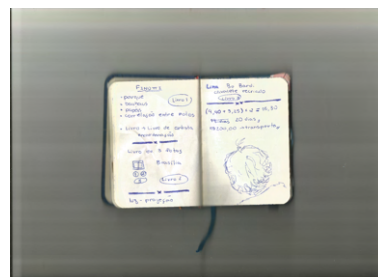
[ou c3.36]



[ou c3.37]



[ou c3.38]



[ou c3.39]



[ou c3.40]



[ou c3.41]



[ou c3.42]



[ou c3.43]



[ou c3.44]



[ou c3.45]



[ou c3.46]



[ou c3.47]



[ou c3.48]



[ou c3.49]



[ou c3.50]



[ou c3.51]



[ou c3.52]



[ou c3.53]



[ou c3.54]



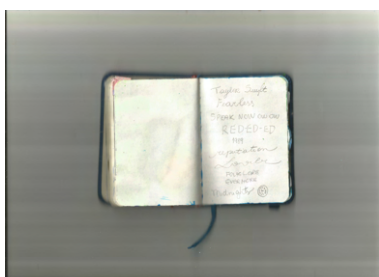
[ou c3.55]



[ou c3.56]



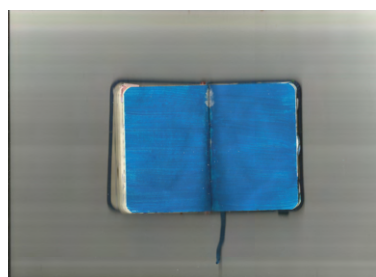
[ou c3.57]



[ou c3.58]



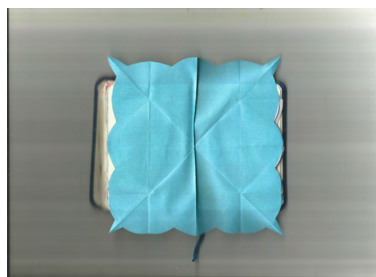
[ou c3.59]



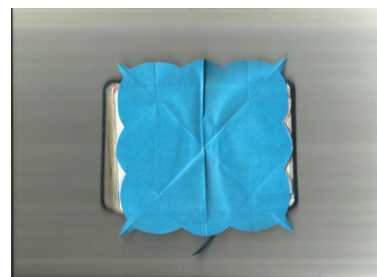
[ou c3.60]



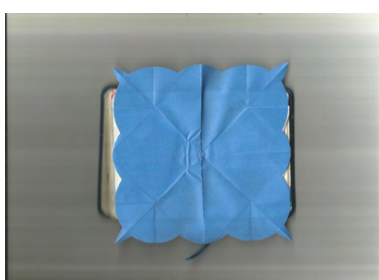
[ou c3.61]



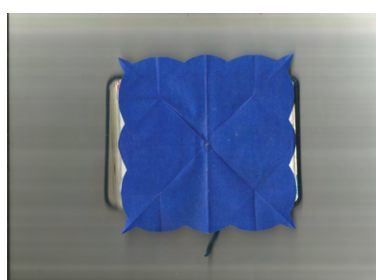
[ou c3.62]



[ou c3.63]



[ou c3.64]



[ou c3.65]



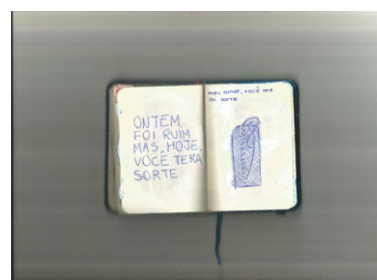
[ou c3.66]



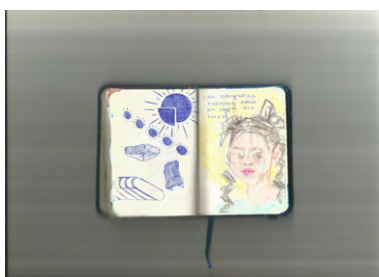
[ou c3.67]



[ou c3.68]



[ou c3.69]



[ou c3.70]



[ou c3.71]



[ou c3.72]



[ou c3.73]



[ou c3.74]



[ou c3.75]



[ou c3.76]



[ou c3.77]



[ou c3.78]



[ou c3.79]



[ou c3.80]



[ou c3.81]



[ou c3.82]



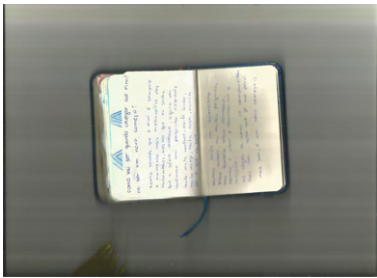
[ou c3.83]



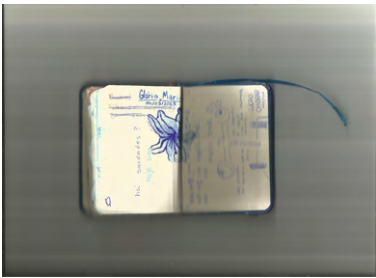
[ou c3.84]



[ou c3.85]



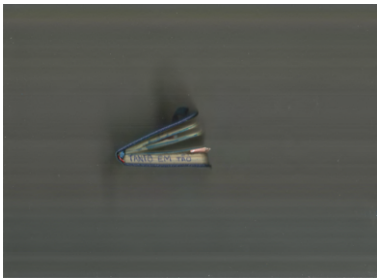
[ou c3.86]



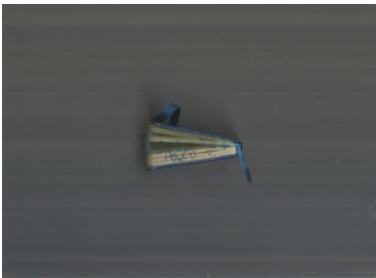
[ou c3.87]



[ou c3.88]



[ou c3.89]

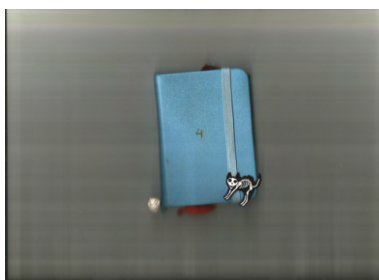


[ou c3.90]

Caderninho: 04 [quero continuar colecionando azuis / a vida inteira]

Período: 04/03/23 - 26/04/23 [53 dias]

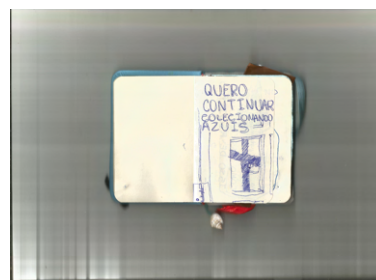
Número de imagens: 86



[ou c4.01]



[ou c4.02]



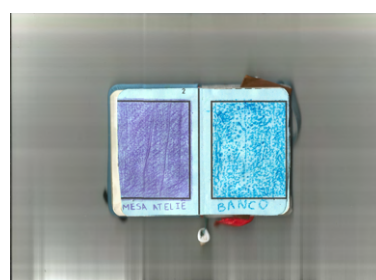
[ou c4.03]



[ou c4.04]



[ou c4.05]



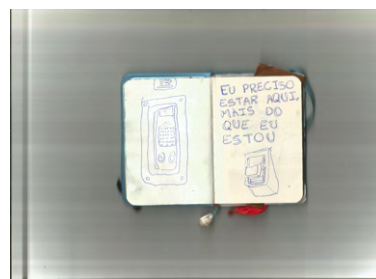
[ou c4.06]



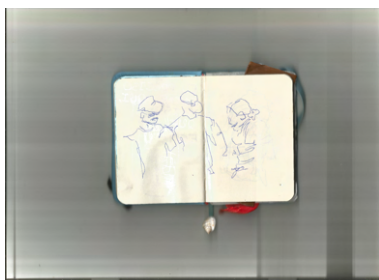
[ou c4.07]



[ou c4.08]



[ou c4.09]



[ou c4.10]



[ou c4.11]



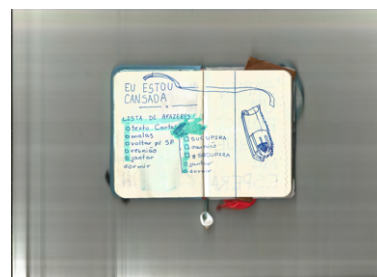
[ou c4.12]



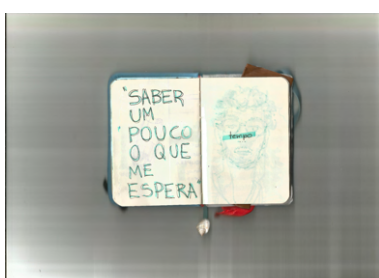
[ou c4.13]



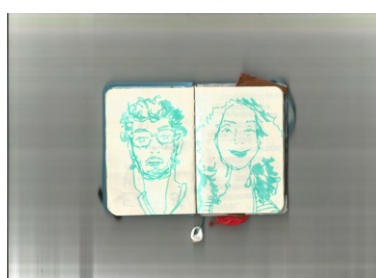
[ou c4.14]



[ou c4.15]



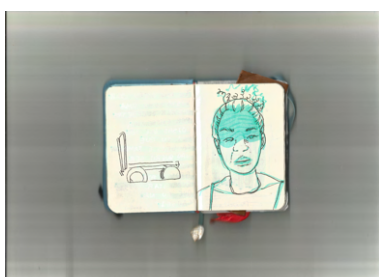
[ou c4.16]



[ou c4.17]



[ou c4.18]



[ou c4.19]



[ou c4.20]



[ou c4.21]



[ou c4.22]



[ou c4.23]



[ou c4.24]



[ou c4.25]



[ou c4.26]



[ou c4.27]



[ou c4.28]



[ou c4.29]



[ou c4.30]



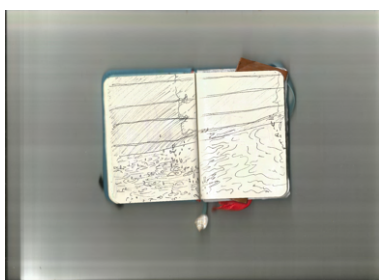
[ou c4.31]



[ou c4.32]



[ou c4.33]



[ou c4.34]



[ou c4.35]



[ou c4.36]



[ou c4.37]



[ou c4.38]



[ou c4.39]



[ou c4.40]



[ou c4.41]



[ou c4.42]



[ou c4.43]



[ou c4.44]



[ou c4.45]



[ou c4.46]



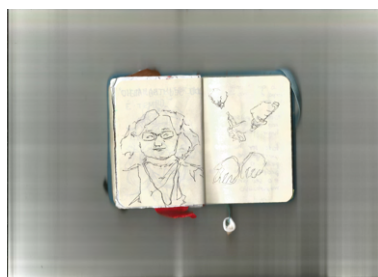
[ou c4.47]



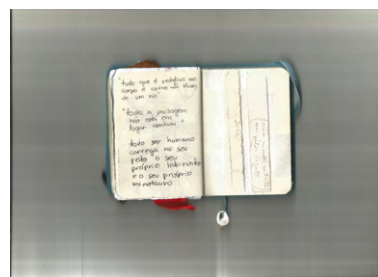
[ou c4.48]



[ou c4.49]



[ou c4.50]



[ou c4.51]



[ou c4.52]



[ou c4.53]



[ou c4.54]



[ou c4.55]



[ou c4.56]



[ou c4.57]



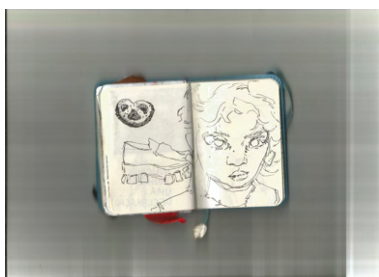
[ou c4.58]



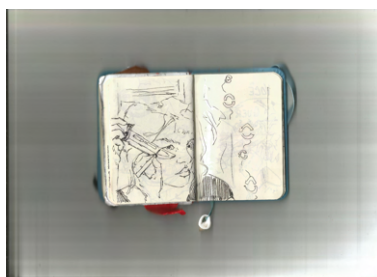
[ou c4.59]



[ou c4.60]



[ou c4.61]



[ou c4.62]



[ou c4.63]



[ou c4.64]



[ou c4.65]



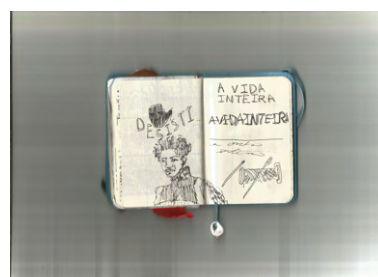
[ou c4.66]



[ou c4.67]



[ou c4.68]



[ou c4.69]



[ou c4.70]



[ou c4.71]



[ou c4.72]



[ou c4.73]



[ou c4.74]



[ou c4.75]



[ou c4.76]



[ou c4.77]



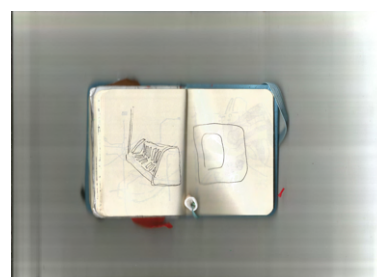
[ou c4.78]



[ou c4.79]



[ou c4.80]



[ou c4.81]



[ou c4.82]



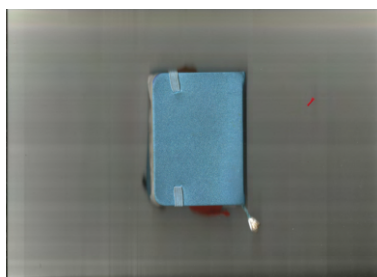
[ou c4.83]



[ou c4.84]



[ou c4.85]



[ou c4.86]

Caderninho: 05 [cita atrás de cita]
Período: 04/03/23 - 09/07/2023 [127 dias]
Número de imagens: 98



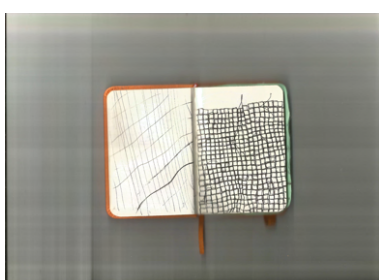
[ou c5.01]



[ou c5.02]



[ou c5.03]



[ou c5.04]



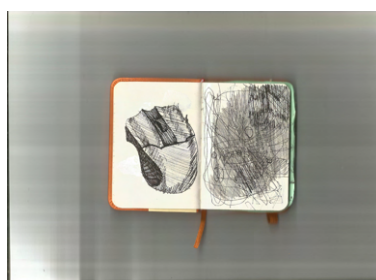
[ou c5.05]



[ou c5.06]



[ou c5.07]



[ou c5.08]



[ou c5.09]



[ou c5.10]



[ou c5.11]



[ou c5.12]



[ou c5.13]



[ou c5.14]



[ou c5.15]



[ou c5.16]



[ou c5.17]



[ou c5.18]



[ou c5.19]



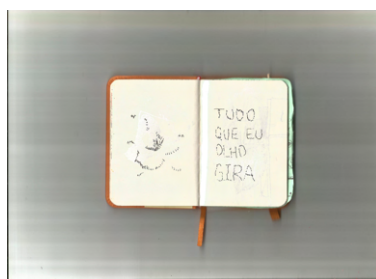
[ou c5.20]



[ou c5.21]



[ou c5.22]



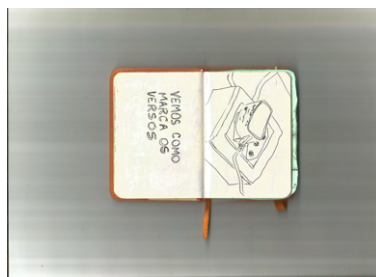
[ou c5.23]



[ou c5.24]



[ou c5.25]



[ou c5.26]



[ou c5.27]



[ou c5.28]



[ou c5.29]



[ou c5.30]



[ou c5.31]



[ou c5.32]



[ou c5.33]



[ou c5.34]



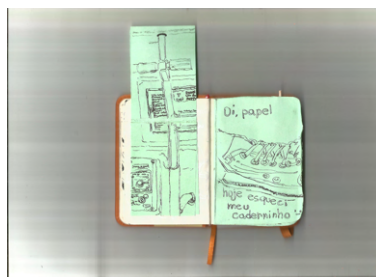
[ou c5.35]



[ou c5.36]



[ou c5.37]



[ou c5.38]



[ou c5.39]



[ou c5.40]



[ou c5.41]



[ou c5.42]



[ou c5.43]



[ou c5.44]



[ou c5.45]



[ou c5.46]



[ou c5.47]



[ou c5.48]



[ou c5.49]



[ou c5.50]



[ou c5.51]



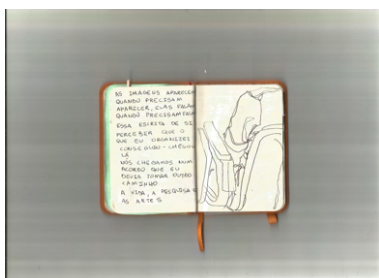
[ou c5.52]



[ou c5.53]



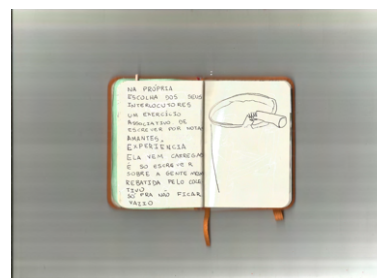
[ou c5.54]



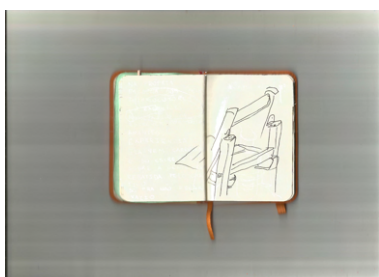
[ou c5.55]



[ou c5.56]



[ou c5.57]



[ou c5.58]



[ou c5.59]



[ou c5.60]



[ou c5.73]



[ou c5.74]



[ou c5.75]



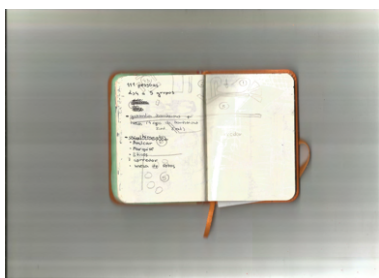
[ou c5.76]



[ou c5.77]



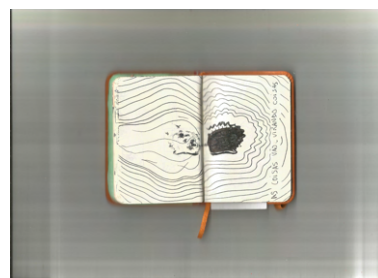
[ou c5.78]



[ou c5.79]



[ou c5.80]



[ou c5.81]



[ou c5.82]



[ou c5.83]



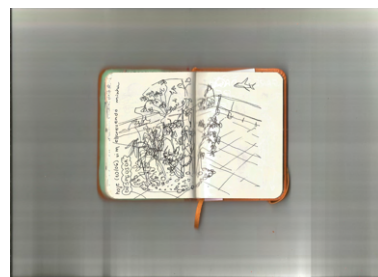
[ou c5.84]



[ou c5.85]



[ou c5.86]



[ou c5.87]



[ou c5.88]



[ou c5.89]



[ou c5.90]



[ou c5.91]



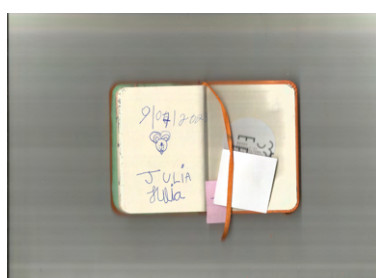
[ou c5.92]



[ou c5.93]



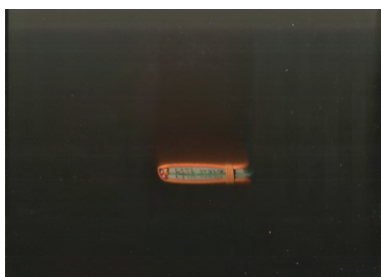
[ou c5.94]



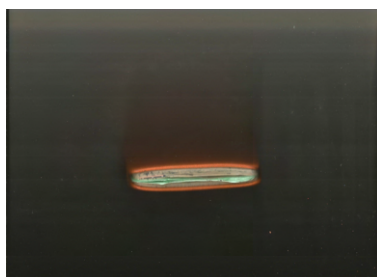
[ou c5.95]



[ou c5.96]



[ou c5.97]

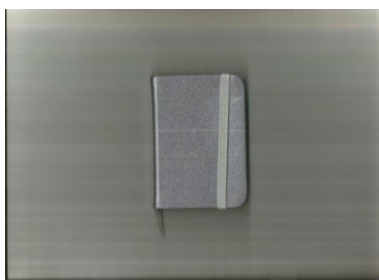


[ou c5.98]

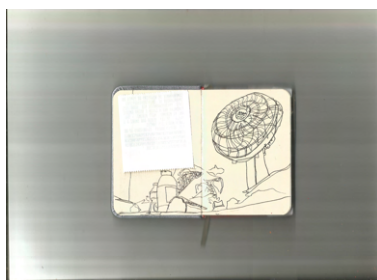
Caderninho: 06 [ficção?; fantasmagórico; irracional]

Período: 09/07/2023 - 09/09/2023 [62 dias]

Número de imagens: 88



[ou c6.01]



[ou c6.02]



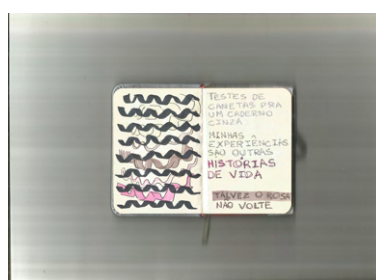
[ou c6.03]



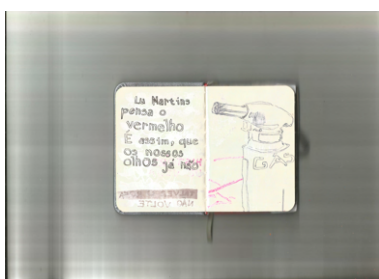
[ou c6.04]



[ou c6.05]



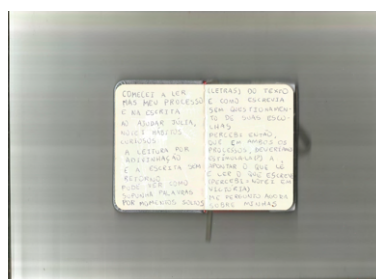
[ou c6.06]



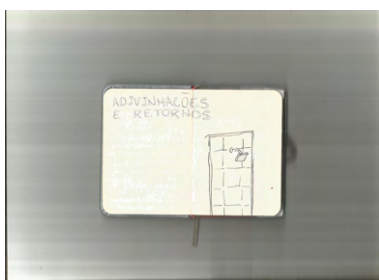
[ou c6.07]



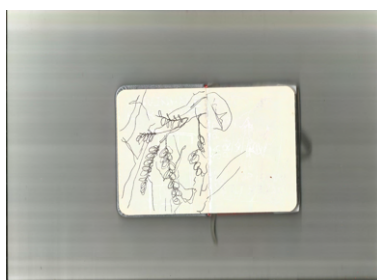
[ou c6.08]



[ou c6.09]



[ou c6.10]



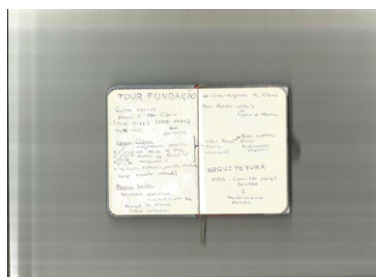
[ou c6.11]



[ou c6.12]



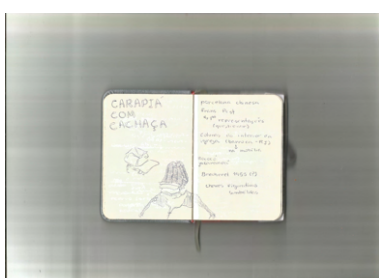
[ou c6.13]



[ou c6.14]



[ou c6.15]



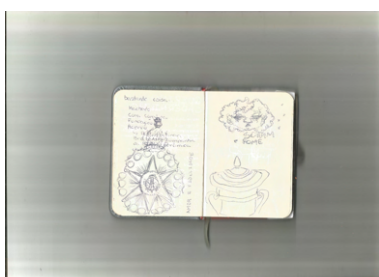
[ou c6.16]



[ou c6.17]



[ou c6.18]



[ou c6.19]



[ou c6.20]



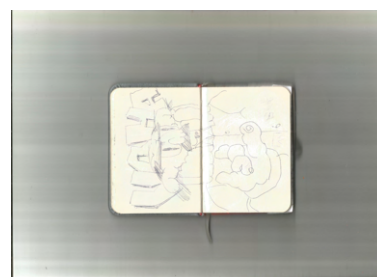
[ou c6.21]



[ou c6.22]



[ou c6.23]



[ou c6.24]



[ou c6.25]



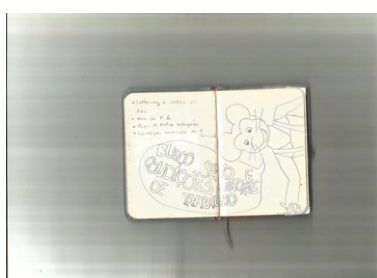
[ou c6.26]



[ou c6.27]



[ou c6.28]



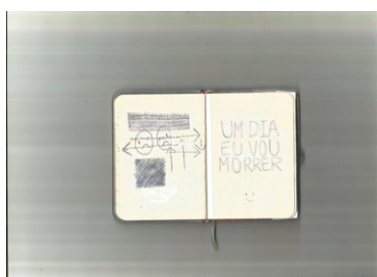
[ou c6.29]



[ou c6.30]



[ou c6.31]



[ou c6.32]



[ou c6.33]



[ou c6.34]



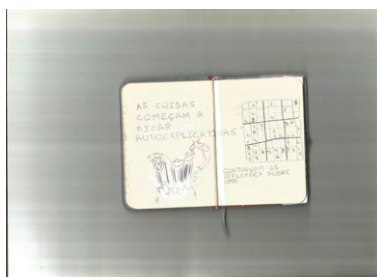
[ou c6.35]



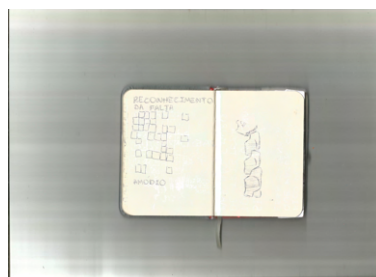
[ou c6.36]



[ou c6.37]



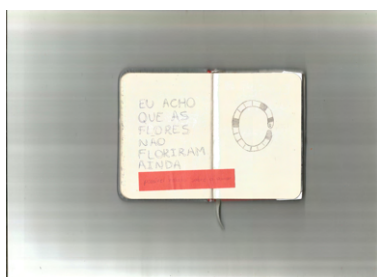
[ou c6.38]



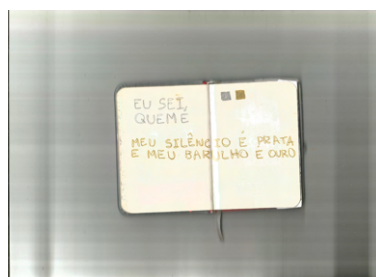
[ou c6.39]



[ou c6.40]



[ou c6.41]



[ou c6.42]



[ou c6.43]



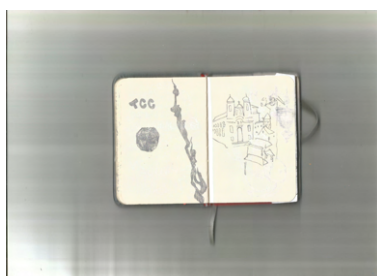
[ou c6.44]



[ou c6.45]



[ou c6.46]



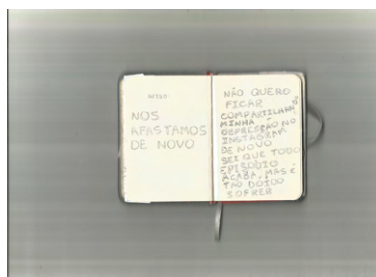
[ou c6.47]



[ou c6.48]



[ou c6.49]



[ou c6.50]



[ou c6.51]



[ou c6.52]



[ou c6.53]



[ou c6.54]



[ou c6.55]



[ou c6.56]



[ou c6.57]



[ou c6.58]



[ou c6.59]



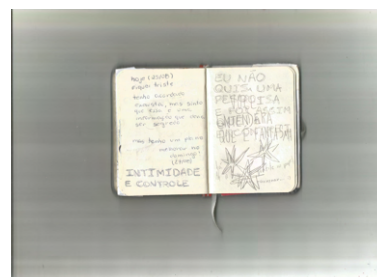
[ou c6.60]



[ou c6.61]



[ou c6.62]



[ou c6.63]



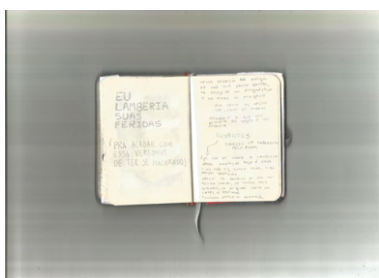
[ou c6.64]



[ou c6.65]



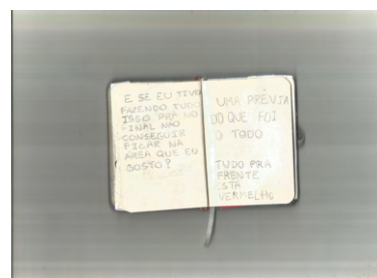
[ou c6.66]



[ou c6.67]



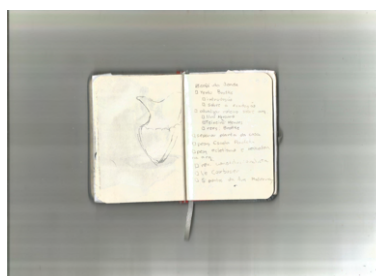
[ou c6.68]



[ou c6.69]



[ou c6.70]



[ou c6.71]



[ou c6.72]



[ou c6.73]



[ou c6.74]



[ou c6.75]



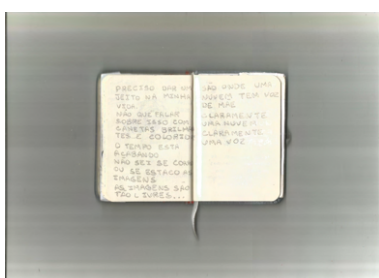
[ou c6.76]



[ou c6.77]



[ou c6.78]



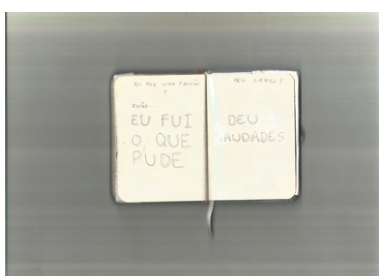
[ou c6.79]



[ou c6.80]



[ou c6.81]



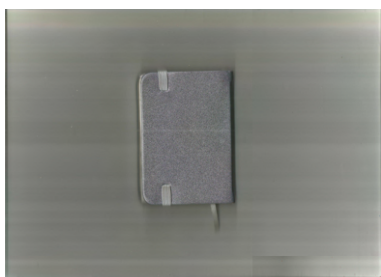
[ou c6.82]



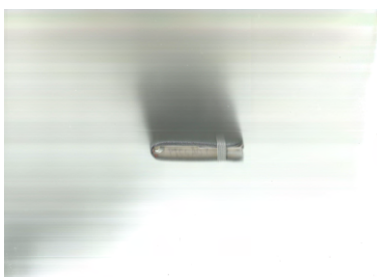
[ou c6.83]



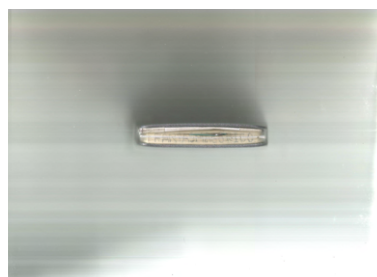
[ou c6.84]



[ou c6.85]



[ou c6.86]



[ou c6.87]



[ou c6.88]

Caderninho: 07

Período: 09/09/2023 - 28/10/2023 [49 dias]

Número de imagens: 85



[ou c7.01]



[ou c7.02]



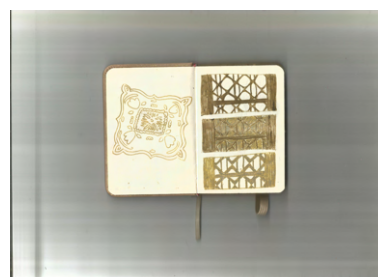
[ou c7.03]



[ou c7.04]



[ou c7.05]



[ou c7.06]



[ou c7.07]



[ou c7.08]



[ou c7.09]



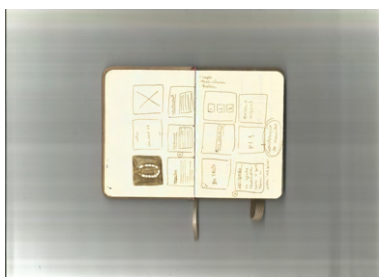
[ou c7.10]



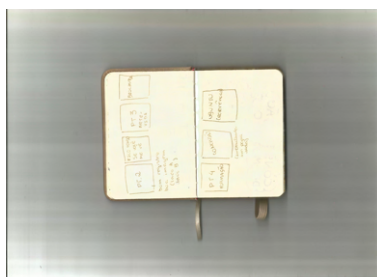
[ou c7.11]



[ou c7.12]



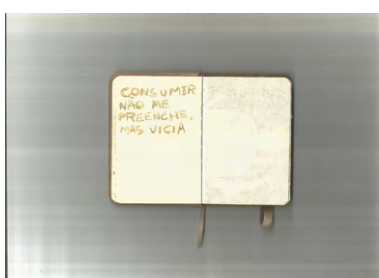
[ou c7.13]



[ou c7.14]



[ou c7.15]



[ou c7.16]



[ou c7.17]



[ou c7.18]



[ou c7.19]



[ou c7.20]



[ou c7.21]



[ou c7.22]



[ou c7.23]



[ou c7.24]



[ou c7.25]



[ou c7.26]



[ou c7.27]



[ou c7.28]



[ou c7.29]



[ou c7.30]



[ou c7.31]



[ou c7.32]



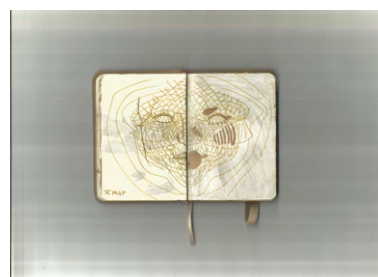
[ou c7.33]



[ou c7.34]



[ou c7.35]



[ou c7.36]



[ou c7.37]



[ou c7.38]



[ou c7.39]



[ou c7.40]



[ou c7.41]



[ou c7.42]



[ou c7.43]



[ou c7.44]



[ou c7.45]



[ou c7.46]



[ou c7.47]



[ou c7.48]



[ou c7.49]



[ou c7.50]



[ou c7.51]



[ou c7.52]



[ou c7.53]



[ou c7.54]



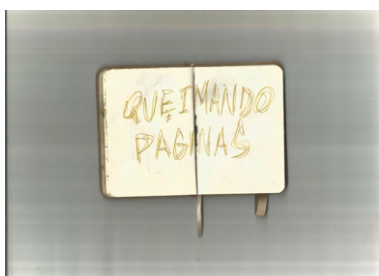
[ou c7.55]



[ou c7.56]



[ou c7.57]



[ou c7.58]



[ou c7.59]



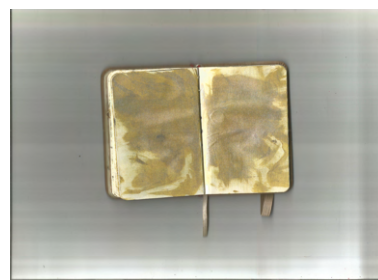
[ou c7.60]



[ou c7.61]



[ou c7.62]



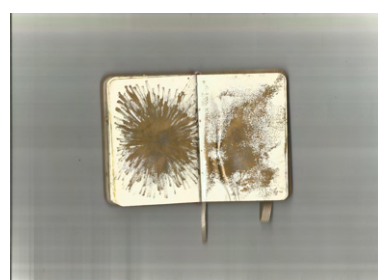
[ou c7.63]



[ou c7.64]



[ou c7.65]



[ou c7.66]



[ou c7.67]



[ou c7.68]



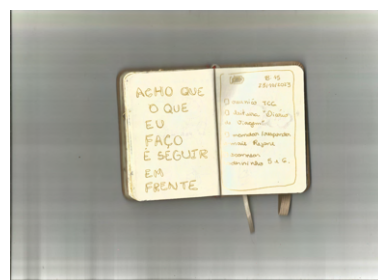
[ou c7.69]



[ou c7.70]



[ou c7.71]



[ou c7.72]



[ou c7.73]



[ou c7.74]



[ou c7.75]



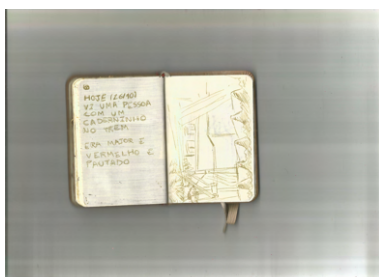
[ou c7.76]



[ou c7.77]



[ou c7.78]



[ou c7.79]



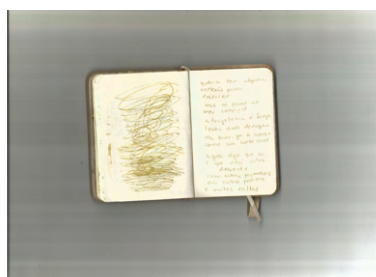
[ou c7.80]



[ou c7.81]



[ou c7.82]



[ou c7.83]

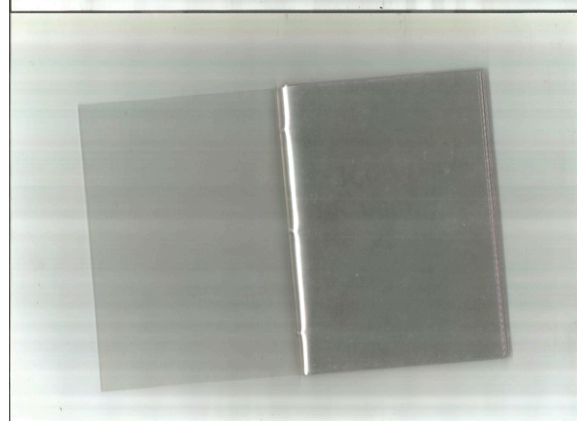
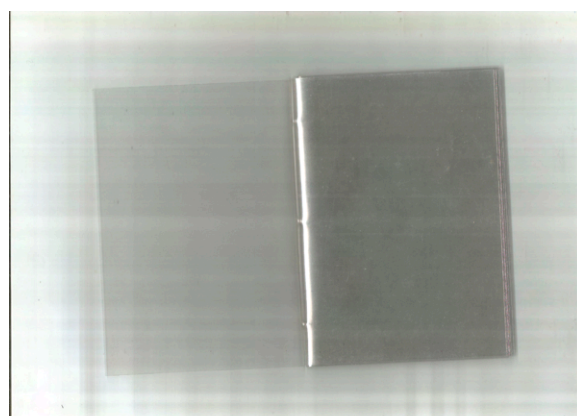
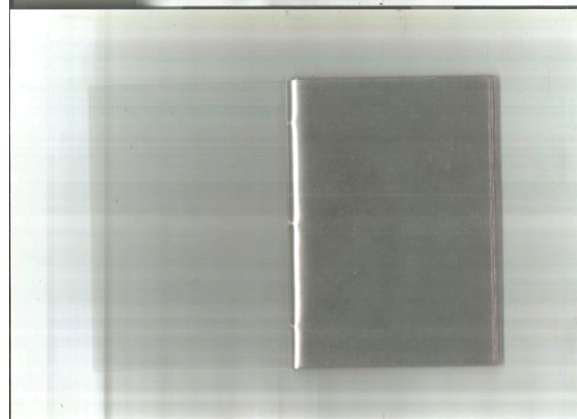


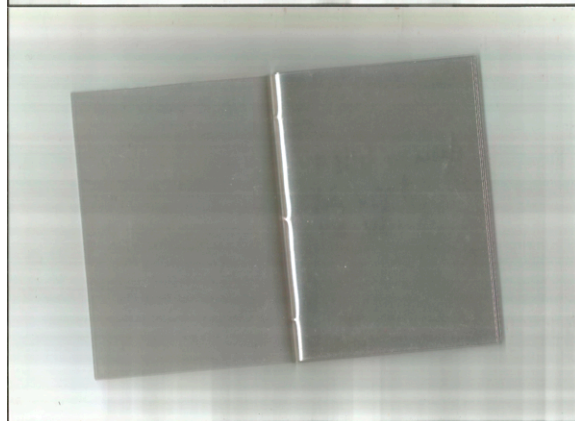
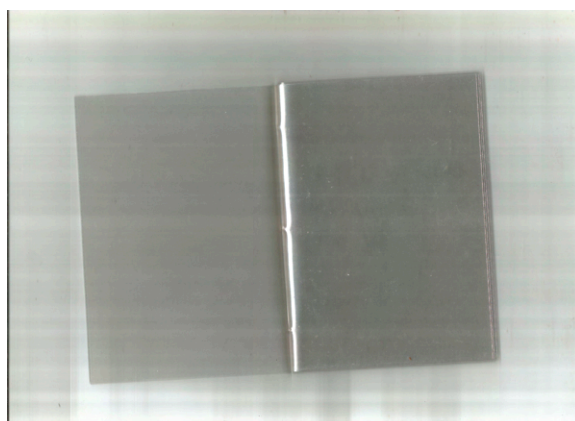
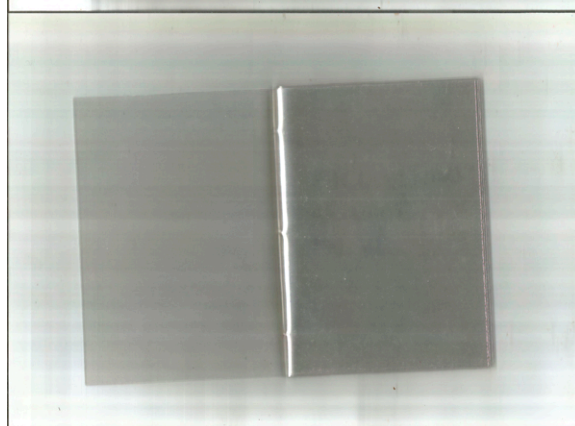
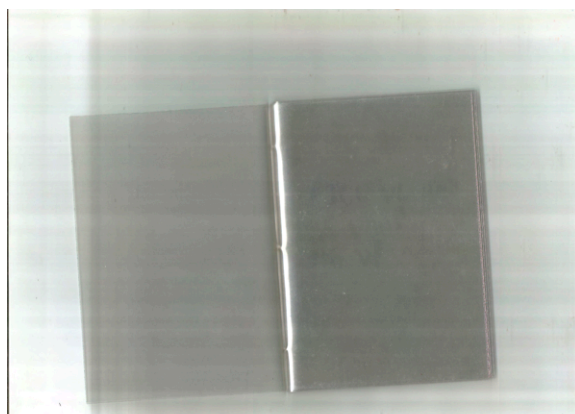
[ou c7.84]

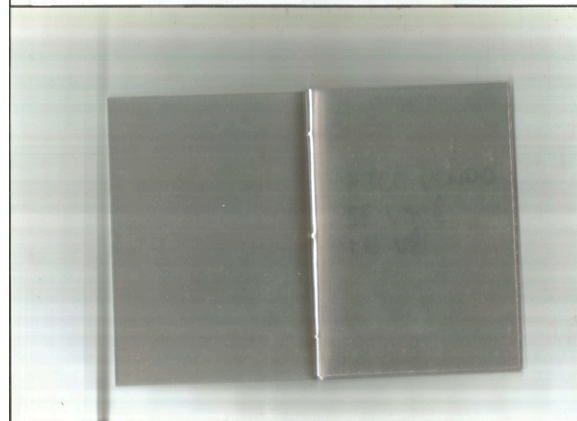
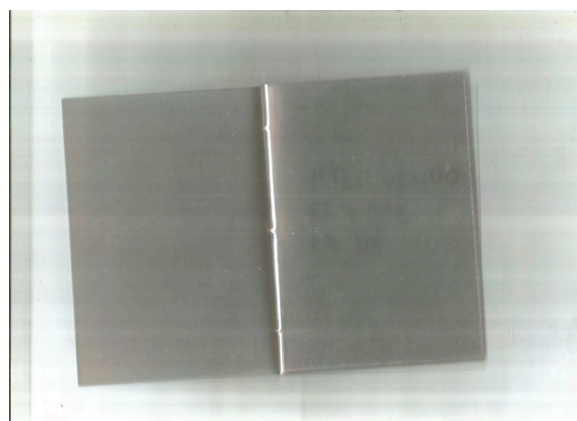
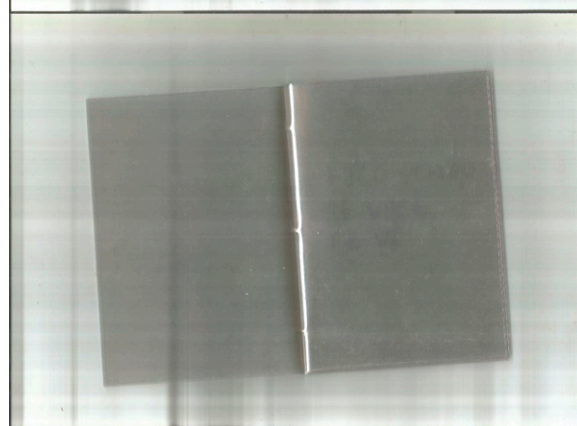
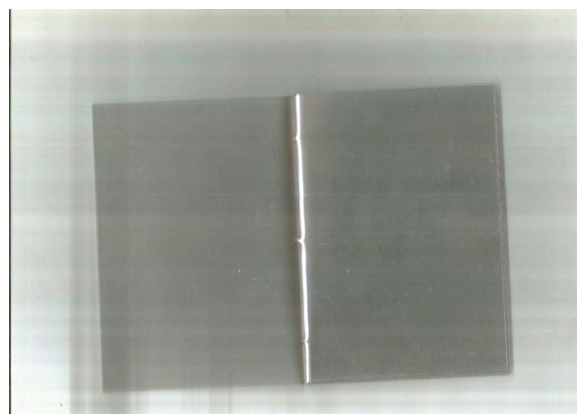


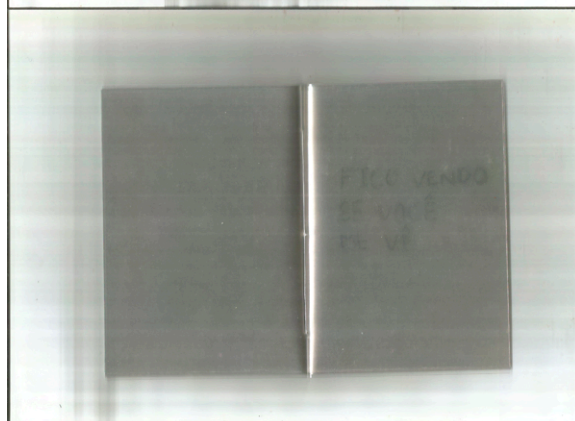
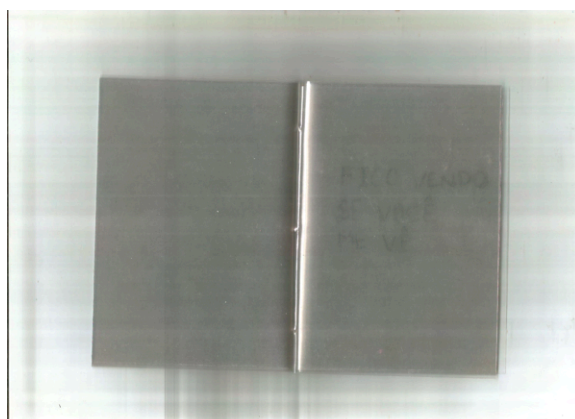
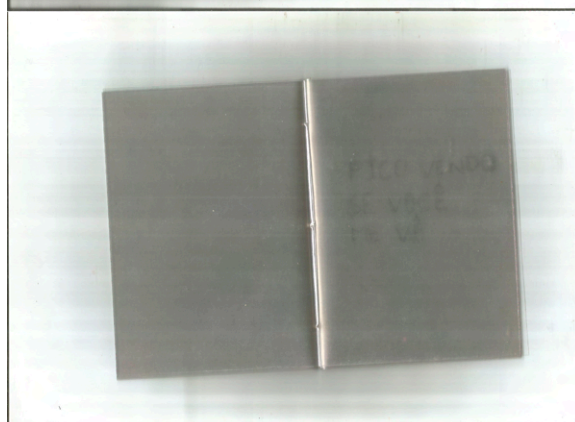
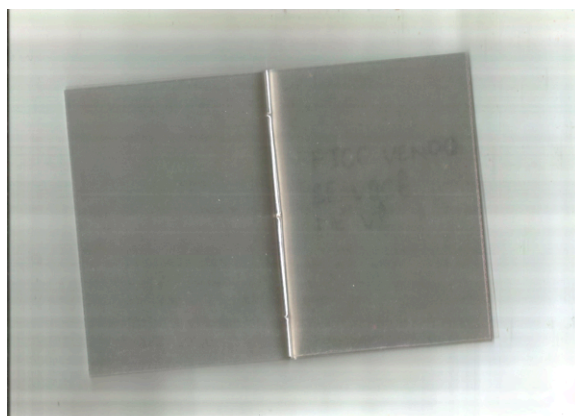
[ou c7.85]

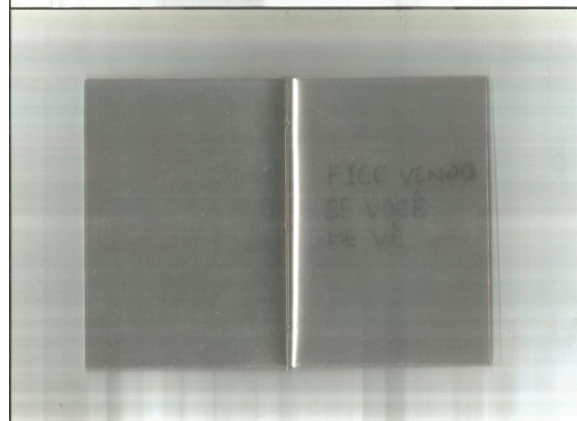
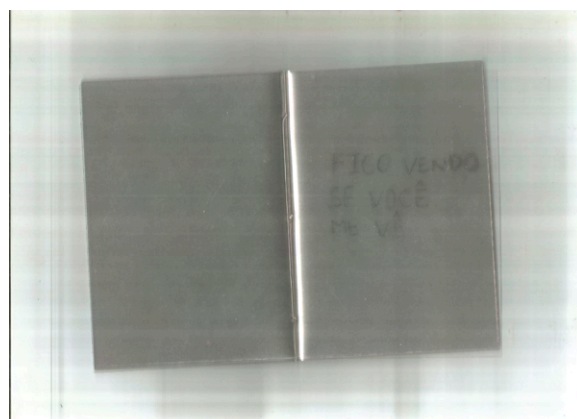
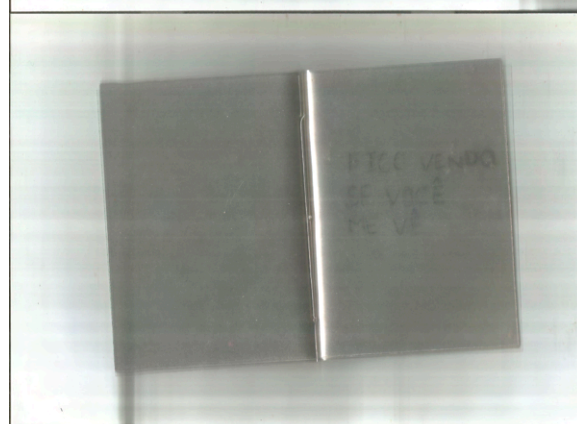
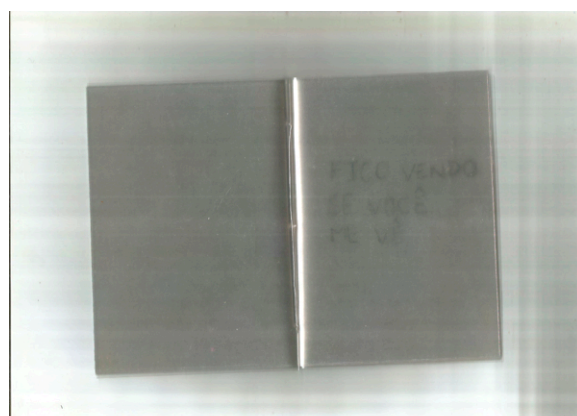
B. fico vendo se você me vê

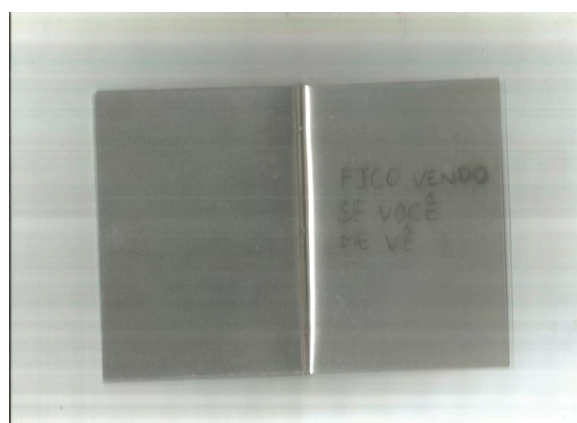
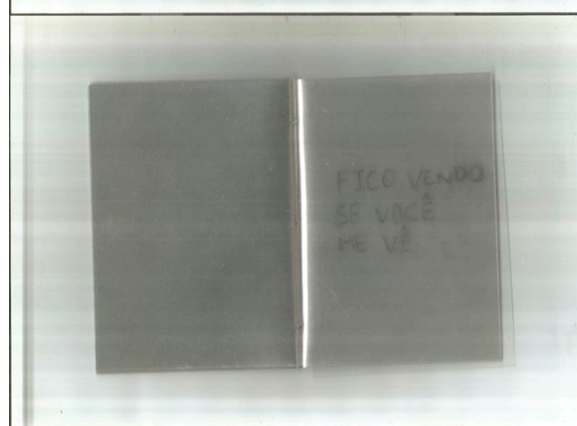
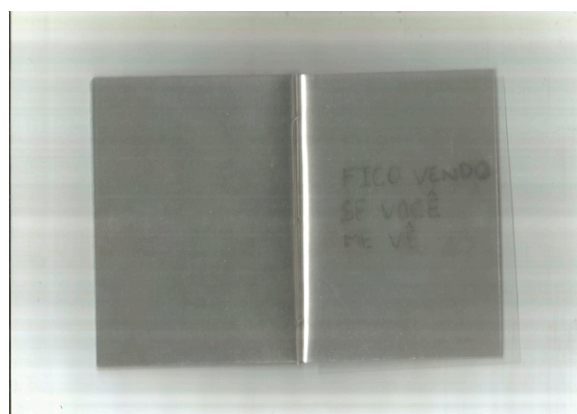


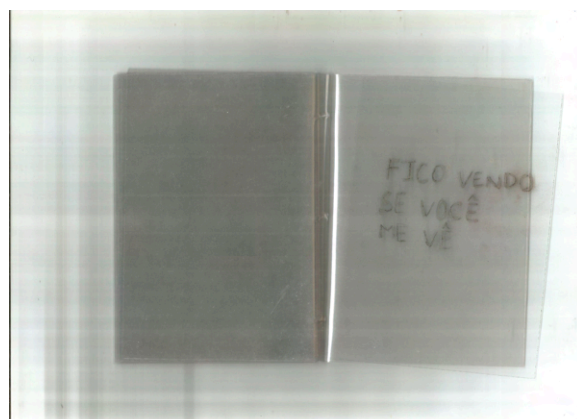
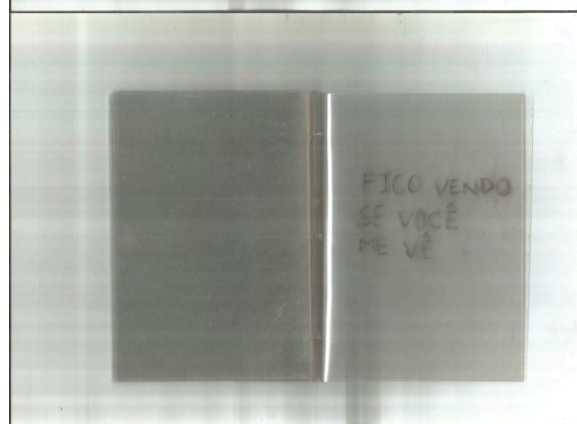
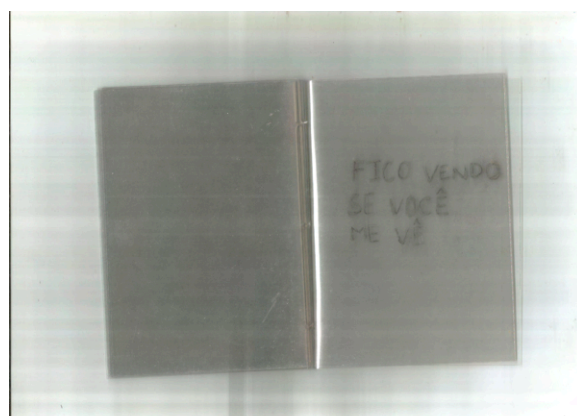


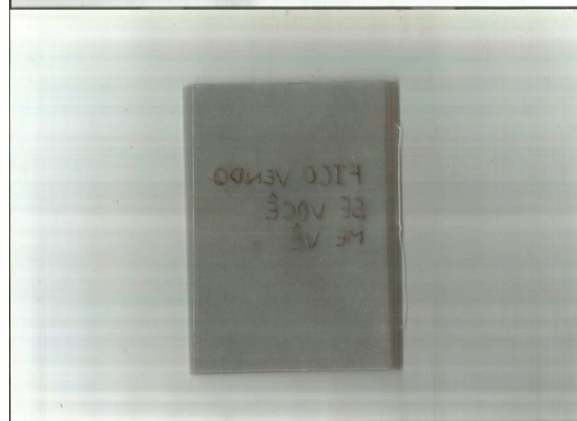
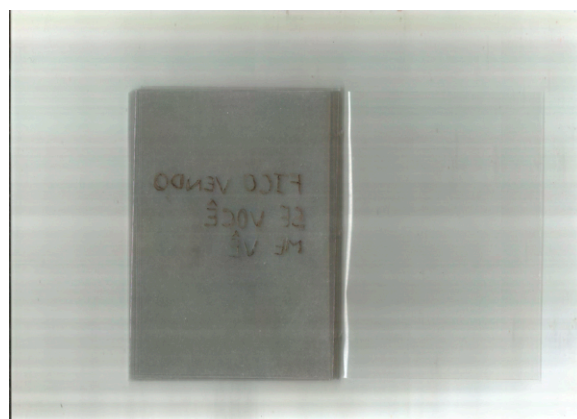
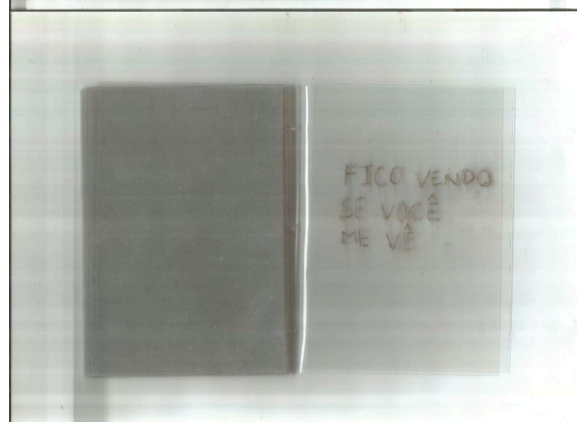












C. Brochurão

